

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRECTOR PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

H. Castello Branco

GERENTE:

João Baptista de Mattos.

ANNO XXI

BRASIL — RIO DE JANEIRO, SETEMBRO DE 1934

NUM. 244

EDITORIAL

Sejamos unidos

«Ha momentos, na historia das nações, em que o esforço de cada individuo por sua propria sorte tem o valor de um bilhete de loteria. É preciso que o esforço de todos e de cada um convirjam para o interesse geral, para que os interesses pessoais sejam solvidos». (Alberto Torres — A Organização Nacional).

As profundas modificações que se vem operando em nossa legislação militar, accentuemos mais uma vez, rasgam para o problema da Segurança Nacional horizonte promissor de realizações fecundas e capazes de soerguer o nosso definhado apparelhamento militar á altura de sua verdadeira finalidade.

Deu-nos, assim, a Administração as leis basilares que traçam directrizes seguras de organização e de procedimento, e que constituem bem meditada therapeutica para os males que se apontam como atrophiadores incidiços do organismo que todos desejam ver provido de maior vitalidade e pujança.

D'agora por deante, cabe ao Exercito a inteira responsabilidade da cura

pela applicação cuidadosa e consciente dos remedios e pela adopção de corpo e alma, de regime hygienico, em que as novas organizações e os novos moldes de procedimento encontrem o ambiente propicio a perfeito desenvolvimento. Não resta a menor dúvida e ninguem de boa fé o poderá negar, — gregos ou troianos, idealistas ou espiritos praticos, optimistas ou derrotistas, ardorosos ou displicentes, — que se nos antoja serio dilemma — ou caminhar para a frente, para o fortalecimento, para vencer, para viver, ou confessar a nossa propria incapacidade e caminhar para a dissolução.

Dissemos algures que o successo da reforma vai depender do grau de comprehensão que os Chefes respon-

saveis tenham de seu espirito, da sinceridade, do patriotismo, da dedicação pela causa publica e da energia de caracter com que saibam executal-a. É exacto, mas é certo que não completamos o nosso pensamento, uma vez que não ha boa logica em admitir-se que haja Chefes que não sejam uma expressão do meio, das possibilidades, das qualidades congenitas do organismo, donde lhe advem a maior capacidade de execução e a maior dose de prestigio.

Não queremos incidir no mau vezo de imputar-se aos homens publicos a inteira responsabilidade dos erros de governo, sem levar em conta a desorganização social do meio de que promanam. É preciso repartir essa responsabilidade, para reconhecermos o acerto do aphorismo que proclama ter cada povo o governo que merece.

Isso significa estar em nós mesmos termos a organização e os chefes que merecemos ou que quizermos ter.

E dizemos propositadamente «queremos ter», porque a primeira condição de realização efficiente de nossos procedimentos e desejos é que haja a expressão de uma *vontade uniforme, unica*. Em outras palavras, é preciso que haja *cohesão*; que todos cerrem fileira em torno dos mesmos ideaes; que pautemos os nossos pensares e procedimentos, dentro de tão espirito de harmonia e de cooperação.

A agitada evolução social dos nossos dias vem apontando, de maneira flagrante, semelhante modo de proceder. É pela cohesão, pela união dos individuos em torno de ideaes constituindo ideologias mais ou menos avançadas, que as novas organizações se têm imposto, à golpes de audacia e de vontade, a serviço de technica aperfeiçoada, algumas dellas lançando

mão desse meio para solapar os fundamentos das proprias instituições militares.

Pois bem, aproveitemos essa lição. Sejamos unidos em torno dos ideaes que alicerçam a finalidade das Forças Armadas. Essa união, essa cohesão, entre todos os membros da familia militar, pregada e praticada em todos os tempos, representa a mola real, o principal elemento da força e do prestigio das Forças Armadas. É bem verdade que ella existe e tem existido em situações normaes no seio do Exercito. Mas queremos crer que as necessidades de cohesão não têm sido convenientemente aproveitadas, principalmente quando se considera a acção dissolvente das propagandas facciosas de doutrinas exóticas.

Pensamos que ha uma auto-educação a refazer-se nesse sentido. O Exercito de soldados, sargentos, officiaes e generaes deve sentir, pensar e obrar como um ser unico, solidamente ligado por laços de affectividade consciente, nascida da noção do cumprimento do dever, da comunhão de interesses bem cuidados, pela salvaguarda do interesse collectivo e pela assistencia ao bem estar commun.

Sobretudo, *assistencia moral e material*.

Assistencia moral do superior para com o subordinado, visando essa reeducação da cohesão, do sentimento corporativo, do espirito de classe e de corpo, por meio do exemplo, da acção pelo bem estar commun e da propaganda de idéas, servindo-se mesmo da technica que os propagandistas dos novos credos usam em proveito destes. Urge que contrabatamos a dissolução actuando activamente em prol do nucleo de idéas que representam o nó vital do nosso ressurgimento. Urge que não abandonemos displicen-

temente os subordinados, principalmente os soldados, cabos e sargentos, permittindo que se tornem facil presa dos pescadores de aguas turvas, cujo principal objectivo tem sido a destruição da força organizada que é um obstaculo á desordem.

Assistencia moral do subordinado para com o superior no sentido da cooperação expontanea, concorrendo para o seu prestigio, facilitando-lhe a tarefa e evitando por todos os meios o enfraquecimento da auctoridade e repercussão externa das deficiencias que eventualmente existam no seio da classe.

Essa circumspecção de todos os elementos das classes armadas em relação ao meio civil, nos actos que indicam suas fraquezas, constitue um primeiro aspecto do Exercito mudo, tão apregoado.

Assistencia material dos orgãos dirigentes para com a tropa, facultando a esta todos os recursos necessarios ao bom desempenho de sua tarefa. Nada pode mais contribuir para a desaggregação do que o desmazelo; e a penuria de meios dá muitas vezes a impressão de incuria, de pouco caso e gera a desconfiança, tão prejudicial á cohesão.

É preciso tocar rebate, agora que a politicagem insidiosa pode infiltrar-se pelos quarteis a dentro na caça impudente do voto, nos manejos subtils de competições desleaes e de artimanhas pouco honestas.

Estejamos alerta e não nos deixemos embahir pelo canto de sereia dos que atrahem as Forças Armadas, não pelos seus bellos olhos, pelos seus altos interesses, mas pelo temor que elles lhes inspiram!

Quem sabe si essa sede de envolver o Exercito na politica, quando o verdadeiro Exercito a repelle, não encobre um manejão artificioso de Judith para destruir a força do Sansão temido, para desagregar-lhe a cohesão?

Seja como fôr, não mantenhamos illusões infantis; convençamo-nos de que só somos desejados porque parecemos fortes.

E essa fortaleza só existirá pela cohesão.

Sejamos um surdo mudo, não grotesco, mas coheso, forte, respeitado e admirado.

Cohesão

Nota de Redacção: — Já tinhamos escripto o nosso editorial—SEJAMOS UNIDOS —quando os jornaes publicaram o boletim do Gen. de Div. Parga Rodrigues de posse do Commando do 3.º R. M.

As suas palavras, fructo sem duvida de uma longa experiença, vêm superpor-se ás que a Revista publica na sua primeira página como despretencioso e sincero appello ao Exercito. Publicamos-las na intenção de mais difundir as idéas de cohesão e disciplina que, mais do que nunca, devem integrar as classes armadas na sua alta e inconfundivel seara militar.

«A missão que tenho a cumprir na maior e mais importante das nossas regiões militares se reveste, no momento actual, de aspecto particular, que a torna sobremaneira delicada e difficult.

Com effeito, além do ponto de vista propriamente estratégico, peculiar á região, terá a tropa uma função especial, não só antes como durante e apôs se processarem as eleições de Outubro vindouro. Seu modo de agir terá repercussão na historia geral e militar do paiz,

pois o Exercito brasileiro vae ser então submetido a grande prova de civismo e de puro patriotismo em tempo de paz.

Seria de lamentar-se, desmentindo as suas bellas e honrosas tradições, viesse a fallir pela maneira incorrecta e infeliz de agir.

Nenhuma força descontinua poderá actuar com efficiencia sem primeiro congraçar e reunir os seus elementos componentes, depois do que poderá ser orientada na direcção conveniente.

Ora, essa reunião de forças mais não é do que conhecido principio de arte militar, o qual sabemos empregar em tactica e estratégia, esquecendo-nos, porém, de que em todos os dominios da natureza é corrente e constante a sua applicação, mesmo nos meios intellectual (unidade de doutrina) e social (associações, syndicatos).

O Exercito, disperso e dividido, offerece largas brechas a uma certa politica que sómente pode viver e proliferar á custa do enfraquecimento e dissolução dessa força essencialmente nacional.

O modo de agir desse nosso verdadeiro inimigo tem sido a applicação intelligente do processo napoleónico: dividir para combater.

Foi necessário que a dura prova de 1932, em São Paulo, viesse chamar a atenção de nossa mocidade militar para a imprescindível e urgente necessidade de nos unirmos todos sob uma disciplina consciente e dentro da hierarchia militar.

Felizmente, as informações que daqui recebia no Rio e as que ora vos trago de outras regiões auctorizam-me a declarar que se essa união ainda não está integralmente realizada, muito pouco falta para isso. Eis, porém, que a artilharia inimiga acaba de abrir grande brecha no nosso «front», a qual devemos tapar.

Trata-se da concessão de direito de voto aos sargentos.

Esses nossos dignos auxiliares não devem, entretanto, illudir-se com essa concessão. Fosse ella consequencia do liberalismo e teria sido estendida aos cabos e aos simples soldados.

Qualquer illusão nesse sentido transformaria aquelles camaradas em meros instrumentos nas mãos de politiqueiros desalmados, os quaes depois, não hesitariam em alijal-os como imprestaveis.

Apontada essa brecha, cumpre-me indicar a todos o meio, aliás o unico compativel com a nossa dignidade de soldado e de cidadão, de a tapardes nobremente: 1) Votae conscientemente em quem quizerdes, mas não vos deixeis empolgar pela política partidarista, o que vos tornaria apaixonados. (Toda e qualquer paixão constitue doença mental, e esta tira-nos o discernimento e nos inflamma de odios tão inextinguíveis quão injustamente); 2) Não vibreis pelos homens, mesmo os de bellas palavras, e sim pelas idéas. (Se o contrario fizerdes, vos transformareis em «capangas» e trocareis vossas liberdades politicas e vossa cidadania pela peior das escravidões: a escravidão mental); 3) Evitae por todos os meios as discussões, reuniões e manifestações politicas e que por vosso intermedio jamais possa qualquer acto ou influencia politica penetrar na vossa caserna ou immiscuir-se no vosso serviço; 4) Quando fordes votar ide calmos e tranquillos fóra de grupos e discussões. Depositae na urna o voto e retirae-vos logo em seguida, do mesmo modo, para vossa residencia ou para o quartel e não mais penseis senão no vosso nobre dever de soldado de uma grande patria que tanto precisa de vossa disciplina e do vosso patriotismo; 5) Não vos esqueçaeis de que o adversario politico não é somente por isso um inimigo e de que vosso camarada, além de amigo, é tambem vosso companheiro.

«Se assim procederdes, camaradas, cuja honra de commandar tenho agora, ficas certos de que contribuireis de maneira preponderante para a ordem, tranquillidade e paz deste grande Estado e «ipso facto» para a felicidade de nosso grandioso Brasil.

Mostraremos assim que não somos somente soldados, mas tambem cidadãos desta grande Republica.

A batalha que quero vencer e cuja victoria poderá encerrar a minha já longa vida militar, depende agora somente de cada um de nós. Não posso dizer-vos como aos seus soldados disse Henrique VII: «Je suis votre roi, vous êtes français; voilà l'ennemi», e sim, «Sou vosso camarada, vós sois brasileiros e o inimigo ahi está, dentro de vós mesmos, caso vos deixeis dominar por influencias outras que não as dictadas pelos vossos sentimentos de soldados do nosso glorioso Exercito e cidadãos livres deste immenso e bello Brasil».

Mobilização económica no estrangeiro

Tradução da «Revue Militaire Française», de Janeiro de 1934

A guerra de exercitos foi substituida pela guerra de povos — afirmação esta que se tornou axiomatica.

Presentemente, ninguem mais duvida que cada belligerante possa ser constrainto a empenhar na luta todas as suas forças, sejam estas de que natureza fôr.

Politicos, militares, homens de negócios e publicistas proclamam, á porfia, que a *defesa nacional é actualmente total* e que, para assegura-la, é necessário preparar-se a utilização de todos os recursos do paiz.

Universalmente aceita em principio, uma tal preparação não pôde escapar ao choque de muitas dificuldades.

A extensão e complexidade dos problemas a resolver, o facto destes, em sua maioria, exigirem o concurso de actividades diversas, de apresentarem, sobretudo, o caracter de eventuaes e encontrarem sempre as officinas sobrecarregadas de encargos em apparencia mais prementes, pesam grandemente, em tempo de paz, sobre as disposições concernentes á mobilização nacional.

Um tal estado de cousas se manifesta em todos os paizes.

Sem duvida, o modo pelo qual se empreende essa tarefa nos Estados varia consoante as condições especiaes de cada um delles.

Mas, em essencia, o fim collimado e os obstaculos encontrados são, em toda a parte, pouco mais ou menos os mesmos. Parece, pois, haver interesse, não somente especulativo, mas tambem pratico, em examinar o que a respeito se faz fóra de nosso paiz.

Sem querer — é claro — applicar forçadamente aqui os processos adoptados no estrangeiro, deve-se, entretanto, procurar colher os fructos da experienca dos outros.

Ora justamente tres Estados: a AMERICA DO NORTE, a ITALIA e a BELGICA nos dão publicamente conhecimentos das disposições que tomaram relativamente á organização da nação para a guerra.

I

(AMERICA DO NORTE)

Os Estados Unidos — dotados de formidaveis recursos, tanto em materias primas, como em machinarias e mão de obra, possuidores de uma organização economica que lhes permitte obter um vasto rendimento, capazes de desenvolver em todas as classes um grandioso ardor em prol da utilização desses meios e, consequintemente, do trabalho — têm em sua capacidade de produção uma poderosa força guerreira.

Por outro lado, sob ponto de vista geographico e politico, elles até o presente se têm encontrado em optimas condições para explorarem integralmente esse seu potencial.

Não estão sujeitos a invasões que possam paralizar suas fabricas e suas minas, nem a bloqueios susceptiveis de lhes cortarem as communicações com o exterior.

No ambito das fabricações, como em todos outros campos de actividade, elles dispõem de tempo, espaço e meios.

Isso não é bastante, entretanto, para que sómente no instante supremo cuidem da fabricação do material de guerra necessário.

A potencia organica da industria, por si só, não é uma garantia sufficiente.

Quando se medita sobre tudo quanto a fabricação em series abrange — complexidade e multiplicidade de ferramentas, seleção e treinamento do pessoal,

ajustamento do trabalho das machinas para a recepção das materias primas, transportes, distribuição de energia — é que se comprehende porque a mais florescente usina não pôde mudar inconsideradamente o processo habitual de sua actividade. Tanto mais porque o material de guerra não admite o *pouco mais ou menos*.

Impõe-se um trabalho de adaptação que não pôde ser improvisado.

Precisamente, no decorrer da grande guerra, os Estados Unidos disso adquiriram experiencia.

É sabido que elles experimentaram grandes dissabores e que sobreveiu o armisticio sem que no campo de batalha houvesse figurado um só canhão, um só avião ou um unico *tank* de fabricação americana.

Contradictoriamente, uma desordenada produção acumulara enormes *stocks* dos mais heterogeneos materiaes, que fornecidos pelos mais altos preços de custo, tiveram de ser, mais tarde, liquidados em condições desastrosas.

Em summa, por não terem podido orientar e organizar o trabalho da industria, o resultado praticamente obtido não correspondeu, em producção, ao esforço e ás despesas feitas.

A organização creada nos Estados Unidos, no que concerne á utilização dos recursos da nação, corresponde a essas condições e experiencias.

Prever tão exactamente quanto possível as *necessidades* a satisfazer, determinar quaes as usinas em condições de melhor provê-l-as, tirar partido da circumstancia de serem as empresas muito abundantes, para, pelo menos de inicio, somente utilizar as que estejam melhor apparelhadas; ao mesmo tempo, levar as restantes a se prepararem desde o tempo de paz para as missões do tempo de guerra, estabelecer estreito contacto entre os industriaes e os serviços technicos militares, e, finalmente, aproveitar, so-

bretudo, os offerecimentos dos homens de negocios, explorando-lhes a cobiça de lucros, restringidos estes, porém, dentro de certos limites, para evitar os escandalos da ultima guerra — taes são as condições que todos devem procurar preencher, si quizerem, eventualmente, obter da industria *fabricações macissas*.

A lei da defesa nacional (Nation Defence Act), de 4-VI-920, attribue ao Sub-Sectretario de Estado da Guerra (Assistant Scretary of War) a missão de provêr, tanto em tempo de paz como de guerra, as necessidades materiaes do Exercito. Em quanto o Estado Maior General tem como dominio proprio tudo que se refere com a mobilização das Tropas, com sua instrução e com as operações, cabe ao Sub-Secretario de Estado dirigir e coordenar a actividade dos Serviços. Estes são em numero de sete, encarregados respectivamente: dos *aprovisionamentos* (Quarter Master Corps), do material bellico (Ordnance), da *aeronautica* (Air Corps), do *serviço de saude* (Medical Corps), das *ligações* (Signal Corps), dos *gazes* (Chemical Warfare Service), dos *trabalhos* (Corps of Engineers).

Esses Serviços são constituidos por officiaes technicos. Mas, e é isto um dos aspectos originaes da organização americana, cada um delles é assistido permanentemente por um «comité de estudos», composto de figuras do mundo de negocios, que auxilia intensamente o trabalho do respectivo Serviço.

Alem desses Serviços, duas commissões dependentes directamente do Sub-Secretario de Estado se occupam — uma, da energia e das forças motrizes; outra, das construções maritimas, em tudo quanto possam interessar ao Departamento da Guerra.

Outra commissão, chamada das «Munições», distribue os encargos da Guerra e da Marinha quando estes se acham sujeitos á concorrencia dos fornecedores.

Finalmente, todas essas commissões são como que enfeixadas numa outra que não se constrange em chamar-se «Comissão de Negocios» (War Department Business Council) e que é o Conselho permanente da Administração Central no que se refere ás suas relações com a industria, o commercio e os transportes.

Pessoas muito consideradas na vida economica americana fazem ou fizeram parte activa desse Conselho.

Graças a essa intima collaboração dos homens de negocios e da Administração, esta, com conhecimento de causa, pôde fazer suas encomendas e tomar medidas necessarias á sua execução.

Em cada Serviço, o plano de fabricação, baseado nos pedidos do Estado Maior General, é a resultante do trabalho de tres Secções: «Secção de estudos», que visita e estuda os estabelecimentos; «Secção dos fornecimentos», que trata de fornecer ás usinas designadas os meios que lhes sejam necessarios para satisfação das encomendas, especialmente os que dizem respeito ás materias primas; «Secção dos meios de produção», que acompanha a evolução economica, particularmente sob o ponto de vista dos methodos de fabricação e das aplicações científicas, e orienta, em consequencia, tanto a industria propriamente dita, como os serviços technicos militares.

Até esse ponto, porém, o trabalho de preparação, por mais necessario que seja, permanece, em essencia, estatico. É preciso traduzil-o em factos, isto é, por as bellas e bôas usinas em situação de executar, no menor prazo, as fabricações especiaes de guerra. A esse respeito, parece ter sido realizado um grande esforço de organização.

Antes de tudo, afim de realizar na base da organização uma aproximação entre a autoridade militar local e os industriaes, identica a que existe no alto, cada grande Serviço dividiu o territorio em um certo numero de districtos, de

accôrdo com as condições economicas locaes.

Deste modo, o «Ordnance» (armamento) abrange 14 circunscripções; a «Air Corps», conta seis, etc....

À testa de cada districto, o serviço tem uma secretaria que é constituida, em regra: *por uma figura regional*, tão notável quanto possivel, e pertencente á especie da industria considerada, e *por um official adjuncto*.

Um simile de estado maior, formado de especialistas industriaes, assiste tal secretaria. Todos esses civis são colaboradores voluntarios, trabalham graciosamente (ordenado de 1 dolar por anno) e conservam seus encargos em tempo de guerra, mesmo quando sejam officiaes da reserva.

A Secretaria de districto reparte as encomendas entre os estabelecimentos qualificados, de modo que seja satisfeita a parte do plano de fabricação que lhe foi attribuida pela Administração Central. Officiaes aggregados ao districto, pessoalmente tomam contacto com os industriaes, fazem o reconhecimento dos estabelecimentos, avaliando-lhes a capacidade real de producção e dando-lhes, quando for o caso, indicações technicas pretendidas a propósito da melhor disposição das usinas, do emprego eventual de ferramentas especiaes, da recepção dos objectos fabricados, etc.

Compreende-se que um tal systema, que repousa, do cimo á base, na collaboração dos Serviços do Exercito e dos productores, exige de ambas as partes um mutuo entendimento.

É mistér que os militares tenham conhecimento profundo das formas de trabalho da industria e que, reciprocamente, os principaes chefes de estabelecimentos saibam de que natureza são as necessidades que elles terão de satisfazer.

Durante os primeiros annos que se seguiram á guerra, esta condição era facilmente preenchida, graças á experien-

cia adquirida por uns e outros. Mas o tempo passa e, atravez delle, surgirão homens novos.

Por isso, os Americanos tomaram medidas tendentes a manter, em ambas as partes, pessoal idoneo.

Foi instituido o «Army Industrial College» para dar aos officiaes dos serviços technicos a necessaria formação. Alguns delles, mesmo, vão frequentar na Harward os cursos dessa Escola Superior de Administração de Negocios. (Harward School of Business Administration), de que o «Centre de Preparation aux affaires», recentemente fundado na França nos moldes das teorias de Fayol, é uma especie de emulação.

Além disso, afim de preparar futuros chefes de districto, membros adjunctos das commissões militares, ou simplesmente chefes de estabelecimentos que tenham de trabalhar para a defesa nacional, são escolhidos annualmente nas Universidades — consoante a carreira provavel de cada um — algumas centenas de rapazes para que ali lhes seja ministrada uma instrução especial.

As mais logicas e completas medidas preparatorias, porém, valeriam bem pouco, si, na execução, os industriaes não demonstrassem o mesmo ardor pratico de que se revestem em tempo normal, quando procuram fazer prosperar seus negocios. Afim de mantel-los nesse proposito, o Estado acena-lhes com o engódo dos lucros.

Na America, ninguem calcula de quanto é capaz, mesmo em tempo de guerra, o influxo dessa grande mola de actividade. Entretanto, em consequencia das escandalosas experiencias de 1917-1918, é preciso manter os ganhos em proporções razoaveis. Typos de contractos entre o ministerio e os estabelecimentos foram estatuidos, nesse sentido, pelo intendente geral Ruggles, sendo nelles previstos, para os industriaes, notaveis lucros, mas, apesar, disso, limitados.

Em principio, 5 % do preço total das encomendas.

Será maior e chegará até 12 1/2 %, si, pela compressão dos preços do fabricação, o industrial puder faturar as encomendas abaixo das previsões e offerecer, assim, economias ao Estado.

Qualquer que seja o caso, para cobrir o estabelecimento contra erros, frequentes em fabricações novas, uma especie de garantia de juros de 1 % lhe é outorgada de antemão.

Por fim, é prevista igualmente a participação financeira do Estado na criação ou transformação de certas usinas.

Todavia, essas bases de futuros mercados de guerra parecem deixar na sombra uma multidão de pontos que precisariam ser fixados, em cada caso especial, na mobilização. Quais hão de ser os preços convencionaes, como se ha de fazer, em contradicção, a avaliação dos custos de fabricação, que condições serão impostas relativamente á recepção, pelo Estado, dos objectos manufaturados, quaes as penalidades previstas para os casos de não execução dos contractos, etc.?

Em um paiz em que as regras do direito administrativo estão longe de serem tão nitidas e rigorosas como na França, haverá sempre, em sua applicação, brecha para interpretações dispares. Além disso, deve-se acrescentar que essa impressão não contraria absolutamente os americanos, mais preocupados em obter resultados do que em acumular garantias.

De qualquer modo, o sistema parece ter sido satisfatorio. De 1930 até aqui, mais de 20.000 estabelecimentos haviam já recebido as indicações relativas ao concurso que elles devem prestar no caso de guerra. A atitude dos industriaes foi, quasi por toda a parte, de absoluta cooperação.

Grande numero delles elaboraram projectos muito completos, determinando a cadencia provavel de suas fabricações.

Muitos outros, por sua vez, estabeleceram tambem custosos planos para modificarem suas usinas na mobilização.

Em ultima analyse, parece que a America esteja actualmente em condições de executar, quando preciso, fabricações massicas e, desta vez, racionaes.

Mas não é tudo, ter assim previsto o trabalho das usinas. Impõe-se ainda que se lhes assegurem os meios. É verdade que os Estados Unidos possuem enormes recursos. Resta, porém, distribuilos e o Estado nisso deve interferir, do contrario, em caso de necessidade, o jogo dos especuladores e a concorrença vião destruir todas as previsões.

Em cada serviço da Administração Central, a Secção dos Fornecimentos, auxiliada pelos «Comités de materias primas» (um comité para cada uma destas) mantem em dia os *catallogos* das materias primas chamadas «estrategicas», dos respectivos *stocks* e de suas fontes de producção. Uma «Secretaria de prioridade» prevê sua repartição.

É de notar, que, contrariamente ao que se poderia supôr, o paiz será obrigado a importar, na totalidade ou em parte, um certo numero de productos essenciaes. Vinte e seis materias primas «estrategicas» lhes deveram vir por mar, notadamente o antimonio, o crômo, o manganez, o nikel, o mercurio, o estanho, o tungstêno, o iodo, os nitratos, a borracha, o café, a sêda, etc.

De accôrdo com o Departamento do Commercio, o Ministerio da Guerra procura não só favorecer a producção dessas materias no interior, como o descobrimento de «succedaneos».

Provavelmente conservam a lembrança das experiencias realizadas. ha alguns annos, por Edison, com o fim de substituir a borracha pelo extracto de uma

planta commum na America — o *Gold Rod* ou *Solidago*.

Finalmente, é de presumir que, na elaboração do plano de transportes adequado a toda essa atividade eventual, tenha ficado assegurado o concurso directo dos grandes organismos existentes, tales como a «American Railway Association» e a Interstate Commerce Commission».

Vê-se que os Estados Unidos, certos como estavam de não se acharem ameaçados directamente por ninguem, do mesmo modo que, a fortiori, não temiam ser invadidos, quasi não se preocuparam em organizar seu *esforço total*, limitando suas medidas de mobilização nacional ao prepero do concurso da industria ás fabricações militares.

Sob esse ponto de vista, a organização realizada corresponde bem ao temperamento de um povo que vê com vistas largas todas questões, por possuir enormes recursos e encarar os gastos como secundarios.

Por fim, seu regimen social, em que o proveito material é o movel de toda a actividade e a base de toda hierarchia, permite-lhes fazer vibrar largamente a possante mola dos interesses particulares.

É verdade que as novas condições economicas, politicas e militares vão, sem duvida, determinar nos Estados Unidos, tanto sob o ponto da defesa nacional, como de outros, profundas modificações.

Quem sabe o que serão dentro de alguns annos, não, por certo, determinadas riquezas naturaes da America, que se conservarão immensas, mas o rendimento da producção, o apparelhamento industrial e a capacidade financeira do Estado? Quem é capaz de predizer o equilibrio social que se pode estabelecer amanhã, após a terrivel crise por que atravessa o paiz?

Que consequencias advirão da necessidade em que se acha a America de,

Estudos sobre defesa de costas e regiões fortificadas

Tradução da «*Revue Militaire Française*» n. 15 - Janeiro de 1934

Pelo Coronel Morin

Tradução do Ten. Cel. Arthur Joaquim Pamphyro

(Continuação do n. 243)

*Ensina*mentos a tirar para a defesa de costa das operações de desembarque realizados durante a guerra
1914-1918

Embora nos parecesse interessante examinar em detalhe as condições de tomada de contacto com a terra das divisões inglezas em Suola, todavia não pensamos deste unico exemplo tirar todos os ensinamentos que nos permitirão preconisar um «sistema» de defesa de costa.

Esse desembarque em Suola, que sob o ponto de vista do ataque, é o typo da operação-surpresa inicialmente bem conduzida, apresenta certas particularidades que é preciso notar; as circunstancias são verdadeiramente muito favoraveis ao assaltante, pode-se dizer mesmo excepcionaes: a praia está apenas a 14 milhas de Imbros, base de partida; não sómente essa praia não é dotada de meios de reacção (artilharia de costa, armas automaticas, nenhuma infantaria ou quasi) mas ainda o defensor não dispõe de esquadra nem de aviação.

doravante, preparar sua propria e imediata defesa, em face da situação que se esboça no Pacifico?

Não se avançaria muito em affirmar que os Estados Unidos, hoje ou amanhã, terão de estender a todos os dominios da actividade nacional a preparação guerreira que, no momento, elles limitam á

A esse respeito o ataque, feito pelos allemaes ás ilhas Oesel e Moou em Outubro de 1917, preparado com meios muito poderosos (a melhor parte da esquadra de alto mar e o effetivo de duas divisões) teria sido para nós objéto de meditações mais proficuas si o adversario tivesse lançado mão de todos os meios de que ele dispunha.

Na realidade a desmoralisação do exercito e da marinha russos, em plena revolução, permitio a Von Hutier reduzir relativamente com poucos gastos as baterias de 305 em Tserel e de 152 em Hundsort e Nievast e, desembarcando na bahia de Toga, adquirir o dominio completo do golfo de Riga: assim ficou estabelecida a segurança do flanco Norte do exercito allemao.

Embora as operações de desembarque realizadas na ultima guerra apresentassem certas anomalias que podem não reproduzir-se em operações futuras — uma operação deste genero não trará sempre circunstancias que lhe serão proprias? — reteremos para a defeza as necessidades seguintes:

industria. E se pode pensar que a iniciativa privada, as grandes despesas, os ricos dividendos, que constituem nessa materia a base do sistema americano, venham a ser substituidos, cedo ou tarde, por concepções mais rigorosas de economia, obrigaçao e igualdade.

(Continúa)

1.^a— Ter baterias de grosso calibre e grande alcance capazes:

a) — de bater todos os portos e baías das ilhas vizinhas da costa e suscetíveis de servirem ao inimigo como base de desembarque;

b) — impedir os vasos de guerra inimigos de aproximarem-se o bastante da praia de modo a apoiar eficazmente com sua artilharia um corpo de desembarque lançado nas praias vizinhas.

2.^o— Iniciar o estudo da organização defensiva da costa pela determinação de todas as praias favoraveis ao desembarque inimigo.

**

Os órgãos da *defesa de costa* podem classificar-se assim:

A) — *Defesa fixa de terra*. Compreende:

1.^o) — Baterias de costa;

2.^o) — Tubos lança-torpedo;

3.^o) — Sistema de iluminação á noite e de busca de inimigo;

4.^o) — Organs de vigilancia para a defesa da costa contra um desembarque;

5.^o) — Posições defensivas contra um desembarque;

6.^o) — Instalações para os serviços.

B — *Defesa movel de terra* — comprendendo tropas em reserva, dispondo de meios de transmissão e de transporte de uma rête de estradas de rodagem apropriada.

C) — *Defesa fixa do mar* — com:

1.^o) — Barragens por minas submarinas;

2.^o) — Vigilancia dos movimentos dos navios inimigos por postos de escuta sub-marina e radiogonometrica.

D) — *Defesa movel do mar* — assegurada ao largo pelas esquadras do defensor e na vizinhança da costa por navios pequenos (torpedeiros, sub-marinos, vedetas).

Estudar todos esses organs seria fazer um curso de defesa de costa, o que não é nosso objectivo; por isso nos limi-

taremos a examinar apenas aquelles que mais directamente interessam os officiaes do exercito, isto é, baterias de costa e a organização contra desembarques.

**

As *baterias de grosso calibre* tem para missão emprehender a luta com a artilharia dos navios os mais possantes, tão longe quanto possível e perfurar-lhes a couraça.

Conforme sua missão tática, elles se classificam em:

- Baterias de ruptura, destinadas a atacar á distancia curta, com tiro rasante, os navios que tentarem forçar a passagem;
- Baterias de bombardeio, de tiro direto ou indireto, para atacar os navios até ás maiores distancias e por consequencia por um tiro feito sob grandes angulos.

As primeiras, pela pequenez de seu campo de tiro, podem ser instalados geralmente em casamatas de concreto ou subterraneas.

Nessa instalação deve-se procurar:

- *desenfiar suas canhoneiras* por uma disposição analoga á do typo «casamata de Beurges»;
- *rapidez de remuniciamento* no curto instante favoravel ao tiro, por conveniente disposição dos paíões e utilização de dispositivos mecanicos;
- *proteção contra gazes* (obturação da canhoneira por um couraçamento não deixando passar sinão a bolada dos canhões e os aparelhos de pontaria e o estabelecimento da sobrepressão interior).

Antes de 1914 as *baterias de bombardeio* eram instaladas em geral para a visão direta a uma certa altitude. Para proteção bastava um simples parapeito, devido ao pequeno angulo de tiro permitido pelos reparos de bordo.

Mas a partir dessa época:

- o aumento dos angulos de tiro permitidos pelos reparos de bordo (60.^o para o *Deutschland*);
- o emprego dos aviões para a busca dos objetivos e a regulação do tiro;
- o aumento da precisão do tiro;
- a utilização de projéctis apropriados os objetivos terrestres;
- a utilização de monitores para bombardeio exigem que a organização e a instalação das baterias de grosso calibre evoluam no sentido de attender aos seguintes requisitos:
- O *alcance* da bateria deve aumentar paralelamente ao da artilharia de bordo;
- É preciso *dissimular* o mais possível a bateria ás vistas dos aviões e sobre-tudo ás vistas directas dos navios. Para isto, sempre que possível, desenfiar-se-á uma bateria das vistas do mar, colocando-a a traz de uma crista. Ella fará portanto o *tiro indirecto*, que será regulado por observadores colocados á frente da crista protetora. Serão evitadas as formas geométricas, tales como o alinhamento das quatro peças, por facilitarem a caracterização da bateria.
- As peças serão separadas por grandes intervalos, de maneira a diminuir a eficacia de um tiro inimigo bem regulado. Esses intervalos serão no mínimo de 200 metros, profundidade da zona batida pelos tiros de uma mesma salva.
- Organisar-se-á a *proteção* da bateria contra um desembarque inimigo, o que obrigará a afastal-a da praia para dessimulal-a.
- O *grande alcance das peças* vai permitir procurar a concentração dos fogos de varias baterias sobre cada um dos pontos do mar a interditar ao inimigo. Poder-se-á ainda, como o fizera os Alemães na costa belga, utilizar as baterias de costa para a

luta em terra. Em consequencia, cada uma das peças deverá ter um *campo de tiro muito grande*, atingindo mesmo 360.^o.

- Cada peça deverá ser organisada para ser *remuniciada* e *atirar* rapidamente. Deve-se utiliar para isso a energia electrica.
- Os *paiões de munição*, os *abrigos para o pessoal* e os *locaes essenciaes*, cujo desenvolvimento superficial torna passíveis de serem atingidos, deverão ser protegidos contra os tiros percutentes dos maiores obuzes. Suas disposições serão portanto analogas ás adoptadas para os organos similares das fronteiras terrestres.
- A *camara de tiro* da peça, que só pode ser protegida por uma blindagem sel-o-á não contra os tiros percutentes pouco provaveis, mas contra os *estilhaços* e contra os *gazes*.
- Finalmente a limpeza do tubo alma deve ser feito por *ar comprimido*, de maneira a evitar o retorno de chamas, disposição que ainda facilita a proteção contra os gazes suscetiveis de aparecerem no momento da abertura da culatra.

A complicação que resulta, devido a rapidez de tiro a assegurar, para a organização de uma bateria de bombardeio e a necessidade de se estar sempre pronto a entrar em ação, exigem a instalação da mesma em fortificação permanente.

Ella se fará o mais geralmente em *pôço*, sempre que for possível encontrar um local desenfiado ás vistas do largo por uma crista, que não ponha em angulo morto uma porção nem muito extensa nem muito importante do mar; não sendo assim será feita em *torre*.

A instalação da bateria será feita em *via ferrea*, quando se quizer reservar para as peças a possibilidade de um deslocamento estrategico, o desideratum que justifica seu custo elevado.

Esta solução pode apresentar um interesse particular para baterias de reforço, para o caso em que diferentes fronteiras marítimas não pudessem ser ameaçadas simultaneamente.

Antes de entrar no detalhe desses diferentes modos de instalação, convém fazer-se uma idéa da ordem de grandeza do peso do material.

Tomemos como exemplo um estudo feito pelos Estabelecimentos Schneider para um canhão de 381 mm., de 45 calibres, atirando um projétil de 35 toneladas a 31 km., com uma velocidade inicial de 800 metros por segundo.

Os pesos das diferentes partes dessa peça são:

Bolada (*partie reculante*) 83 T, berço e reparo 110 T, blindagem de 20 mm. 15 T., total 208 T.

Si a blindagem fosse de 70 mm. para por a peça á prova dos tiros percutentes dos projétils lançados pelos engenhos blindados, resultaria um acréscimo de peso de 35 T.

Na *instalação em poço*, o material e sua camara de tiro ficam em um fôsso circular disposto na parte superior de um maciço de concreto que ainda contem:

- depositos de projétils e cartuchos;
- mecanismos de remuniciamento;
- central electrica;
- posto de comando para o chefe de peça;
- abrigos e locaes accessorios para serventes;
- uma entrada organisada defensivamente.

A area coberta por tal maciço regula 30x30 m.

A *instalação em torre*, utilisada para o tiro direto, requer uma proteção mais forte e conduz, por conseguinte, para reduzir a despesa, a uma disposição ocupando menor area. Na pratica a disposição é análoga á da torre de um navio. Na *instalação sobre via ferrea* a boca

de fogo repousa sobre uma viga-reparo, que descansa sobre truques.

A colocação em bateria é feita sobre uma plataforma circular de concreto, previamente construida. A viga reparo é trazida ao centro, retirada de seus truques e colocada sobre uma armação metalica, engastada na plataforma.

Um vagão especial, correndo sobre uma via concentrica circular, permite o remuniciamento e carregamento da peça.

Os organs annexos: depositos de combate, central electrica, depositos de reserva, posto central de tiro, quarteis, podem ser instalados em posto fixo ou em vagões.

A mobilidade do alvo exige para o *commando e a direcção (conduite) do fogo* uma organização bastante complexa.

O tiro é dirigido e controlado de um observatorio chamado *Posto director de tiro*. Esse posto observa a direcção, distancia, inclinação, a velocidade do navio inimigo; observa igualmente os desvios do tiro da bateria. Para fazer todas essas observações, de um modo continuo e simultaneo, é preciso varios aparelhos e numeroso pessoal. O observatorio será portanto desenvolvido em superficie e procurará sua proteção sobretudo na dissimulação. Uma chapa de aço de alguns centimetros protegelo-á contra os estilhaços e as intemperies.

Coloca-se o posto director do tiro *bastante alto* para que veja o mar até o limite do alcance da peça. Para isso, sua altitude deve ser superior a

$$h = \frac{D^2}{16}$$

sendo h a altitude minima em metros, D o alcance da bateria em kilometros. Entretanto essa altitude deve ser *bastante baixa* para que o posto não seja envolvido pelas nuvens.

Para ajudar o posto director na determinação da distancia do navio inimigo e dos desvios dos tiros da bateria, utilisa-se

uma r  de de outros observatorios escalonados ao longo do litoral, distantes entre si cerca de 10 km.

Esse postos chamam-se *postos azimut  es*. S  o tratados como o posto director do tiro, mais simplesmente, porem, sendo menores sua apparelhagem e seus effectivos.

Para deduzir das observa  es do posto director do tiro e dos postos azimut  es os elementos de pontaria em direc  o, levando-se tambem em conta o movimento do navio inimigo, ´e preciso toda uma s  rie de calculos que s  o efectuados mecanicamente por apparelhos colocados no Posto central de tiro.

A organisa  o desse posto depende dos apparelhos e methodos empregados, mas deve-se disp  r de uns quarenta metros quadrados para a camara dos apparelhos. Deve-se construilo em galeria de minas, para protegel-o contra o bombardeio e para p  r os apparelhos ao abrigo das vibra  es causadas pelo arrebatamento dos projetis inimigos ou pelo tiro da bateria.

Transmissões convenientemente protegidas ligam o posto director do tiro e os postos azimut  es ao posto central e esse ´s diferentes pe  as da bateria.

As baterias de costa de m  dio calibre podem ser fixas ou moveis.

As moveis, sobre rodas ou via ferrea, servem sobretudo como refor  o.

As baterias sobre rodas s  o instaladas segundo os processos da fortifica  o de campanha. As baterias sobre via ferrea podem, pelos esfor  os relativamente fracos que elas transmitem ao s  o, serem instaladas em um ponto qualquer da via ferrea. Requerem somente o estabelecimento de pequenas superficies de apoio suplementares construidas com o lastro da via na ocasi  o oportuna.

As baterias fixas s  o instaladas com todos os recursos da fortifica  o perma-

nente de maneira a poderem abrir o fogo instantaneamente.

Os principios que regem essa instala  o s  o os seguintes:

- Escolha do local da bateria de maneira que ella possa bater em seu setor de tiro todas as partes do mar accessiveis aos navios armados com pe  as de calibre igual ao da bateria. Essa condi  o quasi sempre exige que a bateria fa  a tiro directo.
- Organisa  o facilitando a rapid  s de tiro e remuniciamento.
- Instala  o das pe  as a c  o aberto, mas sob blindagem ligeira, pondo os serventes ao abrigo de estilha  os; protec  o dos depositos e abrigos contra os projetis de medio calibre. A protec  o ´e completada pela dispersao, pela ausencia de para dorso e pelo mascaraamento (camouflage).
- Protec  o summaria contra gazes toxicos.
- Organisa  o de defesa propria, em particular contra os engenhos blindados.

As baterias de costa de pequeno calibre s  o geralmente instaladas em barbeta de maneira a fazer o tiro de pontaria directa. Pela rapidez de tiro do material utilizado, 20 a 25 tiros por minuto o armamento de uma bateria se reduz quasi sempre a 2 pe  as instaladas, ao lado uma da outra.

Lembramos emfim que entre as baterias de pequeno calibre est  o comprehendidas as pe  as de defesa anti-aerea. Em resumo a organisa  o das baterias de costa difere da das baterias terrestres principalmente em consequencia da mobilidade dos alvos, da rapidez do consumo e da instantaneidade da entrada em acc  o.

Essas condic  es exigem sua instala  o previa em fortifica  o permanente, pelo menos dos que constituem o esqueleto da defesa.

(Continua)

O 1º Batalhão de Engenharia

Nas operações no Estado de São Paulo

Pelo Cel. L. G. Borges Fortes

Nota da redacção — O título deste artigo pode causar estranheza aos leitores por se referir á mais recente luta interna. Foi essa a nossa primeira impressão ao receber o trabalho. Cedo verificamos-lhe, porém, o aspecto inteiramente profissional-technico, eviado de referencias pessoais e accordamos na sua publicação para que fiquem registrados os factos das operações militares internas, de maneira que permitta, daqui ha tempos, a sedimentação dos ensinamentos, tão necessarios á fixação de uma tactica que corresponda verdadeiramente á nossa mentalidade, ás nossas possibilidades e ás condições de terrenos.

O autor desse trabalho vem ao encontro dos conselhos de um dos mais auctorizados mestres da M.M.F., que nos recommendava que não nos esquecessemos em futuro proximo, de estudar os «casos vividos» das operações internas, naturalmente de pequeno vulto mas prenhes de ensinos, tanto como verificação das prescripções regulamentares, como para orientar a modificação dos processos quando os recursos são escassos.

Devidamente autorisado pelo Exmo. Sr. General Góes Monteiro actual Ministro da Guerra venho fazer aos meus camaradas do Exercito a narrativa dos trabalhos do 1.º B.E., nas operações do Valle do Parahyba, durante o movimento revolucionario de 1932.

Meu intuito é salientar as vantagens obtidas da collaboração da Engenharia nas operações militares, vantagens algumas vezes postas em duvida no Brasil pela falta de exemplos concretos no nosso meio que as comprovassem. Sobre a utilidade da arma de Engenharia tem-se augmentado como prova de convicção com os exemplos das guerras estrangeiras onde as condições de meio, o apparelhamento da arma e outras varias circumstancias fazem suppor que sómente lá se offerece oportunidade para fazer agir a Engenharia o mesmo não acontecendo aqui.

Relatando agora factos ocorridos entre nós ha pouco tempo penso trazer uma contribuição para que melhor se julgue do valor da arma.

Passemos pois a elles.

No momento da irrupção do movimento revolucionario de S. Paulo foi mandado a 10 de Julho de 32 organizar além de outros um destacamento constituído pelos 2.º R.I., 1.º R.C.D., 3.º R.I., II/1.º R.A.M., 1 Cia. do 1.º G.A.Mth. e o 1.º B.E., tudo sob o Comando do Coronel Daltro Filho e que devia deslocar-se rapidamente para a linha Rezende — valle Rio Formoso até á estrada Rio-S. Paulo (Estado do Rio).

Parte das tropas do destacamento fez seus movimentos para a frente nesse mesmo dia e o 1.º B.E. partiu em composição da E.F.C.B. ás 5 horas do dia 13 com o seguinte effetivo: 16 officiaes e 290 praças e composto de 1 Cia. de S.M., 1 Cia. de Trns. e 1 Sec. Extr. levando além disso viaturas, material technico e cavalhada.

A Cia. de Ptns. do Btl. com sua equipagem de pontes e com o effectivo de 156 praças e 3 officiaes achava-se desde Maio do mesmo anno em Pinheiro (E. do Rio) em exercícios de sua especialidade.

Em consequencia dos acontecimentos recebeu ella logo ordem para estar em

condições de poder movimentar-se a qualquer momento.

Em Pinheiro igualmente achava-se parte da equipagem de pontes do 4º B.E. e algumas praças commandadas por um official do mesmo Btl. e que collaboravam com a Cia. de Ptns. do 1º B.E. nos seus exercícios.

Estas praças sob o Commando do official poucos dias apos a deflagração do movimento recolheram-se á séde de sua unidade (Itajubá) deixando em Pinheiro o material de sua equipagem de pontes.

Esta circunstancia foi de grande utilidade para o 1º B.E. que poude assim dispôr de uma equipagem de pontes quasi completa isto é com capacidade para cobrir vãos até 90 metros de extensão.

Em 18 de Julho apresentou-se a 2.ª Cia. de sapadores-mineiros mandado organizar no Rio de Janeiro entrando logo em actividade com o effectivo: 4' officiaes e 140 praças. Elevando-se assim o effectivo do Batalhão a 23 officiaes e 586 praças.

Por metodo de exposição e attendendo ás diferentes especialidades technicas das Cias. do B.E. farei referencia á acção de cada Cia. em separado pois que dessa forma foi que sempre se empenharam.

Começarei pela Cia. de Transmissões que subordinada technicamente ao Chefe do Serviço de Transmissões do E.M. da D.I. continuou porém no ponto de vista administrativo e disciplinar subordinado ao commando do Btl. que superintendia a toda a sua actividade.

As 5 horas do dia 13 em composição da E.F.C.B. partiu da Villa Militar o 1º B.E. chegando a Barra Mansa ás 12 horas e ahi permaneceu embarcado aguardando ordens do Commando do Destacamento.

No dia seguinte ás 16 horas recebeu ordem para proseguir para Rezende e

ao attingir a estação Oliveira Botelho ás 18 horas foi recebida a ordem de ahi pernoitar esperando que a estação de Rezende permitisse o accesso de nossa composição o que só se veio realizar no dia seguinte ás 14 horas.

Dia 15 — Chegados a Rezende iniciamos logo o desembarque da tropa, material, cavalhada, indo o Btl. acantonar no edificio do Cinema Odeon.

Nesse dia ao apresentar-se o Commandante do 1º B.E. ao Cel. Daltro Filho Commandante do Destacamento declarou aquelle que receberia ordens e que o Btl. estava pronto a cumpril-as quaesquer que fossem, porém que, se permitia ponderar, sendo seu Btl. uma tropa de especialistas melhores serviços poderia prestar na esfera de suas aptidões technicas do que se fosse empregada como infantaria.

O Commandante do Destacamento concordou plenamente com estas ponderações e declarou que só empregaria o 1º B.E. em missões compatíveis com as suas especialidades.

Era este facto altamente promissor para a nossa arma que até então em operações militares brasileiras raramente havia sido empregada logicamente na conformidade de seu destino organico.

Num paiz de vias de communicações precarias de escassos meios de transmissões de topographia accidentada cortado por numerosos cursos d'agua a Engenharia terá sempre um vasto campo de applicação á sua actividade.

Largos serão os beneficios que advirão para as demais armas e serviços com a actuação do 1º B.E. no decurso das operações como em seguida se verá apreciando a variedade e importancia dos trabalhos executados pelas diferentes Cias. do B.E. sempre em tempo opportuno facilitando enormemente o evoluir e desdobramento normal das operações ta-

ticas das tropas. E tanto isso é um facto incontestavel que mereceu o 1º B.E. desde o inicio a honrosa citação do Exmo. Snr. General Commandante do Exercito de Leste a qual farei constar no fim desta exposição como tambem a referencia constante do relatorio final que o mesmo General Commandante apresentou após a conclusão das operações de 1932 altamente expressiva.

A Cia. de Transmissões, ao irromper o movimento revolucionario foi a primeira do Btl. a receber missões. Na madrugada do dia 10 de Julho de 1932 o Sr. Cel. Cmt., pessoalmente transmittiu a ordem do Sr. Cmt. da Bda. para que a Cia. occupasse a estação de Décodo com a missão de impedir a descida de qualquer trem com destino á D. Pedro II. Immediatamente cumprida foi ella até ás 17 horas do dia 11, quando recebeu ordem de embarque para S. Paulo. Providencias foram tomadas, tendo a Cia. encorporada ao 1º B.E., seguido para aquele destino, ainda na madrugada de 12. A partir de Rezende, primeiro acampamento do Btl., até Lorena, localidade onde a Cia. concluiu sua ultima tarefa, foram executados varios trabalhos, para o desempenho das missões a ella atribuidas e que se seguem.

MISSÕES

I) — Estabelecimento de postos collectors de informações nas localidades de Bananal e Formoso. Estas ligações foram feitas em automoveis.

II) — Sensuras telegraphicais, telefonicas e postaes das localidades onde se instalava o Q.G. do Exercito de Leste.

III) — Estabelecimento de um eixo de transmissões, aproveitando tanto quanto possível a rede fixa da Light e acompanhando o leito da E.F.C.B. (trecho ligando REZENDE — ITATIAYA —

LORENA, em uma extensão approximada de 90 kms.

IV) — Estabelecimento de um eixo de transmissões ao longo da Estrada Rio-S. Paulo (trecho ligando FORMOSO — CLUB DOS 200 — CACHOEIRAS, em uma extensão approximada de 80 kms.

V) — Estabelecimento de um eixo de transmissões, acompanhando o itinerario do Cel. Newton, tudo na extensão approximada de 60 kms.

VI) — Instalações de centraes telephonicas em: AREIA — ITATIAYA — CÁ-CHOEIRA — SILVEIRAS — CRUZEIRO — LORENA.

VII) — Exploração de varios postos telephonicos da Bia. 120 longo, á disposição do Exercito de Leste.

VIII) — Idem dos varios postos telephonicos nos campos de Aviação de REZENDE a LORENA.

IX) — Por necessidade absoluta do serviço, auxilio durante 8 dias com o restante disponivel das praças para a execução de terraplenagem do Campo de Aviação.

Estas foram as de maior monta.

No decurso das operações executou a Cia. varias outras derivações de linhas telephonicas, além de rôdes em cabo de campanha e interrupções ficticias, conforme se faziam mistér.

As principaes ligações foram:

REDES DE LIGAÇÕES

a) — Ligação em cabo de campanha ligando: REZENDE — FAZ. DO TANQUE — FAZ. S. JOSÉ — FAZ. DAS DORES — FAZ. SANT'ANNA DOS TÓCOS — FAZ. J. REZENDE, circuito medindo approximadamente 45 kms. de extensão.

b) — Rôde de ligação entre Rezende e o P.C. movel do Sr. Gen. Daltro.

c) — Rêde de ligação permittindo as communicações entre os P.C. do Cel. Daltro, Cel. Christovam, Campo de Aviação.

d) — Ligação telephonica entre SÃO JOSÉ DOS BARREIROS e o P.C. mais proximo do rio SANT'ANNA.

e) — Ligação entre S. José dos Barreiros e o P.C. do Cmt. do Dest. Cel. Colatino.

f) — Rêde de ligação communicando ITATIAYA — FAZ. PALMEIRAS — AREIA — S. DOMINGOS — QUELUZ em uma extensão approximada de 30 kms.

g) — Pequenas ligações, circuitos de pouca monta e installações de dois postos radios, foram executados ainda no decurso das operações.

RECÓLHIMENTOS DE LINHAS

Logo que se deram como terminadas as operações, a Cia. iniciou o recolhimento de suas linhas, o que foi difficultado a falta de meios de transporte.

MEIOS DE TRANSPORTE

Utilizou-se a Cia. de autocaminhões, o que em algum logares nada adiantaram por não possuirem estradas de rodagem que facilitassem o transito d'aquelles, veiculos. Na maioria dos casos foram as bobinas transportadas em cargueiros ou pelas proprias praças da Cia. Para as 1.^{as} ligações foram utilizadas as viaturas do typo regulamentar da Cia. Diminuto foi o seu aproveitamento; além de fracas são inadequadas para os fins a que se destinam. Além disto eram de tra-

ção animal, o que difficultava seguidamente a rapida e prompta transmissão, tão necessaria ao bom desenvolvimento das operações.

SERVIÇOS IMPREVISTOS

Durante o periodo da revolução varios foram os serviços imprevistos que a Cia. executou; dentre elles os principaes foram:

a) — Organisação de pequenos destacamentos de transmissões que ficaram á disposição dos:

- 1) Dest. Cel. Daltro.
- 2) " " Christovam.
- 3) " " Newton.
- 4) " " Colatino.
- 5) " " Fontoura.
- 6) Bia. 120 longo.

b) — Ligações urgentes entre os varios P.C. dos R.I. d'aquelles destacamentos.

c) — Constantes reparos em Itatiaya das rôdes de ligações, ligando o P.C. do Snr. Gen. Cmt. do Ex. de Leste e os destacamentos da vanguarda, ligações que eram diariamente damnificadas naquella localidade pelos constantes bombardeios das forças revoltosas.

d) — Restauração de varios trechos da rôde telephonica existente, seriamente damnificada.

a) — Ligações directas entre Rio - P.C. Cmt. Exercito de Leste.

f) — Restauração de toda linha existente entre CLUB DOS 200 — AREIAS — FORMOSO — CACHOEIRA.

(Continúa)

Biblioteca de A DEFESA NACIONAL

Regulamento de Educação Phisica

(1^a e 3^a Partes)

Publicação provisoria autorizada pelo E. M. E. e em quatro fasciculos
(dois para cada parte)

Os dois primeiros fasciculos já se acham á venda (3\$000 cada um).

Subsidio para os candidatos ao concurso de admissão á E. de Estado Maior

Pelo Cap. Pedro Geraldo de Almada

(Continuação do n.º 242)

METHODOS SCIENTIFICOS

DO METHODO EM HISTORIA

Pela palavra «historia», tomada em toda sua extensão, entenderemos: «o conjunto das manifestações da actividade e do pensamento humanos, considerados em sua successão, seu desenvolvimento e suas relações de connexidade ou de dependencia». (G. Monod — Do methodo nas Sciencias).

A immensidade desse domínio fez nascer «SCIENCIAS AUXILIARES» numerosas (paleographia, epigraphia, archeologia, numismatica, etc...); e permite tambem distinguir «RAMOS DA HISTORIA» (historia da arte, historia literaria, historia militar, etc....).

Essas «sciencias auxiliares», esses «ramos» nós faremos, no momento opportuno, entrar nas «fontes» da Historia; mas, a todos se applicam tambem (com as nuances necessarias...) os principios e os processos do «methodo historico».

Com efeito, o fim do methodo historico é, sempre, indicar porque processos, não obstante a grande incerteza, o historiador se approximará da verdade. Ainda, indicar-lhe, quaes os meios de imaginação e de interpretação que deve empregar.

Algumas noções geraes, muito simples, dominam esses processos.

É antes de tudo a *complexidade da pesquisa*, e, a *complexidade da critica* que os difficultam.

Por esse motivo é que ao se pretender tratar de um assumpto historico, antes de mais nada, precaver-se contra todas

as difficultades e todos os aborrecimentos que fatalmente surgirão em consequencia das desconfianças das bases da «pesquisa» e da «critica».

Precisamos nos acautelar contra as duas tendencias extremas, dizia o Ten. Cel. Lestien, em uma de suas conferencias sobre Historia Militar, feitas na Escola Superior de Guerra da França. Uma, muito frequente hoje, nos levaria a taxar de illusorio todo testemunho sobre a guerra: toda testemunha seria parcial, interessada, mentirosa; todo documento official seria falso; pretender a verdade seria uma fantasia... Esta desconfiança é uma das causas do que chamamos, a crise da historia militar». «A outra tendencia, dia á dia, mais rara, consiste em tomar por verdadeira toda affirmação escripta ou impressa». «O historiador deve ter o bom senso necessario para não se deixar levar pelas paixões. Sua attitude é uma attitude scientifica, é a «duvida methodica» (1), duvida methodica e provisoria». Todo testemunho deve a priori ser considerado como suspeito de erro, de erro voluntario ou não».

Os processos que constituem o methodo Historico não devem ser postos em accão successivamente mas sim simultaneamente.

Sem duvida as tentativas iniciaes não poderão senão grosseiramente (muitas vezes falsamente...) servir para a obra final.

(1) — Scepticismo: a duvida methodica de Descartes é o ponto de partida de sua philosophia.

(Nota do traductor)

É preciso, entretanto, de qualquer forma, ter sempre presente ao espirito o quadro de conjunto desses processos, de modo que sejam applicados, si possivel dizer, todos reunidos e separadamente ao mesmo tempo.

É preciso uma grande subtilesa.

Este metodo tende a fazer da Historia uma «sciencia» visto que elle a submete a certas regras de critica scientifica.

Mas, a Historia permanecerá sempre «uma arte»; não acreditamos que a reunião dos materiaes e a sua exploração possam ser feitas por aquelle que não possua certas qualidades especiaes.

Poderá ser objéctado que o mesmo se dá em qualquer estudo.

Concordamos; mas julgamos ser necessário relembrar nesse momento tal afirmação, visto que a exposição dos processos que vamos abordar apresenta forçosamente um aspecto um pouco rígido.

O metodo historico apresenta dois grupos de operações, cujos nomes já são bem conhecidos. A ANALYSE e a SYNTHESE.

A ANALYSE abrange por sua vez dois grupos de operações:

1.^a) a critica das fontes (as vezes chamada critica interna que comporta:

- a reunião das fontes;
- a critica da authenticidade;
- a critica da restituição;
- a critica da autoridade.

2.^a) a critica dos factos (ou critica interna) que por sua vez comporta:

- a leitura do facto;
- a critica da exactidão.

A SYNTHESE, comportará a *classificação*, o *grupamento*, a *coordenação* dos documentos que a ANALYSE procurou fixar a authenticidade e a exactidão.

O historiador entregar-se-á anicialmente á ANALYSE e em seguida á SYNTHESE.

No decorrer da ANALYSE, operações successivas e simultaneas, elle reunirá as «fontes». Dessas «fontes» elle fará a critica: examinará de que data e de que autor é o documento (critica da authenticidade); verificará si o texto do documento confere com o do original (critica da restituição); procurará saber da importancia do documento (critica da autoridade, qualidades e defeitos do autor, ambiente da redacção do documento, etc.).

Depois, fará a critica de cada um dos factos (porque num mesmo documento uns factos pôdem ser exactos e outros falsos): lerá attentamente o facto; procurará verificar si o autor parece sincero e si o facto é exacto (critica da exactidão).

Tendo em suas mãos os documentos necessarios, elle os classificará, os grupará e os coordenará, iniciando assim inconscientemente a SYNTHESE no decorrer da ANALYSE.

A ANALYSE

Critica das fontes

É necessário então inicialmente reunir as «fontes», para depois fazer a critica da authenticidade, da restituição e da autoridade.

1.^o) a REUNIÃO DAS FONTES:

I) — as fontes extremamente variadas são classificadas de diferentes maneiras pelos methodicos.

Nós escolhemos a seguinte classificação que nos parece simples:

a) — as OBRAS:

obras historicas (genealogias, chronologias, memorias, biographias, historias...)

obras não historicas (obras diversas, literarias, philosophicas, economicas...)

b) — os MONUMENTOS:

monumentos historicos: (monumentos commemorativos, arcos de triumpho, tumulos, columnas, medalhas...);

monumentos não historicos: (construções diversas, objectos de arte, utensilios, etc.).

II) — o termo reunião das «fontes» é uma figura.

Certos conhecimentos e pesquisas indicaram um certo numero de «fontes» sobre as quaes convem meditar (no decorrer da ANALYSE, sem duvida, novas fontes se ajuntarão).

a) — encontramos uma primeira diffuldade: a maior parte das «fontes» não são materialmente transportaveis; algumas nem material nem legalmente. Vae ser preciso então que o historiador vá ao local onde ellas se encontram e procure um meio de obter e guardar o que lhe é util.

Ir ao local em que se encontram as «fontes» não é assim tão facil; pesquisar uma bibliothéca publica ou um arquivo de uma grande familia exige um longo trabalho; alguns monumentos ficam em logares longinquos.

b) — o «systema de fichas» permitirá ao historiador guardar toda passagem que lhe interessa, todo texto util, toda inscripção necessaria á sua pesquisa.

A ficha não é sinão uma simples folha de papel sobre a qual se escreve, seja o texto, seja a informação, com todas as indicações necessarias para serem facilmente consultadas ou citadas; convem virem acompanhadas de um titulo resumindo seu conteudo e permittindo sua classificação.

Organizar uma ficha desse assumpto é ao mesmo tempo uma questão de metodo e de senso historico.

Sobre outras fichas, completando as primeiras, pôdem ser fixadas as ideias que surgem no decorrer do trabalho.

Esse processo facilita a SYNTHESE.

2.º) — a CRITICA DA AUTENTICIDADE.

Procura-se determinar a que data e a que autor pertence o documento e si esse não foi falsificado.

É relativamente a mais facil.

Dissemos relativamente, porque, si as *sciencias auxiliares* que citamos nos fornecem os meios de reconhecer e classificar os signaes de authenticidade, ellas, por si mesmas, não apresentam uma certeza absoluta. A tiara de Saitafarnés é um exemplo celebre. As recentes discussões de Glozel (mystificação ou não) lembram ao historiador os velhos conselhos de prudencia nas suas pesquisas.

E, entretanto, essa primeira critica é estrictamente necessaria.

3.º — a CRITICA DA RESTITUIÇÃO.

Tem por fim assegurar que o texto do documento, caso não seja o original, está de accôrdo com elle.

É uma verificação simples, uma vez que se disponha do original; aliás, vimos, quando tratamos da reunião das «fontes», não ser muito facil de obter.

Entretanto ella é util mesmo para as «fontes» modernas.

O Ten. Cel. Leslien, em suas conferencias já citadas, depois de ter em algumas palavras relembrado «em que condições foi publicada a correspondencia de Napoleão e a que recriminações ficou sujeita a Colletanea dos Actos da Comissão de Saúde Publica de M. Aulard», cita, esse curioso exemplo da proclamação do General Franchet d'Eperey (5.º Exercito) apôs a batalha do Marne: M. Hanotaux de um lado, o Cmt. Grasset do outro em seu livro sobre o Marechal Franchet d'Eperey apresentam um texto que não está de accor do com o original.

4.º) — a CRITICA DA AUTORIDADE.

Que vale a fonte em si mesmo? (não dizemos o facto). Em outros termos qual o grau de credulidade que se pôde atribuir à fonte?

Esta critica estabelece um grande numero de perguntas: a testemunha pôde se enganar?

Em que condições, então, surgiu a fonte?

Ella apareceu pouco depois do facto ou muito tempo depois?

Quem era o autor? Intelligente, mediocre, parcial ou imparcial, bem ou mal colocado?

Foi elle actor, espectador, testemunho ocular ou se refere apenas ao que ouviu dizer?

Mais ainda, quiz elle enganar-nos conscientemente ou por qualquer outro motivo?

Assim como estas outras muitas perguntas poderiam surgir de acordo com o caso.

A testemunha pôde enganar-se sem ter intenção: no domínio da história militar os «diários de marcha» são o exemplo mais frequentemente citado, elle é typico. Por vezes, raramente, o autor enganou por sua propria conta (muitas vezes recebeu ordem para tal...). O mais das vezes elle relata acontecimentos que não presenciou, mas que teve conhecimento através de ordens e relatórios prematuros.

Por nosso lado, diz o autor desse trabalho, tendo escripto que Napoleão I commettera em Wagram um erro que, porém, o seu genio reparára, fomos admonestados por um historiador moderno (e não dos menores) que nos fez sentir o seu pezar de ter lido, sob nossa assinatura que Napoleão pudera enganar-se; a verdade historica, dizia elle, deve ceder ante o interesse da França...

Alias, devemos não dissimular, que esse interesse por vezes exige concessões por parte da verdade (communicados do tempo de guerra).

CRITICA DOS FACTOS

Tendo sido feita a critica das «fontes» (ou em vias de tal...), trata-se agora de se lêr o facto para se penetrar no seu sentido e criticar cada um no ponto de vista da sinceridade a principio e depois da exactidão.

1.º) — a LEITURA DO FACTO.

Por leitura, entendemos, não apenas a leitura banal, mas sim, a leitura aprofundada.

Ela pôde ser delicada: quando, por ex. se tratar de textos antiguados, que exige a transposição para o ambiente em que foi realizado. Ella pôde ainda ser demorada, quando se tratar de textos estrangeiros que devem ser tradusidos.

2.º) — CRITICA DA EXACTIDÃO.

a) — É necessário retomar antes para cada facto o que se fez para cada fonte, explorando assim os resultados já obtidos: o autor foi sincero ou ha razões serias para se suspeitar delle?

Concebe-se a dificuldade da resposta.

b) — Pôde-se ser sincero sem se ser exacto.

O Cel. Tourrés, em suas conferencias, tambem na Escola de Guerra, citava o caso do «Cours Commun» que considerava como exacta a proclamação de Bonaparte ao Exercito da Italia em 1796-97: «Soldados estaes nus, mal nutridos...». Ora, todos sabem que, si esta proclamação correspondia a um estado de espirito real, ella nunca foi feita.

Durante a Revolução, onde o estylo amphigurico era a regra, quantos actos e palavras são sinceros e inexactos!

Si atentarmos que todos os resultados obtidos devem ser levados para as fichas, que devem ser frequentemente consultadas e que a ANALYSE é um verdadeiro «rochedo de Sisypho» verificaremos a complexidade da missão.

E, é necessário ainda fazer a SYNTHESE.

A SYNTHESE

A ANALISE nos deu, sob a forma de fichas, um numero considerável de documentos.

Mas, é a SYNTHESE, mais que a ANALYSE, o maior trabalho do historiador, pois é ella a construção histórica, que vae fazer a *classificação, o grupamento, a coordenação dos documentos obtidos*.

Porque entre os factos existem relações de dependencia e de connexidade, sem o que não se poderiam verificar nem suas causas, nem suas consequencias.

Nós nos contentaremos com um apanhado sumario sobre esse difícil trabalho: é toda a arte da composição e não poderia ser tratado, como a ANALYSE, em algumas regras de methodo.

O trabalho organizado pelo sistema de fichas, vae facilitar a classificação, permitindo agora o seu grupamento na ordem imposta pelo plano estabelecido.

Lembramos aqui as tres dificuldades principaes:

1.^{a)} — existem factos materiaes, os proprios actos; mas existem tambem factos intellectuaes e moraes. Geralmente estes esclarecem aquelles.

2.^{a)} — é necessário fazer uma escolha, uma seleção entre os factos, de modo a não conservar sinão os que tem uma importancia real para o conhecimento da solução historica;

3.^{a)} — ha lacunas no encadeamento dos factos. É com a maior prudencia e fazendo prova de sentido critico o mais apurado que convirá completal-o sem adulterar os factos.

Todas essas operações, já o dissemos, se procedem simultanea e separadamente.

No decorrer da ANALYSE, a SYNTHESE começa; no decorrer da SYNTHESE a ANALYSE continua.

(Continúa)

Bibliotheca de A DEFESA NACIONAL

Obras editadas pela Bibliotheca de *A Defesa Nacional* e á venda na Redacção desta revista:

- Notas sobre o comando do batalhão no terreno (traducção) — Comandant *Audet*.
- O Tiro de Artilharia de Costa — Cap. *Ari Silveira*.
- Notas sobre o emprego da Artilharia — Maj. *José Verissimo*.
- Aspéritos Geograficos Sul-Americanos — Maj. *Mario Travassos*.
- Os pombos correios e a defesa nacional — Dr. *Roberto Freitas*.
- Indicador alfabetico — Sgt. Ajd. *Odon Braga*.
- Manual Colombofilo Brasileiro — Dr. *Roberto Freitas Lima*.

**Secção
de
Tactica Geral**

**A manobra dos fogos e a compar-
timentação do terreno**

Pelo General Touchon

Traducção da "Revue d'Infanterie" — Pelo Cap. Floriano Brayner

(Continuação do n. 240)

SEGUNDO CASO CONCRETO (1)

Situação Geral

1.º) — Em seguida a uma batalha travada desde alguns dias entre o Oise, de Ribémont, e o Somme, de Péronne, Bapaume..., forças azuis, exercendo esforço segundo o eixo: Vermand — Nesle — Roye — Montdidier, na direcção geral de Bauvais, romperam o dispositivo das forças vermelhas que lhes eram oppostas nessa região.

No fim da jornada de 7 de Novembro, a situação era a seguinte:

— *Vermelhos*: — O V Exercito vermelho apoia sua esquerda em Lassigny — Candor — Lagny — Noyon — Varesnes, etc....

O VI Exercito vermelho tem a sua direita em Rosières en Santerre, e mantém a frente Rosières-en Santerre — Bray sur Somme, etc....

Na frente Rosières-en Santerre — Candor existem apenas alguns elementos de infantaria isolados, cuja situação se ignora.

— *Azuis*: — Diante da frente Rosières-en Santerre — Candor, os elementos avançados azuis parece não terem ido além da linha (de norte ao sul) Méhari-court — Parviliers — Roye — Amy — Catigny — Canal do Norte.

2.º) — Dois corpos de Exercito Vermelhos (30.º e 31.º), cujas divisões transportadas em automoveis chegam, no fim da jornada de 7 e na noite de 7 para 8, ao Sul da linha Compiègne — Estrées

— Saint Denis — Saint Just — en Chaus-sée, são postos á disposição do General Cmt. do V Exercito, para agir na direcção geral de Chaulnes, em ligação com as unidades da esquerda do V Exercito que contra-atacarão a cavalleiro do Canal do Norte, na direcção de Nesle — Ham.

Trata-se de recalcar, no minimo, os elementos avançados do inimigo até a linha: Lassigny — Boulogne — La Grasse — Remaugis — Becquigny..., e manter-se solidamente nessa frente, restabelecendo a ligação entre os V e VI Exercitos.

SITUAÇÃO PARTICULAR

A 60.ª Divisão vermelha motorizada (1) desembarca, na noite de 7 para 8, na região indicada no Croquis n.º 2.

As 2 horas, ao chegar a Estrées — Saint Denis, o General Commandante da 60.ª D.I. recebe do Gen. Cmt. do 30.º C.Ex. (P.C. em Estrées — Saint Denis) uma ordem, em virtude da qual elle expede a sua, cujo resumo essencial é o seguinte:

60.ª D.I. Estrées — Saint Denis, 8 de Novembro, ás 3 hs.

Ordem de Operações para o dia 8 de Novembro.

(Extracto)

I — Missão da 60.ª D.I.:

A 60.ª D.I., marchando na direcção de Roye, tem por missão atingir, na

(1) — Ordem de Batalha:

— 10º, 20º e 30º R. I.; — 1º Btl. do 30º R. I. P.;
G. R. D./60;

— 60º R. A. (3 Gr. 75) tratorizado; — 260º R. A. (2 Gr. 155 c) transportado;

— Outros elementos — Como lembrança.

(1) — Carta 1/20.000 — Montdidier, Lassigny — Compiègne — Croquis 3 e 4.

tarde de 8, a linha: Estação de Roye-sur-Matz — Couchy-les Pots — Boulogne la Grasse — Remaugis.

No caso de encontro com o inimigo, engafar-se-á segundo o eixo assinalado pela estrada nacional n.º 17, para attingir o objectivo fixado.

Está enquadrada:

- A Este, pela 50.ª D.I., que age na direcção de Lany-sur Matz;
- A Oeste, pelo 31.º C.Ex., que marcha na direcção de Montdidier.

II — *Zona de acção — Linhas sucessivas a attingir:*

(ver croquis n.º 3)

Linhos I, B, II, III (2)

III — *Dispositivo:*

- Regimentos juxtapostos, de Leste para Oeste: 10.º, 20.º, 30.º R.I..
- Cada Regimento constituirá uma Vg. sob as ordens do Coronel:
- 10.º R.I.: — um Btl., esclarecedores montados, petrechos e sapadores regimentaes;
- 20.º R.I.: — dois Btls., esclarecedores montados, petrechos e sapadores regimentaes;
- 30.º R.I. — um Btl., esclarecedores montados, petrechos e sapadores regimentaes.

O movimento da D.I. será esclarecido pelo G.R.D./60, que operará pelo eixo: estrada nacional n.º 17 (Ordem Particular).

IV — *Vanguardas:*

Missões: — Tomar o contacto com o inimigo e constituir uma frente de engajamento em toda a sua zona de acção.

No caso de encontro com o inimigo entre duas linhas sucessivas, deverão recalcar seus elementos avançados e

attingir o objectivo fixado para o lanço em curso.

— *Zona de acção:* — Linhas sucessivas a attingir.

(Ver croquis n.º 3).

- Direcções: — Vg. de Leste: — bosque de Ressons, Biermont;
- Vg. de Centro: — Lataule, Mortemer, Boulogne-la Grasse;
- Vg. de Oeste: — Méry, Rollot.
- Movimento: — As Vgs. (escalões de combate) transporão a linha: Hémévillers — Beaupuits — La Neuville-Roy, ás 6 hs. e 15'.

— A partida da linha I se dará por iniciativa dos seus Cmts.; mas, só partirão das linhas seguintes, mediante ordem do General Cmt. da D.I..

V — *Grosso:*

— Lanços sucessivos: — linhas I, II e III.

— *Infantaria:*

- A Leste: 2 Btls. do 10.º R.I.;
- Ao Centro: 1 Btl. do 20.º R.I.;
- A Oeste: 2 Btls. do 30.º R.I..

A partida para cada lanço, só se dará por ordem do Gen. Cmt. da D.I..

Os Cmts. de R.I. não poderão engajar unidades do Grosso sem autorização do Gen. Cmt. da Divisão.

VI — *Artilharia:*

De 75 m/m — Deverá estar em condições de apoiar as Vgs.:

- com uma parte das suas baterias até a linha I;
- com a totalidade das baterias, a partir dessa linha.

De 155 C. — Os dois Grupos deverão estar em condições de intervir de um lado e de outro da Estrada nacional n.º 17, a partir da linha I.

VII — *Eixo de deslocamento do Gen. Commandante da D.I.:*

Estrada nacional n.º 17.

(2) — As linhas I, II e III foram fixadas pelo Gen. Cmt. do 30º C. Ex.

SITUAÇÃO DA 60.^a D.I., ás 8 hs. e 45'

O G.R.D./60 mantém, com o seu grosso, Lataule — bosque Lataule — bosque Ressons.

Um pelotão motocyclista mantém Méry; um outro e tres A.M.R. se encontram em Cuvilly.

Desde 7 hs. e 30', os Commandantes de Vg. sabem que o inimigo dispõe de engenhos mecanicos blindados.

Cerca de 8 hs. e 15', os Commandantes de Vg. são informados:

- que armas automaticas inimigas que parecem installadas na garupa W. do Grande Bosque sul de Mortemer, batem a crista Méry — Lataule;
- que um pelotão de A.M.R., partindo do bosque de Ressons, insinuou-se pelo sul do bosque do Castello de Séchelles e attingiu a garupa W. do alto Matz sem encontrar o inimigo e sem ser inquietado.

Ás 8 hs. e 45', as Vgs. abordam a linha I; os pelotões de fuzileiros de 1.^o escalão, que tentam desembocar das orlas N. de Méry ou transpor a crista Méry — Lataule, cahem sob o fogo de armas automaticas inimigas e se agarram ao terreno.

Rajadas de 105 se abatem sobre Méry; ao mesmo tempo, obuzes de 77 cahem sobre a crista Méry-Lataule, nos logares em que apareceram objectivos. Algumas rajadas de balas attingem, com intermitencia, as orlas W. da aldeia de Lataule.

Na frente: Lataule — bosque de Ressons, os elementos de 1.^o escalão attingem sem dificuldades as orlas N. dos bosques de Lataule e de Ressons. As patrulhas lançadas até a garupa Sul de Cuvilly e fazenda Bellicourt não receberam tiros.

A Leste, os elementos da esquerda da 59.^a D.I. se encontram em Ressons-sur

Matz; percebem-se grupos que progridem sem dificuldade, para o bosque de Riquebourg.

A Oeste, os elementos da direita do 31.^o C.Ex. estão detidos nas garupas 110 e 114, parecendo que ahi se aferram ao terreno.

DECISÕES TOMADAS PELOS COMANDANTES DE VANGUARDAS

Vang. de Oeste: — Occupar Méry e as cobertas das vizinhanças da aldeia. O Cmt. da Vg. assume o Commando dos elementos do G.R.D. que estão operando dentro da sua zona; acciona os seus petrechos e a artilharia; pede ao Gen. Cmt. da D.I. autorisação para utilizar a Cia. Mtrs. do I Btl. do grosso do 30.^o R.I., para collocar-a em bateria ao sul de Méry, em condições de executar tiros indirectos na direcção da garupa 100 (entre Mortemer e Courcelle).

Vang. do Centro: — O Commandante do Centro, que marcha com o Btl. da esquerda, prescreve:

- a esse Btl., manter seu grosso nas coberturas de Belloy e dos bosques ao Sul dessa aldeia, com elementos em condições de agir pelo fogo contra as orlas sudoeste do Grande Bosque e crista a Oeste;
- ao Btl. da direita, apoiado eventualmente pela Artilharia e pelos fogos dos elementos do G.R.D. que mantêm Lataule e bosque de Lataule, progredir para Cuvilly e Grande Bosque, para atingir a linha B.

O Croquis n.^o 3 indica o dispositivo realizado pelo Btl. da esquerda do 20.^o R.I., em função da decisão acima.

Tres S.Mtrs. estão em posição ao Sul da crista norte de Belloy, em condições de agir com tiro mascarado, na direcção do Grande Bosque e da crista a Oeste.

Um destacamento, composto de um Pel. de Fuz. e uma S.Mtr. é lançado para

a aldeia de Lataule, para bater as vertentes norte da crista ao N. de Belloy, e assegurar a ligação com o Btl. que progride.

Os canhões 37 estão em bateria nas cobertas ao Sul da crista (duas peças) e em Lataule (uma peça), para tomar á sua conta os engenhos blindados inimigos que tentassem transpôr a crista a Oeste de Lataule.

Vang. Leste. — O Cmt. dessa Vang. entra em contacto com os elementos do G.R.D. que mantêm o bosque de Ressons e decide continuar a progressão na direcção do Castello de Séchelles, auxiliado por um pelotão de A.M.R. e um outro motocyclista do G.R.D., e apoiado eventualmente pela Artilharia, tendo em vista attingir a linha B.

1.ª NOTA

A presença de engenhos mecanicos produz a mesma reacção entre os Cmts. de Vgs. e seus subordinados: appellar para os pontos de apoio naturaes do terreno e, graças a elles, se esforçar por ocupar a grande crista que caracterisa a linha I.

A artilharia inimiga bate e baterá mais ainda esses pontos de apoio. Não importa. Entre dois males, deve-se escolher o menor.

O Cmt. da Vg. Oeste verifica, por sua vez, que, desembocar da aldeia Mery, que possue, aliás, excellentes observatorios, é impossivel; no momento, precisa-se de fogo. Appella, então, para a Cia. Mtrs. do seu 2.º Btl., empregando-a, coberta pela aldeia, em tiro indirecto. Todos os seus observatorios e engenhos foram postos em acção.

Na Vg. Centro, o Btl. da esquerda precisa lançar para adiante de Belloy, observatorios e elementos de fogo; os canhões de 37, agindo como armas anti-carros, foram collocados nas orlas norte de Belloy e do bosque de Belloy,

na orla oeste de Lataule, para bater o terreno em que se não estabelecer os observatorios e as metralhadoras para o tiro mascarado (3 secções).

Para bater o angulo morto que existe entre a crista e a fazenda do Moulin Mahet, um pelotão de fuzileiros e uma Sec. Mtrs. vão se juntar ao Canhão de 37 da orla Oeste de Lataule e se estabelecer face a Oeste. No Btl. da direita, a progressão continua. Todos os morteiros estão em acção.

Na Vg. Leste, a progressão continua.

A Artilharia entrou em acção. Apezar de todo esse fogo, o mais forte de que são capazes as unidades que participam do nosso estudo, tornou-se impossivel a progressão entre Méry e Lataule. Protegem-se as armas e os observatorios de infantaria e de artilharia.

SITUAÇÃO DA 60.ª D.I. ÁS 10 HS. 15' (Croquis n.º 4)

Na frente Méry - Lataule, os Btis. Vgs., não podendo transpor a crista, apezar da acção da Art. de apoio directo, installaram-se de maneira a constituir uma frente, em toda a sua zona de acção, em ligação a W. com os elementos da direita do 31.º C.Ex. que procedem igualmente nas garupas 110 e 114.

A Leste de Lataule, os Btis. Vgs. conseguiram attingir a linha: orlas N. e W. do Grande Bosque — garupa Sul de Sorel — orlas N. dos Bosquets do Roi-David e do bosque do Hogrand.

A progressão desses Btis. realizou-se sem dificuldade a L. da estrada nacional n.º 17. A W. dessa estrada, o avanço foi mais penoso (tres mtrs. leves e uma quinzena de inimigos foram aprisionados dentro do Grande Bosque).

As orlas N. do Grande Bosque são batidas por fogos de armas automaticas, que parecem estabelecidas em Mortemer e na garupa ao norte.

Os elementos da esquerda da 59.^a D.I. mantêm Ricquebourg; alguns grupos progridem na direcção do norte, sobre a garupa Sul da Berliere. Dois Btls. do grosso da 60.^a D.I. foram impulsionados, um (do 20.^o R.I.) para o bosque de Lataule; o outro (do 10.^o R.I.) para o bosque de Lataule; o outro (do 10.^o R.I.) para o bosque de Ressons.

Toda a Artilharia da D.I. está em bateria, imediatamente ao S. da linha I.

DECISÃO TOMADA PELO GEN.
COMT. DA 60.^a D.I.

(P.C. em Saint-Maur; P.O. em 124, a 800m ao N. de Saint-Maur).

1.^o *Tempo* — Continuar a progressão na direcção de Biermont, em ligação com a 59.^a D.I., para atingir a frente Biermont-Orviliers Sorel-Sorel, devendo, todas as unidades que marcham a W. da estrada nacional n.^o 17, instalarem-se na frente atingida, para cobrir essa operação com os seus fogos.

Confiar a citada operação ao Coronel Commandante do 10.^o R.I. dispondo, além do Btl. Vg., de um outro Btl. do grosso (10.^o R.I.).

Apoial-o, eventualmente, por um grupo de 75 e dois grupos de 155 C. — O Btl. Vg. marchará directamente sobre Biermont. O Btl. de reforço será lançado sobre Sorel-Orviliers Sorel; e, mantendo-se sempre a Leste da Estrada nacional n.^o 17, se orientará na direcção: Bosque de Rouance-Rolot.

O grosso do G.R.D. — será impulsionado sobre Couchy-les Pots.

2.^o *Tempo* — Se a operação precedente não fôr suficiente para provocar a evacuação da região norte de Mortemer pelo inimigo, a 60.^a D.I. estará em situação favorável para agir no eixo — Sorel — bosque de Rouance — Rolot, persistindo na sua acção para o norte.

2.^a NOTA

O General Commandante da 60.^a D.I. não se obstina em querer transpor de frente a grande crista Méry-Lataule; serve-se della como observatorio, uma vez que ahi se poude manter, e impulsiona a sua direita que progride em ligação com a 59.^a D.I..

Vemol-o prever uma exploração lateral desse avanço na direcção do bosque Rouance, para desembaraçar a sua esquerda.

II

Nosso Regulamento, por outro lado, nos assegura com inteira razão que, a uma pequena unidade de Infantaria não cabe escolher o seu terreno de acção.

Por maior que seja o cuidado do Commando em evitar aos executantes, esse difícil trabalho de crista, não podemos contar que seja sempre bem sucedido, de uma maneira completa.

E uma unidade de infantaria, mais particularmente no periodo de tomada de contacto, de exploração ou de perseguição, pode ter de atacar uma crista defendida como já o indiquei acima.

Agirá por processos derivados dos indicados pelo Commando. Procurará todos os caminhamentos possíveis para a frente, tendo em vista a instalação das armas e dos observatorios; esforçar-se-á por encontrar, especialmente, as possibilidades de tiro de escarpa ou de flanqueamento. Se fôr bem sucedido em levar para a frente os seus observatorios, estes procurarão descobrir as armas inimigas, reveladas pelos clarões, pela direcção dos projectis, pelo vae e vem dos remuniciadores, etc....

Trabalhará com o maximo ardor para assegurar a protecção e o disfarce desses preciosos orgãos.

Todos esses trabalhos serão longos, muito longos; é uma circunstancia com

*La manœuvre des feux
et le compartimentage du terrain.*

CROQUIS N° 4

mandatier S-E au 1/50.000^e

卷之三

tion vers 10 h.

a qual deve contar o Commando. É um caso em que a sua falta de paciencia pode acarretar pesadas perdas.

Entretanto, pode acontecer que, apesar de todos os esforços, nossa unidade seja mal succedida. Resta ainda um recurso: a noite.

A noite, com effeito, pode permittir a installação da nova base de partida, uma vez que o fogo inimigo se tornará intermittenente e desencadeado mais ou menos opportunamente.

A infantaria deve estar adestrada nessas realizações nocturnas, objecto de uma recente recommendação do chefe do Estado Maior (nota de 9 de Outubro de 1933).

Os observadores de artilharia deverão, muito frequentemente, imital-a.

Admittamos que fomos bem succedidos: nossa base de partida está instalada. O escalão de fogo, por sua vez, levado ao seu lugar, á frente da base. Não se trata ahi, de um ataque nocturno propriamente dito. Teremos, talvez, de repellir os defensores approximados, mas, em absoluto não procuraremos progredir profundamente.

Deteremos o escalão de fogo numa linha de terreno bem nitida: estrada, filas de arvores, sébes, etc...., conhecida de todos, adiante da qual, ao amanhecer, agirão todos os nossos fogos.

A existencia dessa linha do terreno, constitue a condição essencial duma tal manobra que a Infantaria, no curso da ultima guerra, particularmente em 1918, executou muitas vezes, por iniciativa propria ou mediante ordem.

Ao clarear do dia a progressão será reiniciada, mas, desta vez, apoiada pelo fogo. O fogo inimigo será restabelecido, certamente: si bem que contrabatido pelo nosso, poderá entretanto, ser sufficientemente intenso para impedir durante muito tempo a passagem da crista de dia. É preciso, igualmente constituir fortemente o escalão de fogo, que não

poderá contar com qualquer reforço, antes que seja reduzida ao silencio uma grande parte das armas inimigas afastadas.

Os carros virão em seu auxilio; se não puderem ser lançadas á noite para diante da crista, directamente ou os fazendo passar por caminhamentos excentricos, poder-se-á ainda confiar na sua velocidade e na sua protecção, para transpol-a e ir se juntar ao escalão de fogo no momento do seu desembocar ou alguns minutos mais tarde.

A protecção que a noite proporciona, poderia, evidentemente, ser obtida por meio de engenhos fumigenos, a menos tambem, que um nevoeiro natural viesse permittir, de dia, nosso avanço.

No nosso segundo caso concreto, vimos dois Btls. de Inf. trabalhar sobre uma crista. O fogo inimigo, se bem que efficaz, não os conseguiu impedir de installar seus observatorios e armas para o tiro directo, mascarado e indirecto na crista, e para o tiro directo em flanqueamento. Admittamos, porém, que esse fogo tenha sido tão intenso que, só muito parcialmente, se tenha podido organizar essa base de partida; que o batalhão da direita da Vg. Centro e a Vg. Leste, não tenham podido desembocar, nem do bosque de Lataule, nem do bosque de Ressons:

— A noite de 8 para 9 de Novembro, uma longa noite de outono, seria aproveitada para se installar a base de partida e levar o escalão de fogo até a estrada Méry-Ressons-sur Matz, de onde no dia 9, ao amanhecer, seria retomada a progressão, apoiada por um fogo efficaz.

III

Desde a primeira phase deste estudo, eu havia admittido que nossos objectivos, nossas linhas a attingir, na maioria das vezes, eram cristas. Pode acontecer, en-

tretanto, que sejam orlas de florestas, de bosques ou de localidades. Se um fogo inimigo partido de armas bem dispostas em profundidade nos detem sobre um tal objectivo, nosso raciocínio permanece sensivelmente exacto. Com efeito, ahi permaneceremos, tambem, pregados ao sólo, num dispositivo linear; um novo desembocar afigura-se-nos mal apoiado pelos nossos fogos de infantaria e de artilharia. É preciso, então, procurar progredir aproveitando orlas lateraes para organizar a exploração do primeiro sucesso. É, igualmente, durante a noite que os executantes deverão ganhar o terreno necessário, para a frente da coberta, para a installação da nova base de partida.

No curso da nossa progressão, no verão e no outomno de 1918, aconteceu tambem, muitas vezes, sermos detidos diante de taes orlas, pelo fogo inimigo.

IV

O aparecimento de engenhos mecanicos modernos, rapidos, bem protegidos, bem armadas e commandaveis por T.S.F., dará uma solução ao nosso problema? — Em terreno descoberto, elles virão tornar ainda mais insustentavel a situação da Infantaria sobre uma crista. A sua ameaça, simplesmente, forçal-a-á a se refugiar nos pontos de apoio naturaes. Só a custa de trabalhos de organisação e, portanto, com tempo disponivel, é que ella poderá pensar em se deter em terreno livre.

Se essa Infantaria é apoiada por carros amigos, ella conquistará mais facilmente o primeiro horizonte visivel, e estes, por seus contra-ataques auxiliares a se manter na crista. É nesse momento que se poderão dar encontros de carros.

Entretanto, o desembocar para além dessa crista, permanece, para os engenhos modernos, uma operação delicada.

Com efeito, seu escalonamento em profundidade será nullo na passagem da crista; e, admittindo que sejam dotados de peças especialisadas de apoio aos carros, não poderão contar com elles, na sua descida, como não contarão, igualmente, com o fogo da Artilharia e da Infantaria.

Poderão valer-lhes, sómente, a sua velocidade e a sua protecção; é forçoso contar, *a priori*, com essas caracteristicas.

Entretanto, vimos se queimarem tantos carros sobre as cristas, em 1918, que acreditamos, para os proprios carros modernos, é necessario, na maioria das vezes, uma base de partida bem estabelecida, antes de se usar lançal-los profundamente, na incognita de uma descida.

Em compensação, na nossa manobra de exploração lateral, constatamos os serviços que elles poderão prestar: é, verdadeiramente, pela sua intervenção, que retornaremos á manobra.

De facto, no caso mais geral, é exclusivamente por meio dos seus fogos, que uma unidade de infantaria pôde agir de um compartimento para o outro. O movimento lhe é interdicto dentro de uma zona coberta pelos fogos que apoiam uma progressão de direcção perpendicular á sua.

Tentamos, no primeiro caso concreto, realizar tal manobra com os carros actualmente em serviço. Sentimos, de resto, quanto de aleatorio apresenta essa acção, e que desapareceria com o emprego de carros rapidas, orientaveis, commandaveis por T.S.F..

No segundo caso concreto, procuramos mostrar a infantaria combatendo sob a ameaça dos engenhos mecanicos.

Vistes crescer o escalonamento em profundidade de suas unidades; e do mesmo modo constataveis o ardente

appello para o ponto de apoio. Só uma reserva de engenhos mecanicos, prompta para o contra-ataque, conseguiu assegurar-lhe a ocupação da crista I, evitando o amontoamento nos pontos de apoio naturaes.

Quanto á progressão para Biermont e á acção lateral, eventual, para o bosque de Rouance, é inutil insistir sobre o apoio a esperar dos engenhos modernos, para tal manobra.

Assignalarei, para terminar, a poderosa ajuda que o emprego das pequenas viaturas (chenillettes), trará á infantaria, tanto para o deslocamento de suas bases de fogos, no interior das «praças d'armas» (compartimentos) ao passo que se for verificando a sua conquista, como para lhe assegurar o importante reabastecimento em munições exigido por tais manobras de fogos.

CONCLUSÃO

Na offensiva, ao recommendar que os esforços sejam limitados á posse da crista do horizonte visivel util e, em seguida, aproveitar essa conquista para ampliar a frente de ataque agindo por golpes de revéz successivos, não fazemos mais do que pôr em evidencia as prescripções do nosso Regulamento de Infantaria — 2.^a Parte:

«No ataque, o emprego das reservas é presidido pela vontade de as engajar nas zonas em que o inimigo cede; neste caso, todo esforço deve tender, não para aprofundar a brecha, mas, para alargala, mediante accções combinadas, de frente e de flanco. A manobra da Infantaria não visa crear bolsas no dispositivo inimigo, mas, sallientes que possam facilitar as concentrações de fogo (n.^o 177)».

«A progressão do ataque e as concentrações de fogo são obtidas, nas melhores condições, quando a situação permite, fixando o inimigo de frente, desbordar uma de suas alas.

No caso em que o adversario não possa ser tomado de flanco, é preciso, previamente, penetrar no seu dispositivo, criando ahi sallientes que possam, então, ser submettidos a tiros convergentes. (n.^o 207)».

No que concerne á defensiva, mesmo a mais momentanea, devemos procurar, com presteza, collocar nossas armas de maneira a atingir o inimigo de longe e, depois, de perto, detendo-o mediante um fogo intenso, nas sahidas, cristas ou orlas. Collocal-o-emos, assim, na impossibilidade de se servir do seu fogo, impedindo-o de desenvolver suas armas de tiro tenso, cegando, ao mesmo tempo, suas armas de tiro curvo e a propria artilharia.

Para fazer face aos esforços lateraes, de um compartimento em proveito do outro, impõe-se manter fortemente os flancos dos compartimentos, cristas ou orlas lateraes, fazendo-as ocupar por unidades bem commandadas, e combinando essa ocupação com concentrações de fogos. São essas as «compartimentações» (cloisonnements) determinadas pelos nossos Regulamentos, para uma posição defensiva, e cuja importancia surge aqui em primeiro plano.

É assim, parece, que podemos prever o retorno á manobra; a essa manobra que todos nós procuramos e que não é mais do que o fogo que se desloca. Tambem, não fazemos, aqui, mais do que applicar, «amoldando-a ao terreno», a phrase bem conhecida do nosso general em chefe:

«D'un front cabossé naît la manoevre; ne me parlez pas de la hideuse ligne droite».

Secção de Infantaria

Organização da Infantaria

Pelo Cap. J. Segadas Vianna

As grandes fabricas de armamento tem procurado nos ultimos tempos, lançar no mercado uma arma automatica que substitua simultaneamente o fusil metralhadora, a metralhadora leve e a metralhadora pesada. Os principaes objectivos que se procura alcançar com a adopção da arma unica consistem em:

1.º — facilitar a fabricação de armamento;

2.º — aligeirar as unidades de metralhadoras;

3.º — uniformizar a instrução de armas automaticas;

4.º — simplificar o combate da infantaria;

5.º — dar maior potencia ao fogo da infantaria.

A arma typo unico, seja de fabricação Madsen, Vickers, ou de outra qualquer casa, em essencia nada mais é do que um fusil-metralhadora, com a mesma potencia de fogo da metralhadora atual, e que pôde ser montado em um reparo leve que lhe aumenta a precisão do tiro.

Com pequenas variações para mais ou para menos conforme o fabricante, suas caracteristicas essenciaes são as seguintes:

Peso da arma sem reparo — 9 kilos
Peso do reparo tripé — 12 kilos

Velocidade maxima de tiro — 400 por minuto.

Rasancia até a distancia de — 700 metros.

Transporte da arma e do tripé — nas costas de um homem, em cargueiro ou em charrete puxada por homens.

Analysemos um a um os objectivos que visa a arma unica:

1.º — Na realidade, principalmente para os paizes pobres que não podem possuir grandes fabricas de armamento, dispondo de custosas e variadas machinas para a fabricação de 3 armas automaticas diferentes, que por sua vez exigem um pessoal especialisado, a adoção da arma unica simplificando em muito o problema da fabricação, tornal-o-á mais viavel e mais economico.

2.º — A diminuição consideravel no peso da metralhadora facilita a sua entrada em posição bem como o seu transporte como adiante veremos.

O pequeno aumento de peso da arma sem reparo, em relação ao peso actual do F.M. não dificulta o movimento dos grupos de combate nem sobrecarrega em demasia o fusileiro atirador.

3.º — A uniformização obtida na instrução dos atiradores de arma automatica, e a consequente facilidade que ha, tanto na mobilização como no combate, de distribuilos indiferentemente pelos G.C. ou pelas Sec. Mtr., constitue talvez a maior vantagem apresentada pela arma unica, seguindo-se-lhe em importancia para os paizes que não fabricam armamento, a constituição de stoks de uma unica especie de arma automatica, fazendo com que desapareça a possibilidade de existir um numero elevado de F.M. além dos necessarios e em compensação faltar metralhadoras, tal como sucedeu na revolução de 1932.

— Quanto aos itens 4.º e 5.º, que enunciarmos no inicio deste artigo, a casa Madsen, conforme se deduz de seus folhetos de propaganda, propõe-se a resolvilos mediante uma transformação radical na organização e nos processos de combate da Infantaria.

Se por um lado somos partidarios da adopção da arma automatica typo unico, sem preferencias por este ou por aquelle fabricante, pois não lhes experimentámos pessoalmente o material que annunciam, por outro achamos que a sua adopção no nosso Exercito em absoluto não deve redundar nas transformações acima aludidas, pelas razões que abaixo exporemos.

Em essencia a organização proposta para o Btl., que é a unidade tactica da infantaria, comprehende 4 companhias de fusileiros e uma companhia mixta de canhões automaticos calibre 20 m/m e morteiros.

O canhão automatico é uma arma contra tanks e aviões com um projectil de 160 grammas de peso, que tanto pôde ser traçante como perfurante ou explosivo.

Ainda de accôrdo com a organização proposta pela casa Madsen, a Cia. terá 4 pelotões e cada pelotão 4 G.C. os quaes teem 11 homens que se dividem numa esquadra de tiro onde um homem leva o F.M. Madsen e outro conduz o reparo tripé, e uma esquadra de volteadores.

Comecemos pelo G.C. que é a celula da Infantaria.

Para compensar o acrescimo de 12 kilos do tripé conduzido pelo G.C., bem como augmentar a sua dotação inicial de munição, esta foi distribuida por todos os homens do G.C. de modo que seja na aproximação e tomada de contacto, ou mesmo no combate, a constituição de um elemento de protecção do G.C. redunda em uma consideravel diminuição na sua capacidade de fogo.

A existencia de um reparo no G.C., si na defensiva é de grande utilidade e não traz inconvenientes, na offensiva augmenta o tempo necessario ás paradas do F.M. para atirar, e faz com que insensivelmente o G.C. perca o seu «elan»

e seja levado a se estabilisar confiado na sua pequena metralhadora, ou achando que graças á sua precisão de tiro poderá destruir o inimigo, sem lançar mão do movimento já por si difficultado pela existencia do tripé, e pelo tempo necessário a armal-o e desarmal-o sempre que se vae atirar ou progredir.

Como não devemos encarar somente uma das faces do combate, achamos que será preferivel que os F.M. sejam providos de uma forqueta como actualmente, e as Companhias levem em seus T.C. alguns reparos tripé que serão distribuidos a determinados G.C., em boas posições para realisarem flanqueamentos, no caso em que a Cia. se veja detida pelo inimigo ou quando receba uma missão defensiva.

O pelotão a 4 G.C. torna-se demasiadamente pesado e de difícil comando para um tenente.

A Companhia segundo a proposta Madsen, terá 4 pelotões, isto é, o mesmo numero do que as Companhias de Fusileiros Franceses.

Achamos que a nossa organização a 3 pelotões dificulta em extremo ao Capitão o cumprimento de suas missões normais.

Na defensiva a Cia. deve: a) fornecer os P.A. (constituidos por pelotões destacados á frente, segundo o R.E.C.I. e o R.S.C.), b) defender com efficiencia a L.P.R. (linha principal de resistencia), c) manter elementos em 2.º escalão numa linha de apoio em condições si possível de collaborar na barragem principal e de realisar os contra ataques immediatos.

Para a 1.ª missão a Cia. deverá ter no minimo 1 pelotão em P.A., sobrarão 2 para a L.P.R., porém quem occupará a L. Apoio? Com a organização que temos, ella será occupada ou pelo pelotão dos P.A. si não tiver sido destruido ou dispersado pelo inimigo, ou por 1 ou 2 G.C. dos pelotões da L.P.R., o que é

muito prejudicial nos contra-ataques imediatos, que necessitam de um chefe para coordená-los, impulsional-los e desencadeá-los no momento opportuno, o que só é feito com efficiencia por um official dispondendo de uma unidade constituida (pelotão) e não de 2 ou 3 G.C. dispersos e de pelotões differentes.

Na aproximação e tomada de contato o escalão de reconhecimento é constituído por pelotões (art. 458 do R.E.C.I.); como as frentes atribuidas ás nossas Cias. nessas phases do combate irão normalmente de 700 a 1.000 ms., elas terão na maioria das vezes 2 pelotões no E.R. e um no E.C. o que é um absurdo. Mesmo que se mude a letra do regulamento substituindo a palavra *pelotões* por pelotões ou G.C. destacados do E.C., não será com 2 grupos de combate tirados dos pelotões testa do E.C. que iremos reconhecer uma frente de 1.000 metros.

O objectivo que tivemos em vista ao modificar a organização das Cias., isto é, a diminuição dos effectivos dos Btl. e Regimentos, poderia ser conseguido por outros processos, taes como fossem o desaparecimento da C.M.R. distribuindo as suas S.M. pelas C.M.B. economisando-se o effectivo da Secção Extra da C.M.R., e a diminuição dos effectivos dos pelotões pelo desaparecimento dos 3 remuniciadores do grupo de commando, os quaes não existem na organização francesa, prevista para um combate muito mais intenso e consequentemente para um consumo de munição muito maior.

— No inicio deste artigo já vimos qual a organização proposta para o Btl. É conveniente ressaltar que a missão normal dos canhões metralhadoras calibre 20^{m/m} não é apoiar o movimento da nossa infantaria neutralizando os orgãos de fogo inimigos, pois para isso não ha necessidade de uma arma tão potente, mas sim a destruição de carros e o tiro contra aviões.

A organização do Btl. sugerida pela casa Madsen parece que visou somente o combate defensivo pois nos obriga a modificar radicalmente a concepção tactica que temos do combate offensivo, pelo desaparecimento da C.M.B.

Na defensiva o transtorno não é grande pois não ha propriamente uma base de fogos; as missões dadas ás Mtrs. poderiam ser atribuidas aos G.C. caso elles dispuzessem de uma arma com as mesmas características technicas da metralhadora o que é realizado pela arma tipo unico; a propria questão da quantidade de munições disponiveis pôde ser resolvida constituindo-se depositos junto ás peças.

Na offensiva o combate da infantaria repousa actualmente na combinação do fogo com o movimento; esta combinação se faz de dois modos:

1.º — No interior das Cias. de Fusileiros, combinando o fogo de uns grupos com o movimento de outros;

2.º — no interior do Btl. combinando o fogo da *base de fogos* constituída pela C.M.B. com o movimento das Cias. de Fusileiros.

Na organização Madsen a noção de base de fogos destinada a apoiar o movimento desaparece, em consequencia a combinação fogo-movimento só se processa no interior das Companhias de Fusileiros.

Sabemos perfeitamente que nas Cias. Fus., só os G.C. de 1.^a linha é que podem atirar sem perigo para nossas tropas, pois é perigoso o tiro nos intervallos, e que uma simples moita na sua frente impede o tiro do F.M., o que não acontece com as metralhadoras da base de fogos, que no ataque em geral atiram de posições elevadas, com optimas vistas e campo de tiro.

As Cias. Fus. poderão progredir até perto do inimigo quasi sem necesidade

de atirar, se tiverem um apoio solido por parte da base de fogos, que tem muito mais facilidade de localisar as armas automaticas inimigas e contrabatelas com mais efficiencia do que os F.M. que agem quasi desabrigados, deslocando-se de posição continuamente, e dispondo de munição limitada.

A inexistencia de uma base de fogos accionada directamente pelo chefe, faz com que desappareça de suas mãos o meio mais rapido e efficaz que elle posse, para concentrar fogos em proveito de uma unidade momentaneamente detida pelo inimigo mal neutralisado.

O combate da infantaria limitar-se-ia a dar ás Cias. de Fusileiros uma missão, e deixar que se desenrolasse sem que o chefe pudesse mais fazer sentir a sua accão pelo fogo, a não ser empregando immediatamente as suas reservas.

Poderíamos é verdade, mantendo a referida organização, empregar a 4.^a Companhia de fusileiros, colocando-a á retaguarda, em posição que lhe permitisse desempenhar o papel de base de fogos (tal como se fazia antes da guerra com as Companhias de Apoio), mas neste caso não ha razão para essa companhia ter a mesma organização das outras, pois só vae agir pelo fogo não necessitando de granadeiros V.B., volteadores etc., que não teriam papel a desempenhar e augmentariam o seu effectivo, além do que as Sec.Mtr. necessitam organicamente de uma quantidade de munições muito maior do que a que conduz um G.C., devido as difficuldades de remuniciamento e a impossibilidade de constituir depositos como na defensiva, pois no ataque a base de fogos vae se deslocando successivamente á medida que elle progride.

Além desses inconvenientes para a combinação do fogo com o movimento,

como anteriormente já dissemos, a existencia de reparos tripé nos G.C. é um entrave ao seu movimento.

Da série de razões acima enumeradas concluimos que se adotando a arma automatica typo unico :

1.^o — Na defensiva a Cia. Metrs. não é necessaria porém não é prejudicial.

2.^o — Na offensiva continua a ser imprescindivel a existencia de uma Cia. Mtrs. destinada ao emprego que actualmente lhe é dado.

A existencia de Morteiros no interior do Btl. é assumpto que não soffre discussão, pois elles são o complemento das metralhadores, graças ao seu tiro curvo e principalmente á sua potencia.

O canhão anti-carro calibre 20^{m/m} é uma arma muito necessaria á nossa infantaria, que pela organização actual, com o desapparecimento do canhão de 37, não dispõe de uma arma destinada á distruição de carros. Contra o carro de combate, objectivo movel e blindado, é necessaria uma arma de tiro tenso, com grande velocidade de tiro e lançando projectis de grande poder perfurante e si possivel explosivo.

O canhão automatico calibre 20 atirando 300 t. por minuto, com um alcance de 6.000 metros e capaz de perfurar até a couraça dos carros pesados, presta-se melhor do que qualquer arma actualmente em uso para o fim a que é destinado, como entretanto nem sempre o inimigo tem carros, e como não se deve sobrecarregar o Btl. com uma arma de pouco emprego na offensiva, julgamos que os canhões calibre 20 devem ser orgão de Regimento, distribuidos aos Btis. á medida das suas necessidades.

A casa Madsen apresenta ainda uma «charrete» (vêr fasciculo III) para transportar metralhadoras e munição.

A peça não é fixa á viatura e sim transportada sómente; a tracção é feita por 2 homens. Tres «charretes» são suficientes para transportar a metralhadora, 2 canos sobresalentes e 4.480 tiros; julgamos que deve ser estudada a possibilidade de seu emprego nas nossas unidades de metralhadora, pois sendo elles muito leves e estreitas passam em qualquer terreno, não difficultando a entrada em posição da arma, que normalmente é feita a braços.

Um dos principaes problemas da Infantaria é reduzir o seu numero de animais, pois são de difficult substituição, tratamento, adextramento, e occupam um grande peso nos T.C. e T.E. com a forragem e o milho que consomem.

Como conclusão das observações que acima fizemos sobre a arma automatica typo unico, seja Madsen, Vickers, etc., cuja adopção é um dos problemas em fóco no nosso exercito, apresentamos um typo de organização da Infantaria, que julgamos satisfazer, mas que no entanto só experiencias tanto sob o ponto de vista technico como sob o ponto de vista tactico, poderão firmar uma opinião definitiva.

Grupo de Combate

1 sargento cmt.	
1 cabo atirador	
1 atirador com o F.M. e	128 tiros
1 municiador com o cano	
sobresalente e	192 "
3 remuniciadores com 256	
tiros cada um ou	768 "
Total :	1.088 "
1 cabo volteador	
4 volteadores	
1 granadeiro V.B.	

Pelotão

3 G.C.	3.264 tiros
3 Remuniciadores ca- da um com 320	
tiros	960. "
3 agentes transm. e	
observ.	
1 sarg. serra fila	
Total no pelotão	4.224 tiros ou
	1.408 por F.M.

Obs.:— A esquadra de remuniciamento do pelotão será constituída á medida que os remuniciadores se esvaziarem, para o que não se deve gastar munição de mais de um homem simultaneamente.

Companhia — 4 pelotões.

No T.C. serão condusidos 4 reparos tripé, distribuidos aos G.C. a criterio do capitão.

Comp. Mixta de Metralhadoras e Morteiros.

3 pelotões de 2 grupos de 2 peças, um total de 12 peças de mtrs. montadas sobre tripé.
1 pelotão de morteiros com 2 grupos de 2 peças ou um total de 4 peças.

Obs.:— Acabamos com a designação secção para uniformisar a nomenclatura na infantaria.

O pelotão de metralhadoras terá organização semelhante á que é contida no R.E.C.I. francez — 1.ª parte.

Batalhão

3 Companhias de Fusileiros
1 Companhia Mixta
1 Pelotão Exanumerario

Regimento

3 Batalhões
1 Companhia Exanumeraria
1 Companhia de canhões metralhadoras com 3 pelotões de 2 peças.

Quatro dias de combate de um batalhão

Transposição de um rio em combate e o ataque a uma villa

Tradução da *Revista de Infantaria Franceza*

Pelo Cap. Claudio Duarte

(Conclusão do n. 242)

ATAQUE À VILLA DE CROUY

31 de Agosto de 1918

1.º) — *Operações preliminares (30 de Agosto).*

a) — *Situação do 1.º Batalhão do 151.º Regimento de Infantaria, ás 17 hs.*

O croquis n.º 1, precisa as posições ocupadas pelas unidades. O Batalhão, si bem que muito em ponta, pouco teme dos contra-ataques: tem muita profundidade e os flancos estão poderosamente protegidos, principalmente na esquerda, com a totalidade das metralhadoras.

Mas em razão da propria situação do centro de um semi-círculo de fogos, sofre um bombardeamento intenso.

A máscara será raramente retirada, durante as trinta horas que vão seguir.

As ligações com a retaguarda são muito penosas: o telephone, sempre interrompido, é praticamente inutilisável; o alcance da T. P. S., é insuficiente. O Chefe do Estado Maior da Divisão, satisfaz felizmente um pedido de um posto emissor de T. S. F.. É estabelecido juncto ao talude da estrada de ferro, perto do P. C. do Batalhão. Continuará nesse local, como posto de muda, até 1.º de Setembro e prestará os maiores serviços.

As ligações lateraes são, ao contrario, muito simples.

Na esquerda nem se cogita em tal: está ahi o inimigo.

Na direita, os Commandantes do I.º e II.º Batalhões, do 151.º R. I., estão installados num mesmo P. C.

Desde ás 14 horas, o Batalhão é accrescido com um pelotão do esquadrão divisionario (12 sabres do 20.º de Caçadores), e que está abrigado nas ruínas de Saint Paul.

b) — *Reconhecimento de Cavalaria sobre Crouy, ás 17 horas (Croquis n.º 1 bis.).*

Do alto do talude da estrada de ferro, descobre-se perfeitamente bem Crouy e arredores. Existem algumas trincheiras, mas não se vêm redes de arame. A estrada para Laon está desembaraçada de obstaculos.

A estrada de ferro Soissons-Laon, é quasi sempre em atero; as bordas do aferro, a Leste parecem bem desembaraçadas. Cavallos as podem utilizar.

O Sargento, Commandante do Pelotão, recebe a ordem seguinte:

Proseguir por juncto do talude da estrada de ferro, na altura de cada uma das ruas transversaes da villa, destacar um cavalleiro que a percorrerá, até a estrada real de Laon e voltará, por esta estrada, para o P. C. do Batalhão.

Attingindo a casa mais ao Norte de Crouy, dobrar á direita para a estrada real com o resto do pelotão, e voltar atravesando a villa em todo comprimento.

O reconhecimento será feito unicamente a galope. Cada um dará conta dos tiros que receber.

Em menos de quinze minutos o reconhecimento é effectuado. Perdas: um cavallo ferido (o croquis dá itinerario percorrido).

As partes indicam: tiros de metralhadoras das alturas Oeste, Norte e Leste de Crouy; nada nas ruas; alguns tiros de fusil em pleno campo ao Sul da Villa.

O inimigo nos espera pois nas cristas; não ou pouco ocupa a villa e parece só ter deixado em contacto immediato, elementos ligérios.

Disto resulta, para o proximo ataque, uma progressão de 1500 metros antes de abordar as encostas das elevações; talvez sem ter de combater muito, mas se terá de sofrer um sério bombardeamento se se operar de dia.

c) — *Organização do ataque.*

Deste modo, o Commandante do 1.º Batalhão, decide aproveitar as ultimas horas da noite para tomar Crouy e começar o ataque das encostas das elevações ao Norte e a Leste. Desde 18 horas, são dadas as ordens. Eis o resumo:

O Batalhão progredirá ás 3 horas e 45 minutos, de 31 de Agosto.

A 3.ª Companhia marchará entre a via ferrea, e as orlas Oeste de Crouy. Após haver attingido as ultimas casas ao Norte da Villa,

se lançará ao ataque do planalto, apoiando a esquerda na estrada. Constituirá um destacamento para vigilância na canhada, entre a via ferrea e a estrada. Uma Secção de Metralhadoras reforçará esse destacamento.

A 2.ª Companhia, com uma secção de metralhadoras, contornará Crouy pelo Leste, se estabelecerá entre o cemiterio e a 3.ª Companhia; após galgará as encostas afim de atingir as bordas do planalto.

A 1.ª Companhia, mandará dois pelotões, por Oeste da via ferrea, até a altura da estação, para proteger o Batalhão, contra os emprehendimentos possíveis do inimigo, que ocupa sempre as encostas Sul da garupa 132.

Os dois pelotões limparão a villa e após se estabelecerão em reserva nas proximidades da estação.

O Commandante do Batalhão, com duas secções de metralhadoras avançará pela estrada e virá se installar na orla Leste de Crouy, á retaguarda do ponto de ligação das 2.ª e 3.ª Companhias.

Desprezar-se-ha necessariamente as resistências que não se opponham directamente, á progressão das unidades.

O importante é agir rapidamente, de modo a se ter ultrapassado a villa antes de romper o dia.

O accordo é completo com o II.º Batalhão do 151.º R. I., que deve se lançar ao ataque na mesma hora que o I.º Btl., e esforçar-se-ha por conquistar a frente: Refinação (apoizada no Aisne), cemiterio (ligação).

Deste modo protege o assalto ao planalto que o I.º Batalhão vae emprehender, e permitirá o movimento da 5.ª Divisão, que ainda ao Sul do Aisne, espera que o avanço seja suficiente para poder transpôr o rio.

A acção estava minuciosamente preparada, quando ás 23 horas, chega ao P. C. do Batalhão, uma ordem de ataque geral para o dia seguinte. Os objectivos são sensivelmente os mesmos, mas o desencadeamento do ataque é fixado para ás 6 horas; haverá uma violenta preparação de artilharia, comprehendendo a villa de Crouy.

É muito evidente que esta ordem, originaria do Exercito, gastou todo o dia para effectuar o trajecto até o Batalhão.

Não ha duvida nenhuma que essa ordem se tenha cruzado com a parte das disposições tomadas, e enviada para a retaguarda ás 19 horas. O Commandante do I.º Batalhão decide manter integralmente sua ordem de ataque: — é a resposta da situação do momento; todos a conhecem e preparam a execução.

Parte desta decisão é dirigida ao Commandante com o pedido (escripto e por T. S. F.), de limitar a preparação da artilharia aos rebordos Sul dos planaltos que circundam Crouy.

2.º) — Execução do ataque.

a) — Tomada de Crouy.

Ás 23 horas e 45 minutos, as unidades se lançam para a frente, em pequenas columnas, sem outros incidentes do que alguns tiros.

A linhā avançada do inimigo, só era constituída por pequenos postos avançados, sem ligação entre si. Quasi todas as columnas atravessam esta linha sem se aperceberem: ha choques, contra dois ou tres sómente, que as columnas repellem e passam sem se deterem. Não se recebe um unico obuz, pois que o tiro se limita á via ferrea.

Quando o dia desponta, as 3.ª e 2.ª Companhias estão collocadas ao Norte e Leste da Villa; a 3.ª não encontrou resistencia; a 2.ª Companhia, encontrou o cemiterio defendido, mas o inimigo suprehendido, deante do vigor do ataque, cede muito rapidamente. Crouy, imediatamente, limpa, produz algumas dezenas de prisioneiros.

A surpresa foi completa; eis dois episódios que a provam:

Tomando posse de um abrigo que tinha escolhido para P. C., na Orla Leste, o Commandante do Batalhão, ahi encontra os dois cozinheiros da Companhia inimiga em linha, na parte Sul da Villa, preparando a refeição para a unidade.

Essa Companhia que tinha sido atravessada pelo ataque antes do romper do dia, comprehendendo enfim, na manhã, que se encontrava no interior das nossas linhas e muito maltratada pela propria Artilharia, rende-se em pequenos grupos, a uma unidade de reserva.

b) — Escalada das encostas.

De dia, o inimigo, se informando do nosso avanço, sobre Crouy, concentra fogo sobre o mesmo povoado, com densidade que se manterá durante todo o dia.

Pela manhã ainda era uma villa, de tarde nada mais era que um montão de ruínas.

Ás 6 horas, o ataque é recomeçado e progride, mas muito lentamente. O inimigo poe em linha uma grande quantidade de metralhadoras, servidas por soldados de escól, fanatizados, que, até mesmo quando a peça é tomada, recusam-se a se entregar.

Ao meio-dia ganhamos perto de 200 metros, tanto a Leste como ao Norte.

O Batalhão que combate sem cessar há quatro dias e três noites, está reduzido a 100 fuzis; ataca num fronte de 700 metros (com duas Companhias sómente, pois uma Companhia contém o inimigo da garupa 132).

As partes das unidades se tornam alarmantes: em toda a parte das encostas da 132, até o cemiterio de Crouy, são assinaladas reuniões, indícios certos de contra-ataque em preparação.

Ora, na esquerda, ainda nada se sabe da 41.º Divisão. Na direita, o II.º Batalhão, já muito retardado por uma violenta barragem; duas secções podem sómente manter a ligação na altura do cemiterio.

Não se pode mais tratar de acabar a escalaada do planalto: todos os esforços vão tender para a conservação do terreno conquistado. (Croquis n.º 2 dá a situação ao meio dia).

Nota. — Uma secção de carros de combate, tinha sido posta á disposição do I.º Batalhão, na noite de 30 a 31 de Agosto, mas em consequencia dos incidentes de marcha, não conseguiu se reunir a tempo ao Batalhão e não foi empregada.

c) — *Conservação do terreno conquistado.*

É preciso manter uma fronte extensa com poucos meios e impedir que o inimigo se torne conchededor da nossa fraqueza.

O Commandante do Batalhão escolhe, um novo modo de agir. Precisa, porém, de alguns momentos de calma e estes são pedidos á Artilharia.

São assinalados por T. S. F. todos os pontos sensíveis adeante das nossas linhas. A Artilharia Divisionaria da 69.º Divisão, responde maravilhosamente aos pedidos: um tiro instantaneo, preciso e suficientemente denso cae, sobre as trincheiras suspeitas.

Ao Norte e a Leste de Crouy, todas as metralhadoras do Batalhão, vão balisar a nossa fronte, ocupando-a sózinhas, desde o cemiterio até a estrada de Laon.

Dahi resulta uma peça para em média 100 metros de frente.

Os metralhadores são prevenidos que sómente elles mantêm a linha, que devem atirar até no proprio corpo a corpo. O Capitão Metralhador e um dos primeiros tenentes vão proceder em pessoa á installação de peça por peça, e explicar aos serventes, a importancia da missão que lhes é confiada.

Após isso, todos os Infantes, são retirados para detraz destas linhas de fogos e reconsti-

tuidos em dois grupos sob a direcção imediata do capitão: 40 fuzis sómente para a 2.ª Companhia; 30 fuzis sómente para a 3.ª Companhia.

Eis a ordem que lhes foi dada:

« Nunca esperar o choque; desde que um contra-ataque pareça se preparar, saltar com todo impeto sobre o grupo ameaçante, precedido de todos os fuzis metralhadores que executarão o tiro em marcha ». Os dois Commandantes de Companhias, comprehendem.

Pode-se por outro lado, tudo pedir aos quadros e aos homens do Batalhão, os quaes nos quatro dias de sucessos ininterruptos, adquiriram uma confiança sem limites.

A partir das 14 horas e até a meia noite, serão executados sete assaltos pela 2.ª Companhia, onze pela 3.ª Companhia; se materialisam com um novo ganho de terreno e prisioneiros.

A ameaça é tambem séria, durante uma parte da tarde, ao Sul da garupa 132. Felizmente o III.º Batalhão do 151.º R. I., alcançou desde as 14 horas a Ballestiére de Linder.

Uma Companhia é pedida imediatamente ao seu Commandante, que destaca incontinenti a 11.ª Companhia, para a estação de Crouy.

O Commandante da 1.ª Companhia, recupera, sem mais delongas, todos os pelotões, e adoptando a tactica prescripta ao restante do Batalhão, salta sobre os grupos inimigos. Isto tambem lhe garante o exito.

Perto das 15 horas, um Official de Ligação, tinha trazido ao P. C. do Batalhão uma nova ordem geral de ataque para as 16 horas: tratava-se de acabar de galgar as cristas; ao partir das 15 horas e 30 minutos, uma violenta preparação de artilharia seria executada sobre os rebordos do planalto.

O Commandante do Batalhão guarda a ordem para si; deixará executar a preparação que só lhe poderá ser util; mas quanto ao ataque, nem cogita um unico momento; pois já ultrapassa muito, os limites do possivel.

Na esquerda, entretanto, o ataque produz optimos resultados e a 41.ª Divisão pode progredir.

As 19 horas, a 1.ª Companhia, entra enfim em ligação, com os elementos do 23.º Regimento de Infantaria, que desemboca do bosque do Signal.

d) — *Resultados obtidos:*

A missão do I.º Batalhão do 151.º Regimento de Infantaria terminou. É substituído na noite de 31 de Agosto para o 1.º de Setembro, por um Batalhão do 162.º Regimento de Infantaria.

O ganho da jornada foi de cerca de 1.700 metros na direcção de Laon; mas, não é este o resultado mais importante. Agora que a ligação intima, com a 41.^a Divisão está realizada, o ataque geral vae poder ser feito, com completa concordancia de todos os esforços.

3.^{a)} — *Reflexões e Conclusões:*

Um Batalhão de Infantaria combateu pois, durante quatro dias sem carros, e quasi sempre sem artilharia, contra um inimigo que era apoiado por numerosas baterias; si bem que reduzido a seus unicos meios, obteve exito em todos os ataques, sem soffrer perdas exageradas. Isto prova que sob a condicção de possuir capacidade de manobra, a Infantaria conserva uma grande capacidade offensiva em si mesma, ainda que em presença de um poderoso material.

De modo algum não se quer aqui negar a importancia deste ultimo, mas é ao mesmo tempo inexacto e perigoso sempre se repetir aos infantes que sem elle nada podem.

É o Batalhão que executa o combate da Infantaria, e para isso possue meios para manobrar o inimigo que lhe está apposto directamente; o Commandante do Batalhão se encontra bem localizado para interpretar e explorar a tempo os multiplos incidentes que podem se produzir.

O Commandante do corpo está já muito afastado para o fazer opportunamente; por outro lado, não é possivel exigir a grande maioria dos Commandantes de Companhias outra coisa além da execução de ordens muito simples.

É portanto indispensavel que a intenção do Commando chegue até ao Commandante do Batalhão, afim de que na maioria das circunstancias, possa imediatamente agir no sentido das intenções dos Commandos Superiores, sem ter de pedir em cada caso especial, ordens particulares.

Entre as qualidades que é preciso dotar os quadros em todos os escalões, a iniciativa é a mais importante.

No Escalão Batalhão, com especialidade, deve ser desenvolvida por todas as formas, porque, sem ella será vão esperar obter resultados.

Em 31 de Agosto, ás 16 horas, o capitão ajudante do 1.^o Batalhão dizia ao Commandante do Batalhão: «Ha uma coisa que não posso comprehender. Acabo de lhe ver atacar con-

tinuamente durante quatro dias, sem ordens, e até mesmo algumas vezes contrariamente ás ordens; justamente, quando a primeira ordem precisa de ataque lhe chega ás mãos, não a executa.

Sei perfeitamente que o insucesso era mais que certo e tambem nos custaria muito caro; sinto que tem razão em não obedecer, entretanto, uma vez a ordem sendo dada, atacaria ainda assim de qualquer modo ».

Desta forma este ajudante, successor natural do Commandante do Batalhão, teria feito morrer inutilmente uma parte de sua unidade e comprometteria todos os lucros anteriores, unicamente, para que uma ordem recebida fosse executada. No entanto, se tratava, de um optimo official, pessoalmente muito bravo e não temendo qualquer responsabilidade; mas a iniciativa não lhe tinha sido desenvolvida.

Uma Infantaria combatendo só, consegue e conserva o ascendente sobre o adversario si permanece continuadamente activa; desta forma pode tudo tentar.

Um Batalhão transpoz o Aisne e conquistou a peninsula de Saint Vaast, contra dois batalhões no minimo, pois que se apoderou de dois P.C. do Batalhão. E um dos Commandantes do Batalhão alemão participava, que tinhamos atravessado o rio em massa (parte encontrada sobre um cão estafeta).

Em 31 de Agosto, este mesmo Batalhão, si bem que fatigado por quatro dias de combate ininterruptos, pode, com 100 fuzis apenas, numa frente de quasi 1.000 metros, anniquilar todos os contra-ataques de um inimigo, no entretanto já reforçado, unicamente tomando a iniciativa em cada uma dessas tentativas.

O tiro de fuzil metralhador em marcha produziu, em diversas ocasiões, superioridade sobre o inimigo muito proximo.

Na ultima phase do combate da Infantaria, quando a Artilharia e engenhos de qualquer natureza seriam impotentes, só elle permittiu abordar e reduzir, sem perdas exageradas, um inimigo sempre dotado de vitalidade.

O que foi hontem obtido, com uma arma imperfeita, poderá ser facilmente exigido de futuro, ao excellente fuzil-metralhador, que os Infantes esperam receber em breve.

Commandante do Batalhão.
Caissez.

**Secção
de
Cavallaria**

A Cavallaria na Cobertura
Estudo de um caso concreto

Pelo Cap. F. D. Ferreira Portugal

(Continuação do n.º 242)

II PARTE

I — SITUAÇÃO EM QUE O DES-
TACAMENTO X PASSOU A NOITE
DE 10 II.

a) — GROSSO :

Região da	20.º R.C.I. (menos 1/2 Reg., 1 Esq., 2 Sec. Mtr.)
Bif. 6 km.	19.º R.C.I.
W. de TAN-	I/5.º B.I.M.
QUINHO.	I/5.º R.A.Cav. Sec. Eng. Montada.

Região de COSTA PINTO (com 1 Pel. na passagem do CORUMBA- TAHY, 1 km., N W. de CHAVE	1 Esq. do 20.º R.C.I.
---	-----------------------

b) — P.A.

A Oeste das passagens do CORUM-
BATAHY.

c) — DESCOBERTA

1/2 Reg.: (menos 2 pelotões) e 2
Sec. Mtr.: — Região do entron-
camento 4 km. S.W. de PAIOL.

1 Pelotão: — região de Est. XAR-
QUEADA.

1 Pelotão: —	região das passagens do Rib. LIMOEI (6 km. N.W. Porto J. ALFREDO).
--------------	---

d) — P.C. do Dest.: — Faz. AGUA
BRANCA.

e) — C.A.I.: — Est. RECREIO.

II — INFORMAÇÕES ENVIADAS
PELA DESCOBERTA, NA MANHÃ
DE 11.

a) — Do Cmt. do Dest. n.º 1: 1/2 Reg.
(menos 2 Pels.), 2 Sec. Mtr. e 1
Posto Radio.

1.º) — de S. PEDRO, ás 6 h. 30' (T.S.F.).
— Communicando estar livre, essa
localidade e o prosseguimento da
missão na direção de OS PRO-
TESTANTES;

2.º) — de FAZ. S. OLINDA (5 km. N. S.
PEDRO) — Recebida ás 7 h. 30'.
Communicando que ahi chegou
com o Grosso; que seus reconhe-
cimentos entraram em contacto
com elementos de Cav. inimiga em
OS PROTESTANTES, em mar-
cha para o Sul; que o trecho de
estrada entre S. PEDRO e Faz.
S. OLINDA presta-se muito á
ação retardadora que vae empre-
hender.

b) — Do Cmt. do Dest. n.º 2 (1 Pelotão).
SÃO PEDRO ás 6 h. 30' — (T.S.F.)
Communicando haver atingido SÃO
PEDRO e prosseguido para a bifurca-
ção 8 km. W. S. PEDRO.

c) — Do Cmt. do Dest. n.º 3. — (1 Pe-
lotão).
Do triangulo de estradas (4 km.
N.E. de Faz. do MACUCO) — Re-
cebida ás 7 h. pelo telephone da
Estrada de Ferro, cujo tráfego (tele-
phonico) foi restabelecido entre
as estações XARQUEADA e RE-
CREIO.

Communicando que não ha indi-
cios do inimigo naquella região;
que estabeleceu ligações com um
elemento de Cav. da Cob. Azul que
opera na região de Faz. MONTE
ALEGRE — Faz. SÃO DOMIN-

GOS — Est. XARQUEADA; que prossegue na direção de Faz. OLEGARIO — OS GOMES.

III — MEIOS POSTOS A DISPOSIÇÃO DO DESTACAMENTO:

A partir de 8 horas o Gen. X pôde dispôr de 3 saídas de avião, durante a jornada. Pedido por T.S.F. para o campo de trabalho de RIO CLARO.

ESTUDO A EFECTUAR

Decisão tomada pelo General em função das informações recebidas e ordem dada em consequência.

Uma solução da 2^a Parte

I — DECISÃO DO GEN. EM CONSEQUÊNCIA DAS INFORMAÇÕES RECEBIDAS NA MANHÃ DE 11.

II — ORDEM DADA EM CONSEQUÊNCIA:

I — DECISÃO

Ao atingir TANQUINHO, na tarde de 10, o Gen. foi informado de que as passagens do CORUMBATAHY estavam livres. Destarte, o Dest. prosseguiu o seu movimento, passando a noite de 10-11 no dispositivo acima referido.

Considerando as possibilidades do inimigo, o Gen. não quiz prosseguir, com a obscuridade, para W. do rio. Todo o movimento a noite, perto do inimigo, precisa ser preparado com antecedência e, sobretudo, coberto.

Ora, a presença dos Dest. de Descoberta na linha Est. XARQUEADA — bif. 4 km. W. de PAIOL — Rib. LIMOEIRO — não proporciona um ambiente de segurança absoluta para que o Dest. continue a marchar com a noite. Fazê-lo, seria expôr-se a um encontro as primeiras horas da manhã de 11 sem ter a liberdade de acção necessária para manobrar; seria comprometer a eficien-

cia do Dest. e consequentemente o éxito da missão.

Eis porque o Gen. prefere passar a noite de 10-11 na linha do CORUMBATAHY com elementos de segurança a W. do rio que lhe garantam a posse das suas passagens para as operações de 11.

Ao amanhecer deste dia chegam ao Gen. as informações enviadas pela Descoberta.

Ao receber as primeiras (de 6 h. e 6 h. 30) o Gen. tomára todas as provisões para levar seu Dest. para a linha Est. XARQUEADA — mamelão 600 (2 km. W. de Est. RESACA) — Faz. da GLORIA — Rib. LIMOEIRO — Entretanto, antes de atingir essa transversal é positivada a situação do inimigo com a mensagem de 7 h. 30' que assinala elementos de C. Vermelha atingindo OS PROTESTANTES.

— QUE DECISÃO TOMA O GENERAL?

Mais uma vez é necessário raciocinar com methodo.

— DE QUE SE TRATA?

— De ir ao encontro do inimigo afim de detê-lo, ou, retardal-o na sua progressão para E.. Vimos, inicialmente, que era de todo interesse ir O MAIS LONGE POSSIVEL. Consequentemente, o Dest. deverá fazer mais um lance — até a linha do ARAQUÁ — si houver um ambiente de segurança absoluta.

— QUE PODE FAZER O INIMIGO?

Os elementos inimigos já positivados não poderão atingir a linha do ARAQUÁ antes do Dest., pois, alem de estarem mais distantes que este, não têm os movimentos livres, uma vez que o Destacamento de Descoberta n.^o 1, pôde retardal-os no desfiladeiro da Serra de SÃO PEDRO como informou o seu Cmt.

Quanto á direção de Faz. OLEGARIO — Est. XARQUEADA, ainda não

ha uma informação positiva a respeito. Este facto, entretanto, não deve retardar a decisão de estabelecer o Dest. na linha do ARAQUÁ.

(TERRENO e MEIOS — já estudados).

CONCLUSÃO:

— EM QUE PARTE DA FRENTE VAE O GEN. ESTABELECER O DEST. PARA IMPEDIR A PROGRESSÃO DO INIMIGO PARA ESTE?

— É evidente que o Dest. não dispõe de meios para opôr-se ao inimigo em toda a linha do ARAQUÁ (mais de 20 km.). Já vimos, estudarmos os meios, que as possibilidades do Dest. na defensiva não lhe permitem operar n'uma frente superior a 6 ou 7 mil metros. Assim sendo, o seu sistema de cobertura não será continuo. Nas partes mais importantes da frente haverá uma defesa local e nas demais uma defesa pela manobra dos elementos reservados. Essa forma de cobertura constitue a generalidade na cavalaria, pois raramente esta arma dispõe de efectivos proporcionaes ás frentes a defender.

Assim sendo, o problema se resume em determinar qual a parte mais importante da posição a defender para ahi estabelecer os meios disponíveis.

Ha duas direções perigosas:

- Direção de S. PEDRO;
- Direção de Faz. OLEGARIO.

— QUAL DELLAS É A MAIS IMPORTANTE?

— A primeira, pois, já foi positivado pela Desc., que o inimigo marcha para o sul. Além disso, a defesa diréta da direção de S. PEDRO põe em xéque a outra — (Faz. OLEGARIO — Est. XARQUEADA).

De facto, para operar entre o Dest. de Cav. e a esquerda da cobertura azul (Serra de ITAQUERY), numa frente de cerca de 10 km., a Cav. Vermelha teria

de se cobrir numa e noutra direção, não lhe sobrando espaço para manobrar. Esta ação só poderia proporcionar resultados satisfactorios no caso de ser, a Cav. inimiga, bastante forte para poder recalcar para o S. o Dest. — operação de resultados bastante duvidosas.

Tomada a decisão de barrar a direção de S. PEDRO, é dispensavel dizer que o Dest. fará frente aos 2 eixos que se bifurcam a 3 km. E. daquella localidade.

Ainda uma vez, é necessario determinar qual o mais importante e portanto, sobre qual delles será feito o esforço principal da defesa, si sobre o eixo S. PEDRO — PAIOL ou S. PEDRO — PIRACICABA.

Si o centro de gravidade da defesa estiver sobre o segundo, o Dest. correrá o risco de ficar separado da esquerda da posição azul (confluencia do Rib. PASSA CINCO). Ora, si tal acontecer, a missão de cobertura do flanco S. daquella posição, que lhe cabe até a manhã de 12 estará comprometida. A tarefa da cobertura exige que o Dest. de Cav. se interponha entre o inimigo e a tropa a cobrir, o que só acontecerá si elle agir sobre o eixo S. PEDRO — PAIOL, mais directo, e que garante mais facilmente, as ligações com a posição referida.

DECISÃO

O Gen. decide impedir o desembocar do inimigo para E. da linha do Rio ARAQUÁ, ou, no minimo, retardar o seu movimento até o CORUMBATAHY. Para isso, instalará o Dest. na frente comprehendida entre as passagens (incl.) de Faz. ARAQUÁ e 8 km. ao N. desta. Fará a defesa do restante da frente pela manobra com elementos em reserva e preverá a ocupação de uma posição n.º 2 na linha geral Est. XARQUEADA — mamelão 600 (3 km. E. de PAIOL) — Rib. LIMOEIRO.

II — ORDEM PARA A INSTALAÇÃO DEFENSIVA:

Dest de Cav. X P.C. em PAIOL, 11
 E.M. (onze) de Abril, ás
 N.º 8 (oito horas).

ORDEM DE OPERAÇÕES N.º
 Para a instalação defensiva
(Confirmação da ordem verbal)

I — INFORMAÇÕES SOBRE O INIMIGO:

Elementos de Cav. inimiga, em marcha para o S., entraram em contato com o Dest. de Descoberta n.º 1 na região de OS PROTESTANTES cerca de 7,30 horas de hoje.

II — INTENÇÃO DO GENERAL:

- Procurar deter o inimigo na linha do Rio ARAQUÁ;
- Caso isso não seja possível, retardar a sua progressão para E., manobrando em retirada, até o Rio CORUMBATAHY, que será defendido a todo custo.

III — IDÉA DE MANOBRA:

- Instalar o Dest. defensivamente nas alturas imediatamente a E. do Rio ARAQUÁ entre a Faz. ARAQUÁ (incl.) e a E. F. SOROCABANA fazendo face ás 2 estradas que conduzem directamente de S. PEDRO;
- Fazer o esforço principal da defesa na região da passagem 8 km. W. de PAIOL;
- Exercer uma ativa vigilância no restante da frente, notadamente na sua parte N., na direção de Faz. OLEGARIO;
- Prevêr a ocupação de uma 2.ª posição, para a eventualidade de uma manobra em retirada, na linha: Rib. LIMOEIRO — linha divisoria das aguas entre o CORUMBATAHY e o ARAQUÁ.

IV — DEFINIÇÃO DA POSIÇÃO N.º 1:
 A) — POSIÇÃO DE RESISTENCIA:

1) — A orla exterior da P.R. deverá passar pelas encostas W. das alturas que dominam o vale do R. ARAQUÁ de maneira a aproveitar este rio como obstáculo a ser batido pelos fôgos da defesa;

2) — Linha de apoio...

Esta posição será dividida em 2 quarteirões:

QUARTEIRÃO N.: comprehendido entre a E.F. SOROCABANA (incl.) e a crista Faz. Sto. ANTONIO — bif. 3 km. E. de S. PEDRO.

QUARTEIRÃO S.: — comprehendido entre este limite e a crista N.W.-S.E. imediatamente ao S. de Faz. ARAQUÁ.

B) — LINHA DE P.A. — Balizada por: Crista 3 km. N.W. da passagem (8 km. W. de S. PEDRO) — bif. 3 km. E. de S. PEDRO — Crista entre o R. ARAQUÁ e o Rib. SAMABAIA.

V — DISPOSITIVO DE DEFESA:

A) — POSIÇÃO DE RESISTENCIA:

a) — *Quarteirão N.:*

Tropa: 19.º R.C.I. (menos 1 Esq. e 1/5.º B.I.M..

Missão: Impedir o acesso do inimigo á margem E. do R. ARAQUÁ. Deverá ser empregado o maximo de meios na defesa da passagem 8 km. W. de PAIOL.

b) — *Quarteirão S.:*

Tropa: inicialmente: 20.º R.C.I. (menos 1/2 R.C. e 2 Sec. Mtr.).

Missão: Impedir o acesso do inimigo a margem E. do R. ARAQUÁ. entre o limite S. do Quarteirão e o Rio PIRACICABA.

B) — LINHA DE P.A.:

Tropa: Minimo efetivo destacado directamente dos quarteirões.

Missão: Vigilancia.

C) — COBERTURA DOS FLANCOS DA POSIÇÃO:

a) — *Flanco Norte*: A cargo de 1 Pel. do 19.º R.C.I. que terá por missão:

- 1) — extender sua vigilância até a região do triângulo de estradas (10 km. N.E. de S. PEDRO);
- 2) — procurar impedir que o inimigo transponha o Ribeiro que nace em Faz. S. DOMINGOS;
- 3) — procurar ligação com os elementos da esquerda da cobertura azul.

b) — *Flanco Sul*: A cargo do 20.º R.C.I.. Disporá, ulteriormente, dos Dest. de Descoberta n.os 1 e 3 que, uma vez recuperados, serão encaminhados para a região de PORTO ARAQUÁ onde passarão às ordens do seu Cmt..

VI — ARTILHARIA:

1) — O I/5.º R.A.Cav. escolherá posição na região N.W. de Faz. Sto. ANTONIO em condições de poder executar:

- a) — Tiros de inquietação sobre a região da bifurcação 3 km. E. de S. PEDRO;
- b) — Tiros de deter deante da Posição de Resistência, notadamente nas passagens 9 km. W. de PAIOL e de Faz. ARAQUÁ.

2) — CONSUMO DE MUNIÇÃO: — 100 tiros por peça.

VII — RESERVA:

1 Esq. (menos 1 Pel. do 19.º R.C.I.) — Inicialmente na bif. 4 km. W. de PAIOL. Deverá prever a sua intervenção eventual no flanco N. posição, como escalão de acolhimento dos elementos que operam na direção de Faz. OLEGARIO, prolongando a P.R. segundo o trecho

em que a E.F. SOROCABANA acompanha o R. ARAQUÁ.

VIII — AVIAÇÃO:

Foi prevista a cooperação da Av. em proveito do Dest. como se segue:

a) — Desde 8 horas, um avião em acompanhamento à Descoberta;

b) — Durante o ataque:

- 1.ª urgencia: um avião em acompanhamento do combate;
- 2.ª urgencia: um avião de vigilância em proveito do Commando.

VIV — ENGENHARIA: — (Ordem Particular)

a) — Cooperação nos trabalhos do Quartelão do N..

b) — Cooperação na preparação da Posição n.º 2.

X — POSIÇÃO N.º 2:

A reconhecer e balisar na linha Est. XARQUEADA — linha de separação das águas entre o Rio ARAQUÁ e o Rio CORUMBATAHY — Rib. LIMOEIRO — (A cargo do Major Y — do 20.º R.C.I.).

XI — LIGAÇÕES E TRANSMISSÕES:

a) — LIGAÇÃO ENTRE OS QUARTEIROS:

A cargo do Quartelão Sul.

b) — P.C. DO DESTACAMENTO: Região da Bifurcação 4 km. W. de PAIOL.

c) — P.C. DOS QUARTEIROS:

A escolher pelos respectivos Comandantes.

XII — INSTALAÇÃO TERMINADA:

Às 10 horas.

XIII — TRENS:

T.C.₁ — Com as unidades.

T.C.₂ e T.E. — continuação na região de Faz. BOA ESPERANÇA — Faz. AGUA BRANCA.

Confere: (a) Gen. X
Y Cmt. Dest.

Chefe do E.M..

Tática de Cavallaria

Um tema e uma solução

Pelo Cap. Nilo Guerreiro

Enviando mais esta colaboração á Defesa Nacional, tenho um duplo objectivo:

1º) prestar como infante, a minha sincera homenagem á arma irmã cuja tactica exige: da tropa uma apurada instrucción em geral e um grande espirito de sacrificio em particular, quadros de elite e chefes no sentido mais complexo da palavra.

2º) incorporar-se ao brilhante grupo de estudiosos dessas questões, pois acredito no inestimável valor das operações da Cavallaria num paiz como o nosso. Só ella com as suas características tipicas e os seus processos proprios, dará ao Cmdo. a possibilidade de encarar a solução do maior dos maiores dos nossos problemas: *grandes frentes e pequenos effectivos*.

O thema abaixo foi organizado pelo professor de Tactica de Cavallaria da E. E. M. e constituiu objecto de um trabalho para o 2.º anno da mesma escola em 1933.

A solução apenas me pertence. É uma solução de alumno que ainda sou. Anima-me ao publica-la tão sómente o conceito que della fez aquelle distinto mestre.

Quando trabalhamos sobre a carta, não podemos tomar sempre na devida consideração o estado physico e moral da tropa, as condições atmosphericas e sua influencia real sobre as operações, o gráu de instrucción da tropa, os caracteres dos commandos subordinados, o preparo profissional dos quadros, etc.

Mas não nos esqueçamos que devemos resolver essas questões tacticas em função das possibilidades reaes de

nossos recursos, das necessidades impostas pela situação e sobre tudo pelas características objectivas da operação que estudamos.

Si é um mal deixarmo-nos magnetizar apenas pelas soluções commodas sobre a carta, em que tudo é relativamente facil, será ainda um mal maior crearmos uma atmosphera de desconfiança quanto aos resultados praticos da execução no terreno de certas medidas tomadas sobre a carta.

Faltam-nos a experientia da guerra e um grande numero de exercícios e manobras no terreno com os effectivos previstos na actual organização. Por isto resta-nos pesarmos em nosso intimo os diversos factores, raciocinando dentro do nosso methodo e mais que tudo, procurando sanar com o nosso bom senso essa deficiencia de conhecimentos concretos.

E' necessário então prever, raciocinar, balancear as necessidades e possibilidades e agir em tempo util, para evitar que o imprevisto assuma a direcção das grandes linhas da manobra e as nossas ordens se tornem falhas ou inexequiveis.

Na Cavallaria a questão das decisões rápidas do commando assume uma importancia capital. Deve-se estender a sua principal característica — a *mobilidade* — até o cerebro de seus chefes. Delles de facto se exige uma grande *flexibilidade de espirito*, capaz de assimilar rapidamente a situação e com mais rapidez ainda decidir e agir com segurança, em face dos acontecimentos.

O thema seguinte nos permitirá fixar de algum modo o que dissemos acima.

CARTA DE S. PAULO

Folhas de Jaboticabal — Rib. Preto — Rincão — Araraquara — S. Carlos do Pinhal.

Escala 1:100.000

SITUAÇÃO GERAL

Um Paiz Azul de W. e um Paiz Vermelho de E. acham-se em guerra.

As forças azuis, tendo invadido o territorio vermelho e tomado uma vigorosa offensiva, conseguiram recalcar o adversario, mas, ao attingirem o Rio Mogy Guassú, foram obrigados a suspender o seu movimento offensivo, afim de restabelecerem as suas communicações.

A situação acha-se estabilisada ha algumas semanas.

O I Ex. Azul (ala direita), cujo P.C. se encontra em TAQUARITINGA, ocupa, em estreito contacto com os vermelhos, a margem W. de MOGY, desde a região de PITANGUEIRAS até RINÇÃO.

SITUAÇÃO PARTICULAR

No dia 10 de Maio, um Dest. (1.^a Bda. C., 1.^o R. A. C., 1.^a Cia e 2 S. M. do 1.^o B.I.M., 1.^a Sec. de Sapadores da 1.^a Cia. de Eng. Mont.), sob as ordens do Gen. Cmt. da 1.^a Bda., acha-se, em reserva do Ex., na região de Sta. CRUZ DAS LARANJEIRAS.

Ás 17 horas, por uma ordem telefonica, o Gen. é convocado ao P. C. do Ex., onde, ás 18 h. 45, lhe é dada a seguinte ordem (resumo):

I — A aviação assinalou, na tarde de hoje, uma reunião de tropas de cavalaria, cujo efectivo não poude ser avaliado, na região de JAHÚ.

II — O Dest. deverá, amanhã, lançar-se na direcção geral do S., com a missão de:

a) — reconhecer as forças adversas assinaladas na região de Jahú;

b) — repelir-as, detê-las ou, ao menos, retardar a sua progressão, caso marchem para o N. ou N. E., afim de impedir a sua intervenção, quer contra a ala direita do I. Ex., quer contra as suas comunicações.

III — O Dest. disporá, desde a recepção da presente ordem, duma Esqd. tipo divisionario no terreno a N. W. de TAQUARATINGA.

— Limite da zona de observação aerea do Dest. — a via ferrea Est. CAMPOS SALLÉS — DOUS CORREGOS BROTAS.

IV — INFORMAÇÕES PARA TAQUARITINGA

Trabalho pedido — Ordens dadas pelo Gen. Cmte. do Dest. como consequencia da ordem do Ex.

SOLUÇÃO

Em virtude de ordem recebida o Gen. X Cmt. do Destacamento, mesmo de Taquaritinga, dá ás 19 horas pelo telephone a seguinte ordem preparatoria:

I — O Destacamento marchará amanhã na direcção geral do S.

II — Os Cmts. dos 1.^o e 2.^o R. C. I. porão, cada um, a minha disposição um Esquadrão e 1 posto radio para o Destacamento de Descoberta. Os Cmts. desses Esq. e os Cmts. de Unidades, deverão se achar em meu P. C. ás 20 horas de hoje.

III — Hora provável de partida:

a) do Dest. de Descoberta: 22 horas de 10.

b) do Destacamento: 5 horas de 11.

Ressalvando de Taquaritinga, o Gen. X, acompanhado pelo Cmt. da Esquadilha posta a disposição do Destacamento, chega de automovel em seu P. C., em Santa Cruz das Laranjeiras, ás 20 horas e dá verbalmente suas

ordens. Às 21 h. é expedida a seguinte ordem:

I -- Exercito Azul P. C. em Santa Cruz
Destacamento X. das Laranjeiras, 10
N.º n + 1 (dez) de Maio ás 21
Cartas... (vinte e uma) horas.
1:100.000

**ORDEM PARTICULAR PARA
DESCOBERTA N.º C.**

I -- SITUAÇÃO GERAL :

O I. Exercito, em estreito contacto continua mantendo a margem W do rio Mogy Guassú desde a região de Pitangueiras até Rincão.

II -- INFORMAÇÕES SOBRE O INIMIGO :

A aviação assinalou na tarde de hoje uma reunião de tropas de Cavalaria na região de Jahú.

III -- MISSÃO DE DESTACAMENTO :

O Destacamento deverá, amanhã, lançar-se na direcção geral do S. com a missão de:

- a) reconhecer as forças adversas assignalladas na região de Jahú.
- b) repelir-as, detê-las, ou pelo menos retardar sua progressão, caso marchem para o N. ou N. E., afim de impedir a sua intervenção, quer contra a ala direita do I. Exercito, quer contra suas comunicações.

IV -- DECISÃO DO GENERAL.

- a) -- Conduzir o Destacamento na jornada de 11 para a região de Mattão, donde seguindo as informações, proseguirá o movimento seja na direcção de Gavião Peixoto, seja na de Araraquara, tendo como objectivos sucessivos:

- 1.º) o corte Jacaré Guassú -- Chibarro.
- 2.º) o rio Jacaré Pepira.
- 3.º) a região de Jahú.

Em principio cada um destes objectivos marcará uma etapa.

- b) -- Lançar sua descoberta terrestre seguindo os eixos:

Mattão -- Cambuhy Velho -- Gavião Peixoto -- Bôa Esperança -- Fazenda da Barra -- Jahú.

Mattão -- Itaquerê -- Araraquara -- Faz. Coqueiro -- Guarapiranga -- Dourado -- Jacutinga -- Jahú.

Devendo atingir:

no dia 11: a linha do Jacaré Guassú;

no dia 12: a linha do Jacaré Pepira;

no dia 13: a região de Jahú.

- c) -- Impulsionar a sua Descoberta aerea, na manhã de 11, até a região de Jahú.

V -- INFORMAÇÕES:

Para desenvolver a sua manobra o General precisa saber:

O inimigo desenbocou de Jahú ou aí continua? No primeiro caso: quais os seus eixos de movimentos? em que direcção orienta o centro de gravidade de suas forças?

Existe alguma concentração de vermelhos na região de Jahú? No caso afirmativo qual a importância e extensão dessa concentração?

O inimigo transpôz o rio Jacaré Pepira? Onde? Mantem-se ao N. desse rio ou continuou seu movimento? Nesta ultima hipótese qual sua direcção de marcha?

O inimigo atingiu ou ultrapassou o corte dos rios Jacaré Guassú -- Chibarro? Onde? Mantém as passagens do Jacaré Guassú na região de Gavião Peixoto -- Fazenda Niagara? Ocupa as passagens de Jacaré Guassú ao N. e a NL. de Guarapiranga? Mantém as passagens do rio Chibarro na região S. de Araraquara?

VI -- DESCOBERTA: A) Terrestre: Ver quadro annexo.

Descoberta Terrestre

N.º 2 (de L)	N.º 1 (de W)	Destacamentos	Missão	Informações	Observações	Compo- sição	Eixos	Limites entre os destacados
						radio.		
Um Esq. do 2.º R. C. I. e um posto radio.	Um Esq. do 1.º R. C. I. e um posto radio.	Mattão — Itaqueré — Araraquara — Coqueiro — Guarapiranga — Jacutinga — Jahú.	Mattão — Faz. Peixoto — Cambuhy — Peixoto — Bôa Esperança — Faz. da Barra — Jahú.	Verificar si os vermelhos transpuzeram o rio Jaguaré Guassú e no caso afirmativo qual sua direcção de marcha; reconhecer as passagens desse rio desde Gavião Peixoto até a região de Faz. Niagara; proseguir seu movimento reconhecendo as passagens do rio Bôa Esperança e o nó de Bôa Esperança; verificar si o inimigo transpôz o rio Jacaré Pepira entre Faz. da Barra e a região N. L. de Theodoro de Carvalho, assignalando em seu movimento para o S. a presença e os movimentos do adversario na sua zona de acção.	Mesmo negativas: no dia 11: de Mattão até 8 horas; da linha do Jaguaré Guassú. no dia 12: do corte dos rios Bôa Esperança e Jacaré Pepira. no dia 13: da região de Jahú.	Até Dobrada os dous destacamentos marcharão juntos sob o commando do Cap. mais antigo.		
A linha geral Barreiro — Faz. Cravo — Rio do Peixe — Est. de Trabijú.				Mesmo negativas: no dia 11: da linha Itaquerê - Rancho Queimado até as 8 horas; do corte Jaguaré Guassú - Chibarro. no dia 12: do corte Jacaré Pepira. no dia 13: da região de Jahú.				
				No caso de encontro com o inimigo, empenhar-se afim de atingir os seus objectivos. Deante de forças superiores: retardal-as si estiverem em movimento ou manter o contacto si estabilisadas.				
				22 horas do dia 10. Até novas ordens.				

B) — AEREA

Uma descoberta aerea será enviada ao alvorecer de 11 com a missão:

a) — Reconhecer si continua a reunião de forças vermelhas, assinalada na tarde de hoje, na região de Jahú. No caso afirmativo qual a importância e extensão dessa concentração.

O inimigo desembocou de Jahú? Neste caso, quaes as suas direções de Marcha? Por onde orienta o centro de gravidade de suas forças?

Verificar os movimentos nas estradas que partindo de Jahú conduzem as passagens do rio Jacaré Pepira; precisar a intensidade e o sentido do trafego nos trechos das vias ferreas: Dous Corregos — Jahú e Dous Corregos — Est. Iguatemy; reconhecer os movimentos nas estradas Est. Iguatemy — Jahú e Est. Campos Salles — Jahú.

b) — Reconhecer particular e especialmente os nós de comunicações de Bôa Esperança — Dourado e Guarapiranga, as passagens do Jacaré Guassú na região Gavião Peixoto — Faz Niagara e N. de Faz. de Ipê, as passagens sobre o rio Chibarro nas regiões de Faz. Coqueiro — Faz. Sant'Anna — Faz. Palmeira — Olaria — Est. Chi-

Informações da letra «b» até as 11 horas; os da letra «a» até às 13 horas no P. C. do Gen. em Mattão.

Ligaçao com a descoberta terrestre as 9 e as 17 horas na linha Chibarro — Jacaré Guassú. Em caso de encontro com o inimigo acompanhamento do combate da descoberta terrestre.

VII — Transmissão de informações por T. S. F. Codigo n.º X (como lembrança). Confirmação aos Cmto. dos Dest. de Descoberta por mensagens lastradas.

Campo auxiliar: previsto na região da cota 600, 2km. 5 N.W. da localidade de Mattão.

Um C. A. I. será installado em Mattão, a partir de 10h. 30.

(a) — Gen. X.

Esta ordem em parte é a confirmação de ordens verbaes, dadas para ganhar tempo, aos interessados.

Além della o Gen. X daria uma Ordem Geral de Operações para o movimento do destacamento na jornada de 11 e uma instrucção ao Cmt. da Esquadrilha, dos quaes tratarrei na proximo numero.

Cap. Nilo Guerreiro.

Acaba de sair e se acha á venda na Redação desta revista:

Manual Colombofilo Brasileiro

pelo Dr. ROBERTO FREITAS LIMA,
vice-presidente da Confederação Colombofila Brasileira.

Preço . . . 8\$000 (mais \$800 pelo correio)

**Seção
de
Artilharia**

A Artilharia na Batalha

Pelo Cap. Aluizio de Miranda Mendes

INTRODUÇÃO

A Artilharia foi sempre, em todas as épocas da sua já longa existencia, a collaboradora efficiente da Infantaria. A sua atuação, aliás, só se justifica, de pleno direito, em intima ligação com a acção da arma principal que é incontestavelmente a Infantaria.

A Artilharia é, pois, unicamente uma arma de *collaboração*, tirando d'ahi toda a sua razão de ser e de agir, — agir principalmente com os seus projecteis, da mesma fórmula que a Aviação cujo emprego como arma de colaboração só se justifica pela busca de informações que é o seu *desideratum*, por assim dizer primordial e basico: o fogo na Aviação de colaboração, é um meio, um simples processo e nunca (salvo casos de crises extremas) *um fim a atingir*. Tanto a Artilharia como a Aviação agem obrigatoriamente em estreita e intima ligação com a manobra terrestre.

Então a Artilharia é a arma que age unicamente pelo fogo, que ella o adapta da melhor fórmula possível ao mecanismo de combate da Infantaria. Por isso mesmo não se concebe a Artilharia sinão no quadro duma grande unidade, em principio, a partir da divisão que é, como todos sabemos, a cellula fundamental da batalha. Nessas condições a Artilharia não combate na acepção geral de se bater contra alguém ou alguma coisa; ella batalha... sendo por excellencia a arma dos fogos poderosos largos e profundos.»

D'ahi a sua missão essencial: — dar a Infantaria o apoio de seus projecteis.

Tudo, pois, em materia de Artilharia, se resume nesta formula simples e laco-

nica, porém, de difficult applicaçao: «Manobrar os fógos dos canhões de modo a atacar efficazmente os objectivos nocivos á acção da Infantaria».

Ora, a manobra dos fógos da Artilharia exige evidente e necessariamente:

- a sua indispensavel organisação do Commando;
- a manobra dos materiaes que vão produzir esses fógos;
- a manobra das munições correspondentes ao debito de fogo desejado.

Mas, si a manobra dos fógos dos canhões exige e obriga que adoptemos uma certa e determinada organisação e outras tantas manobras que lhe são correlatas, o que caracterisa, porém, de modo notavel estes fógos com relação ao das outras armas é, sobretudo:

- 1.º — o seu enorme poder de destruição;
- 2.º — o seu grande (por vezes mesmo, *excepcional*) alcance;
- 3.º — a mobilidade de seus planos de tiro que permitem, por concentrações judiciosas de fógos precisos e ajustados, realizar rapidamente efeitos de massa sobre os objectivos os mais variados.

Quais são, portanto, as propriedades fundamentaes dessa arma original cuja missão consiste unicamente em auxiliar a acção da Infantaria?

I) — A Artilharia é, ao mesmo tempo, *uma arma e um serviço* da mesma fórmula que, por exemplo, a Engenharia.

Como arma, a Artilharia comprehende um certo numero de unidades que servem um determinado numero de bocas de fogo grupadas e diffirenciadas pela potencia e pela mobilidade que lhes

são inherentes como propriedades características.

Como serviço, ella comprehende em tempo de paz, as fabricas e os arsenaes que confeccionam e fabricam as armas e as munições de toda especie e, em tempo de guerra, ella acrescenta aos seus já pesados encargos do tempo de paz, a immensa responsabilidade do *remuniciamento* das G.U. (munições propriamente ditas e essencia), a reparação do material de guerra e automovel, a protecção contra os gases, etc., etc..

II) — O fogo é, conforme antecipamos, o unico meio de acção da Artilharia, por intermedio do qual, aliás, ella age:

- a) — *na offensiva*, preparando os ataques, protegendo-os e, finalmente, acompanhando-os;
- b) — *na defensiva*, auxiliando a Infantaria a repellir os ataques do inimigo.

III) — A artilharia é extremamente vulnerável tanto em marcha como em estacionamento em formação de marcha, primeiramente devido a dificuldade de se dispersar rapidamente com o intuito de evitar perdas e, em segundo lugar, porque surprehendida em semelhantes formações ella não pode de modo nenhum se defender com uma réplica imediata.

IV) — Engajada, a Artilharia tem a faculdade de lutar fóra das vistas terrestres do inimigo. Ora, esta propriedade permite ao Commando que a emprega, obter pela sua entrada subita em acção, effeitos excepcionaes de surpresa.

Eis ahi, em rapidos traços, a phisionomia da nossa arma. Estes traços, pensamos nós, continuarão ainda por muito tempo a marcar-lhe o aspecto geral.

A DOSAGEM DOS MEIOS MATERIAES DA ARTILHARIA NAS G.U..

Desde NAPOLEÃO até o rebentar da guerra mundial de 1914-18, que a proporção entre artilheiros e infantes na composição das grandes unidades, permaneceu geralmente constante e igual a cerca de 1/10. Esta proporcionalidade, tanto tempo conservada sob a fórmula, talvez, dum preconceito, ainda perdurou durante uma bôa parte da duração do gigantesco conflito estalado em 1914. Mas, devido principalmente ao apparecimento da arma automatica de excepcional debito de tiro, empregadas em altas dóses por parte de todos os belligerantes, devido tambem, por outro lado, a guerra de trincheiras que tornava até certo ponto inefficaz a acção julgadas até então triumphal das armas automaticas na raza campanha, foi-se forçosamente constrangido a augmentar a proporção da arma offensiva por excellencia que é indiscutivelmente a Artilharia.

E de tal modo assim procedeu-se que, por occasião do armisticio existiam nos exercitos dos principaes belligerantes, nada mais nada menos do que 7 artilheiros para 10 infantes approximadamente. Em quatro annos de guerra a importancia da Artilharia cresceu sete vezes mais pela clara evidencia dos algarismos. Veremos mais adeante o augmento correspondente do material.

Actualmente na nossa D.I. a proporção entre artilheiros e infantes é pouco mais ou menos de 4/7, enquanto que, por exemplo, na D.I. francesa, esta relação atinge apenas cerca de 3/5.

Ora, estes algarismos bastam por si só para provar a saciedade a alta importancia que tem para a Infantaria que conduz o combate, o immenso e inestimavel auxilio que lhe dá a sua irmã dilecta, — a Artilharia.

Os efectivos da Artilharia, constituídos dentro dessa proporcionalidade são distribuídos organicamente em escalões hirarchicos successivos. Estes escalões são geralmente:

- 1.º — As Artilharias divisionarias.
- 2.º — As Artilharias Pesadas de Corpo de Exercito nas organizações militares onde existe esta grande unidade.
- 3.º — As Artilharias de Exercito.
- 4.º — A Reserva Geral de Artilharia (R. G. A.).

Mas, logo que as G.U. de composição fixa são engajadas, principalmente no combate offensivo, é indispensável dotá-lhes duma Artilharia supplementar que as condições exigidas de mobilidade duma semelhante G.U. não permittiria affectar-lhe permanentemente.

Com re'ação a este reforço eventual, citaremos alguns exemplos que fixarão nossas idéas a respeito. As unidades reforçadas são as D.I. francezas que contavam somente com os seus treis R.I. organicos:

I) — No dia 20 de Agosto de 1917, em VERDUN, IIº Exercito Francez engaja na margem esquerda do rio MEUSE, numa frente de 17,5 kms.:

948 peças de Artilharia de campanha;

1.318 peças de Artilharia pesada, ou seja uma peça de 75 por 19 ms. de frente e, no conjunto, uma peça por 8 ms. de frente.

II) — Um pouco mais tarde na MALMAISON, engajou-se numa frente de 10 kms. apenas:

624 peças de Artilharia de campanha;

986 peças de Artilharia pesada, ou seja uma peça de 75 por 17 ms. de frente e, no total, a bagatella de uma peça por 6 ms. de frente!

III) — No dia 15 de Julho de 1918, em AUBERIVE, o 21.º Corpo de Ex. francez foi encarregado de defender uma frente de 20 kms. com treis divisões em linha, consegue reunir as seguintes dotações para uma batalha defensiva onde o principio de economia é a razão logica das coisas:

275 peças de Artilharia de campanha;
244 peças de Artilharia pesada, ou seja uma peça de 75 por 72 ms. de frente e, no total, uma peça por 39 ms. de frente.

IV) — Tomemos ainda este mesmo 21º C.E. no mez de Setembro de 1918 atacando entre as cotas de TAHURE e a de SOUAIN numa frente de 4 kms.; elle põe em linha:

292 peças de Artilharia de campanha;
218 peças de Artilharia pesada, ou seja uma peça de 75 por 12 ms. de frente e, no conjunto, uma peça por 8 ms. de frente.

Poderíamos citar uma grande quantidade de exemplos dessa natureza alongando desnecessariamente este pequeno trabalho sem nenhuma vantagem apreciavel para o fim que nós nos propomos. Todavia, não posso deixar de citar no campo adverso, um exemplo muito sugestivo.

Trata-se da passagem do MARNE pelos allemaes em 1918 por occasião da Batalha de FRANÇA. De REIMS á CHATEAU-THIERRY o ataque será conduzido pelo VIIº Exercito Allemao sob o commando do Genral von BOEHN do grupo de Exercito do Kronprinz Imperial. Sobre o MARNE, entre VANDIÈRE e GLAND, numa frente de 20 kms. approximadamente, este Exercito engajou 3 Corpos de Exercitos, fortes de 12 divisões das quaes 9 em primeira linha, *apoiadas por 500 baterias* de todos calibre ou seja uma peça por 10 ms. de frente.

Os reforços que acabamos de alludir, recebidos pelas Artilharias organicas das G.U. acima provinham das divisões de 2.^o linha ou de reserva, porém, mais commumente elles eram obtidos na R. G. A..

O estudo methodico e paciente dum grande numero de exemplo vividos durante a grande campanha que foi a guerra mundial de 1914-18, utilisando-se intelligentemente todos os dados colhidos na dura e sangrenta experientia e levando-se ainda em linha de conta as possibilidades technicas dos materiaes de Artilharia, chegou-se desse duplo confronto á conclusão de que a dotação minima de Artilharia attribuida em guerra de movimento, a uma unidade que ataca uma posição summariamente organizada, isto é, a menor dotação compativel com a necessidade dum apoio efficiente, será o de uma peça de 75 por 25 ms. de frente (ou seja um grupo por 300 ms.) e o de uma peça de Artilharia de medio calibre por 50 ms. de frente para a protecção regular e methodica dos ataques em raza campanha.

Parece que nós, aqui no BRASIL, queremos extrapolar esses resultados. Creio muito firmemente, máo grado aquella sentença do Marechal FOCH quando adverte que, «si la guerre, dans son essence, ne change pas, on ne peut cependant la transposer telle que, de l'EUROPE en AMERIQUE.» — que attribuir-se um grupo de 75 por 600 ms. de frente no ataque duma posição summaria ou mesmo ligeiramente organizada é extrapolar perigosamente os resultados colhidos na mais terrivel de todas es experiencias — a guerra. Estes resultados nós os colhemos aqui, do outro lado do ATLANTICO, na dôce e bucolica paz do acolhedor bêrço em que vivemos, sem dôr, sem soffrimentos e sem sangue, offerecidos benevolamente pela M.M.F.. Não devemos menosprezal-os nem tão pouco adulteral-os.

Elles não nos custam penas maiores (talvez somente um pouco mais de trabalho e de suor), porém, não nos esqueçamos jamais do gigantesco ossuario de VERDUM e da immensidão de cruzes negro-brancas que cobre o territorio franez. Ellas representam, nada mais nada menos, do que o preço dessa tremenda experientia alheia que os nossos bons amigos de FRANÇA nos aportam ou directamente pelas suas lições ou indirectamente pelas suas magnificas publicações.

Tratando das *frentes de ataque*, o Cel. J. de la PORTE du THEIL diz mui claramente que «sera nécessairement limité à la bande sur laquelle nous aurons les moyens d'artillerie suffisants pour réaliser le dispositif de feux profonds dans lequel il y a :

«— *d'abord* — des tirs denses et continus d'artillerie et d'infanterie;

«— *puis*, des tirs d'artillerie de densité variable, qui — à la limite arrière de la zone battue deviendront discontinus».

Este dispositivo de fôgos é obtido pelas Artilharias organicas e de reforço, tirada esta ultima da R.G.A. creada durante a guerra mundial de 1914-18 e simplesmente destinada a constituir o reservatorio no qual o Commando vem, nos momentos precisos e consoante as necessidades evidentes da luta, exaurir o que lhe é logicamente impôsto em materia de Artilharia, para cumprir dignamente o papel que lhe incumbe exercer na acção, «car ce sont toujours, diz ainda o Coronel de la PORTE du THEIL, les disponibilités en Artillerie qui ont marqué la limite des possibilités quant à l'extension des fronts d'attaque».

O quadro abaixo nos dá uma idéia exacta da massa immensa de Artilharia que os dois principaes belligerantes ti-

veram o encargo supremo de manobrar com consciencia e com sciencia dentro duma technica impeccavel e inteiramente particular:

dos meteriaes que são necessarios ao desempenho duma determinada operação militar é o que se convencionou denominar na terminologia militar do artilhei-

FRANÇA		ALLEMANHA	
Numero de baterias	Total de peças	Numero de baterias	Total de peças
1º - AGOSTO DE 1914.		1º - AGOSTO DE 1914.	
a) - Artilharias organicas:		a) - Artilharias organicas:	
960 bias. de 75	3.840	92 A. D. de 2 Reg. de 6 bias. de 6 p. de 7,7 ou 10,5	5.400
32 bias. de montanha	120	41 Art. P. de C. E. a 1 gr. de 4 bias. de 4 p.	656
66 bias. de Art. a pé	380		
67 bias. de Art. pesada	308		
b) - R. G. A.:		b) - R. G. A.: Mort de 21; ob. de 15; canh. de 10 e de 13	1.364
Não existia			
GRANDE TOTAL	4.648	GRANDE TOTAL	6.420
2º - NOVEMBRO DE 1918.		2º - NOVEMBRO DE 1918.	
a) - Artilharias organicas:		a) - Artilharias organicas:	
- 105 A. D.:		- 243 A. D.:	
945 bias. de 75	3.780	243 R. de 9 bias. de 4 p. de 7,7	8.748
315 bias. de 155 C	1.260	243 gr. de 3 bias. de 4 p. de 15 C e 10 C	2.700
- 30 Art. P. de C. E.:		- 30 Art. P. de C. E.:	
90 bias. de 105 L	360	Mort. de 21 e canh. de 15	480
90 bias. de 155 L	360		
b) - R. G. A.:		b) - R. G. A.:	
297 bias. de 75	1.188	Art. feve ..	3.200
Art. de Mont.	113	Art. pesada curta ..	4.480
Outros calibres	3.148	Art. pesada G. P.	200
GRANDE TOTAL	10.207	GRANDE TOTAL	19.808

Mover, de conformidade com as condições imperiosas dictadas pelas situações estrategicas e tacticas, o conjunto

ro a manobra dos materiaes isto é, os seus deslocamentos e os seus desdobramentos.

(Continúa)

Batalha de St. Quentin - Guise

Pelo Ten. Cel. P. LANGLET

Ex-membro da M. M. F. e ex-Director do Ensino Militar
da Escola Militar

Este trabalho encerra uma parte do curso de Historia Militar de 1932 da Escola Militar e contem, além dos ensinamentos taticos, então destinados aos cadetes, apreciações de ordem estrategica, que o autor acrescentou com o objectivo do livro ser util tambem aos estudos

posteriores de seus ex-alunos.

A Escola Militar, no desejo de facilitar a aquisição desta obra pelos oficiaes do Exercito, sobretudo pelos que foram alunos do Ten. Cel. Langlet, no Realengo, em 1932 e 1933, colocou-a á venda em «A Defesa Nacional».

Preço 6\$000
(mais 1\$000 pelo Correio)

**Secção
de
Engenharia**

A engenharia nas marchas

Pelo **Coronel Baills**

Quando uma grande unidade marcha para o combate, utiliza determinados itinerarios. Actualmente esses itinerarios são classificados em categorias, de conformidade com a tonelagem dos comboios que sobre elles deverão transitar. A classificação das vias de comunicações faz parte de um repertorio de informações que o commando deve possuir. É de toda conveniencia, que durante a progressão o commando tenha a certeza de que os itinerarios que elle affetcou aos comboios estão de accordo com as informações do seu repertorio. Com effeito, acontecimentos imprevistos ou recentes podem haver modificado o estado dos itinerarios: accidentes nas pontes e nos muros de sustentação, estragos devido ás inundações ou á usura e fadiga das pontes metallicas, etc., etc.. Alem disso, o inimigo, quiça animado de intenções defensivas, pode haver preparado dispositivos de destruição a retardo, pela utilização judiciosa da engenharia sobre automoveis, etc..

Ha, pois, interesse, para o commando em ser informado o mais cêdo possivel, afim de evitar qualquer entrave nos itinerarios a utilizar e tomar as disposições em consequencia.

Resulta disso, a necessidade de affetcar aos destacamentos precursores, um destacamento de engenharia de exploração, em automovel, com a missão de reconhecer, sob o ponto de vista technico, o estado dos itinerarios que o commando se propõe utilizar.

Este destacamento comprehenderá: um ou varios officiaes, alguns sargentos e um certo numero de homens escolhidos. Uma «caminhonete» basta para o transporte.

Os meios de ligação são fornecidos pelo proprio destacamento precursor.

Este destacamento precede e esclarece a vanguarda.

— Como vae ser constituída a engenharia da vanguarda?

— As vanguardas para vencerem os obstaculos imprevistos são, actualmente, mui fortemente dotadas de artilharia.

Ora, na zona de approximação, a artilharia inimiga não deixará de agir sobre as vanguardas com tiros de interdição applicados de preferencia nos pontos de passagem obrigados das estradas, sobre os obstaculos naturaes. Um golpe feliz de artilharia poderá causar danos taes que *á priori* não podemos conhecer a importancia.

E, portanto, necessario que a engenharia da vanguarda esteja em estado de fazer face a qualquer imprevisto e de executar um trabalho technico mesmo que elle seja importante.

Ora, a unica fraccão da engenharia que poderá resolver o problema em todos os casos, é a companhia que deve fornecer de uma só vez o elemento technico (construcção) e o elemento auxiliar (transporte e reabastecimento do material).

O raciocinio nos induz, portanto, a esta conclusão: *A tropa de engenharia duma vanguarda será função da natureza dos obstaculos que ella tenha probabilidade de encontrar.* O exame da carta e as informações relativas ás regiões atraves-sadas dão indicações preciosas para o fim collimado.

Chegar-se-á algumas vezes, aliás excepcionalmente, a fazer marchar as duas companhias de engenharia duma divisão com as vanguardas.

Pelo contrario, no caso de uma marcha de approximação em uma região desprovida de obstaculos importantes,

apesar de aggravada pelas destruições rápidas do inimigo; ou então num paiz colonial, com rôde de communicações embryonaria, o emprego da engenharia na vanguarda será contra indicado. Seu lugar, em semelhantes casos, seria na testa do grosso prestes a intervir; ou mesmo na retaguarda, em paiz colonial, afim de construir pontes e estradas para os reabastecimentos, pois a progressão sem communicações seria depressa parada.

Coberta pelo fogo da artilharia, a engenharia a precederá.

— Quem commandará a engenharia da vanguarda?

— Por analogia ao que se faz com a artilharia, o commandante do batalhão divisionario de engenharia commandará a engenharia da vanguarda e marchará com o commandante da mesma.

Toda missão de comunicação que aparecer, será resolvida de accordo com as prescripções regulamentares.

A Instrucção prevê que, quando as vanguardas se chocam com uma frente de resistencia continua que não previam, devem se installar no terreno e esperar que o commando da grande unidade tenha tomado suas disposições para o combate.

Durante esta installação ha interesse em assegurar a posse dum certo numero de pontos do terreno susceptiveis de facilitarem o ataque ulterior: — será util iniciar ahi uma organização defensiva.

O commandante da vanguarda prescreverá então ao commando da engenharia que empregue os seus sapadores, organizando tal ou tal ponto, em ligação e de accordo com os chefes de infantaria encarregados de sua defesa.

O commandante da engenharia, depois de fazer o reconhecimento, affectará a cada ponto o effectivo de engenharia que julgar necessário.

As fracções de engenharia assim postas em trabalho na zona de combate de uma unidade de infantaria para executarem trabalhos determinados de accordo com o chefe da infantaria interessada e sob as ordens do commando da engenharia, por-se-ão em *ligação tactica* com aquella arma, para poderem, em caso de crise, participar da batalha em condições favoraveis.

O sapador, que durante a marcha de approximação soffreu menos que o infante, pois que não combateu — se foi bem empregado — poderá, com a chegada da noite, levar aos seus camaradas infantes, sob a forma de trabalho, um apoio e um socorro realmente efficazes. Este socorro poderá, aliás, ser conseguido mesmo que a engenharia marche na testa do grosso. Basta impellil-a progressivamente para frente afim de que, ao termino do dia, ella esteja em contacto com a vanguarda, para ajudar sua installação no terreno.

Haverá necessidade de estabelecer uma certa dosagem de sapadores, afim de que possam repousar como os outros soldados. É preciso alternar as unidades para o trabalho, como se alternam os infantes para a marcha (vanguarda e postos avançados).

Ha ainda uma missão que parece dever incumbir-se á engenharia durante a marcha de approximação e mais particularmente aos estados maiores da engenharia da divisão e de corpo de exercito, auxiliados, nesta missão, pelos quadros das companhias de corpo de exercito. É uma missão de reconhecimento de ordem defensiva.

Quando uma grande unidade marcha para o combate, animada, em todos os seus escalões, de espirito offensivo «a outrance», como se achavam nossas tropas em 1914, é normal que o commando, em todos os escalões, evite falar, ás tropas e aos seus chefes, em defensiva

ou mesmo lhes deixar entrever ou suspeitar a possibilidade dum choque. É mistér não olhar para retaguarda. Porém, pelo contrario, é dever do commandante prever o caso de um encontro e de manter-se em condições de parar, se for o caso, ou de partir para o ataque, se o inimigo desejar constrangel-o á defensiva.

Este foi o caso para a maior parte de nossos exercitos em 1914.

É, portanto, de toda sabedoria e de toda prudencia ir pensando durante a marcha rumo ao inimigo, como encarar o caso: ceder, ou aferrar-se ao terreno aguardando novos meios para retomar a offensiva.

O commandante pode, sem temor, confessar semelhante eventualidade aos commandantes da engenharia das grandes unidades e confiar-lhes a missão de, durante a progressão, reconhecer o terreno percorrido na zona de approximação, afim de: determinar as zonas proprias á defensiva, procurar os pontos sensíveis das vias de communicações onde preverão algumas destruições rapidas, arrecadar, nas regiões percorridas, os materiaes de toda especie susceptiveis de serem empregados em uma organização rapida de certas partes do terreno.

Em caso de encontro offensivo e de necessidade de aferrar-se ao solo, os commandantes da engenharia das grandes unidades poderão responder ao

appello do chefe, dizendo-lhe: «Estamos promptos para o trabalho, onde é preciso organizar?» E com seus sapadores e pioneiros, prepararão utilmente o terreno sobre o qual se poderá fazer face ao inimigo.

Tal deve ser, segundo nossa opinião, o emprego da engenharia na vanguarda.

Podemos resumir o que dissemos do seguinte modo: Um grupo de quadros e homens de engenharia marcha no escalão de reconhecimento e reconhece o estado dos itinerarios cuja utilização foi, pelo commando, prevista para determinados comboios.

A engenharia duma vanguarda comprehenderá, se o terreno for cortado de obstaculos naturaes, de meia ou uma companhia por columna de vanguarda.

O commandante da engenharia da vanguarda será o commandante do batalhão de engenharia divisionaria.

Quando as vanguardas se installam no terreno, as companhias de engenharia podem participar desta installação. Neste caso, toda fracção de engenharia, que opera na zona de acção duma unidade de infantaria, se põe em ligação tactica com esta, para poder, em caso de crise, participar da lucta.

Em terreno pouco accidentado a engenharia marcha na testa do grosso.

Em paiz novo, seu lugar é sobre os canteiros de construcção de pontes e estradas de reabastecimento.

(Traducção do Cap. Lima Figueirêdo)

Aspectos Geographicos Sul Americanos

Pelo Major **Mario Travassos**

Prefacio de **Pandiá Calogerás**

A VENDA NESTA REDACÇÃO

Preço : 5\$000

Assignantes : 4\$000

Socios : 3\$000

**Seccão
de
Aviacão**

**Notas sobre
unidades aéreas divisionarias**

Pelo Cap. Nilo Sucupira

(Continuação do n. 241)

E) — AÉROSTAÇÃO de OBSERVAÇÃO

A aérostação de observação é constituida tendo em vista essencialmente a observação em proveito da artilharia, isto é, a regulação e verificação dos tiros; — além disso, ella pôde, eventualmente, provocar o desencadeamento de determinados tiros e executar a observação sobre o campo de batalha, desempenhando uma missão de *vigilancia geral*.

Em certos casos, muito particulares, poderá acompanhar a marcha da infantaria que progride em terrenos não muito cobertos e inclinados para o lado de sua observação.

O balão permite pois economisar-se grandemente a aviação, constituindo um observatorio que pôde elevar-se a 1.800 metros com *um* observador, ou a 1.200 metros com *dois* observadores.

Quando uma divisão é dotada deste meio de observação, o seu emprego é regulado segundo as ordens do comandante das unidades aéreas da divisão, a quem cabe repartir as missões de observação do campo de batalha e de observação da artilharia entre o avião e o balão, e assegurar a proteção deste ultimo contra os ataques aéreos do inimigo. Entretanto, para a sua defesa imediata, as Cias. Aér. Obs. dispõem organicamente de metralhadoras contra-aviões que devem ser empregadas nas proximidades do ponto de ascenção e de estacionamento do balão.

Sua observação baseada nas leis da perspectiva, pôde extender-se até 15 kms., ou mesmo até 20 kms. em regiões descobertas, com auxilio de instrumentos apropriados (binóculos, oculos especiais,

etc.), e em bôas condições atmosféricas. Seu emprego é porém limitado, ou torna-se mesmo impossível em certos casos, como por exemplo: *temporais, chuvias, neblinas, nuvens baixas, ventos violentos (18 a 20 metros por segundo), etc..*

A unidade de organização da aérostação de observação é o *batalhão*, a *companhia* é porém a unidade de emprego.

A constituição normal de uma companhia é a seguinte:

- 1 capitão, commandante;
- 1 oficial encarregado da manobra;
- 4 observadores, officiaes ou sargentos especialistas;
- 1 oficial das transmissões;
- 135 praças, assim distribuidas: 1 secção de manobra, equipes de especialistas e 1 reserva de pessoal;
- 1 balão de observação, compreendendo o *envolucro*, o **material** de suspensão e sustentação do balão e seus *accessorios* (*barquinha, paraquedas, etc.*);
- 2 viaturas techniques: viatura *cabestrante* e viatura *tender*;
- 6 caminhões não especializados, destinados ao transporte do material de ascenção do balão, instrumentos e armamento, tubos de gaz, pessoal, material de acampamento, viveres e bagagens;
- 1 viatura de informações, contendo todo o material necessário á instalação de uma «*Sala de Informações*»;
- 1 viatura telephonica;
- 1 viatura cosinha, com reboque;
- 1 viatura de ligação;
- 2 reboques;

— 5 motocicletas, das quaes 1 com carro lateral.

A Cia. dispõe de uma reserva de 40 tubos de gaz, porém seu reabastecimento é feito normalmente pela *Secção de Parque de Aerostação* annexa ao Pq. Av. Ex., que dispõe de 300 tubos de gaz. Para o enchimento completo de um balão pôde-se admitir, em média, cerca de 160 tubos.

O balão, cheio e em ascenção, pôde deslocar-se acompanhando a infantaria, uma vez que se disponha de bôas estradas por onde o *tratôr* possa passar livremente; — sua velocidade horaria varia entre 10 a 15 kms..

Em columna de estrada deve ser completamente esvaziado, podendo então deslocar-se com uma velocidade horaria que, em principio, não vae além de 20 kms., devido ao peso de sua viatura cabrestante que é de cerca de 5.000 kilos.

Sendo muito delicadas as manobras de *enchimento* e *esvaziamento* de um balão, não só porque elles exigem a utilisação de um pessoal especialista, como porque são precisas 2 a 3 horas para a realização de cada uma destas operaçoes, torna-se necessário que, uma vez o balão cheio, só se o esvasie quando se tratar de grandes deslocamentos, ou em face de obstaculos muito numerosos a vencer.

Uma terceira operaçao — *de reenchimento* — poderá ter lugar diariamente, sobretudo para os balões dilataveis, porque a ascenção sujeitando o balão ás variações de temperatura, de pressões atmosphericas, resultantes das decisas ou subidas, e dos ventos, ocorre quasi sempre uma diminuição em seu volume devido ás perdas de gaz.

Embóra o *reenchimento* não seja mais do que um *enchimento parcial*, não se deve executá-lo á noite, salvo em caso de absoluta necessidade; — além disso, esta operaçao exigindo um cuidado es-

pecial, afim de que o balão se mantenha sempre em bôas condições de ascenção, deve-se regulá-la de forma que se obtenha uma constante economia de hidrogenio.

Dadas as suas características particulares, o balão, ou melhor, a companhia dispõe normalmente de tres posições:

- *posição de enchimento*;
- *posição de estacionamento*;
- *posição de ascenção*.

A *posição de enchimento* deve ser escolhida á uma distancia minima de 10 kms. da frente, completamente desenfiada dos observatorios inimigos e tanto quanto possível disfarçada ás vistas aéreas; — sua localisação nas proximidades de uma estrada facilitará o acesso do *material de enchimento* e dos *tubos de gaz* a serem transportados á braço dos caminhões á posição, e de desembaraçar, igualmente á braço, o balão, depois de cheio, desta posição até á estrada.

Para que a operaçao de enchimento se realize em bôas condições, é preciso sobretudo que esta posição fique ao abrigo dos ventos, cuja accão pode perturbar a execuçao da manobra, e que se tome precauções contra incendio, afastando-a de uma via-ferrea em serviço, de um fogo ou de uma chaminé em atividade.

A *posição de estacionamento* é utilizada como acampamento do pessoal e abrigo do balão, para onde deve ser este encaminhado em fim de jornada, seja para ahi estacionar simplesmente, seja para permanecer neste local sempre que as condições atmosphericas não permitam o seu emprego; — impõe-se por isso que ella fique suficientemente recuada da frente e abrigada dos ventos.

O ponto de estacionamento pôde ser utilizado para enchimento, no caso de

attender ás condições de acesso referidas.

A posição de ascenção deve ser, em principio, collocada fóra do alcance dos canhões da artilharia inimiga, entre 6 a 7 kms. distante das linhas. Em certos casos, notadamente em periodo de offensiva, os balões pódem avançar até 5 kms. da frente, porque os canhões inimigos estando muito preocupados com os ataques terrestres deixarão certamente de inquietá-los.

Entretanto, devido ás flutuações a que estão sujeitas as tropas terrestres, em virtude do desenvolvimento de suas proprias operações, torna-se necessário que o ponto de ascenção do balão se encontre nas proximidades de uma via de communicações e de um eixo de transmissões da grande unidade para a qual trabalha, dispondo em todas as circostancias de itinerarios de progressão e de recuo, tanto quanto possível desembaraçados de obstaculos e afastados das aglomerações.

Emfim, será sempre vantajoso que o ponto de ascenção se encontre suficientemente desenfiado dos observatorios terrestres e, si possível, dos proprios balões inimigos, porque escapará assim, mais facilmente, aos riscos das perturbações incomodas causadas pelos tiros da artilharia inimiga, regulados sobre a viatura cabrestante.

As unidades de aérostação de observação são dotadas de *meios de transmissões* que permitem:

- um estabelecimento rapido das ligações com o commando das unidades aéreas e tambem com as tropas em proveito das quaes o balão trabalha;
- uma ligação facil entre o balão e a terra, isto é, entre o observador colocado na barquinha e o posto da companhia collocado em terra.

Com este fim, as companhias dispõem:

- de um material telephonico de uso corrente em todas as armas e serviços: — postos telephonicos, quadros anunciadores de 4 a 20 direcções, material de linha (cabos, varas, etc.);
- de um material especialmente utilizado pela a aérostação de observação: — posto telephonico de barquinha, cabos e material de ligação telephonica especial para a barquinha, cabo telephonico de soccorro, material (bobina e suporte) para o cabo de soccorro;
- um *posto radio-emissor-receptôr* para as transmissões *radio terrestres*.

* * *

C) — ARTILHARIA ANTI-AÉREA:

A precariedade de nossas estradas de rodagem, impondo constantemente á artilharia anti-aérea um deslocamento em terrenos os mais variados, exige desde logo a adoção de um material apropriado e que apresente facilidades de manobra em todas as situações. Além disso, as condições de seu emprego levam a escolher-se um material capaz de lançar um projectil ao mesmo tempo de grande volume e perigoso, dotado de uma grande velocidade inicial e que seja ainda de tiro rapido.

O canhão de 75 A.A.A. rebocado por um tratôr é o typo que se adapta ás nossas necessidades.

Como na artilharia, a execução das missões technicas de tiro de artilharia anti-aérea é uma atribuição de capitães e, basêado ainda nos methodos de tiro e de utilização do canhão, o qual deve atingir um determinado objectivo, normalmente movel — *o avião* — impõe-se que a *unidade technica de tiro* seja constituída por uma *bateria*, formada por quatro bocas de fogo.

As razões que levaram a admitir-se esse numero de peças por bateria, são as mesmas que conduziram á organisa-

ção da artilharia terrestre, isto é, de toda a artilharia não especializada no tiro anti-aéreo, e que tem por fim *o encargo de fazer chegar os projectis que lhe são creditados á uma zona circunscripta do campo de batalha, zona mais ou menos restringida pelas dimensões do objectivo ou pelas indecisões quanto a localização do inimigo.*

A composição de uma *Bia./75 A.A.A.* é a seguinte:

- 3 officiaes: 1 capitão e 2 subalternos;
- 140 sargentos e praças;
- 5 tractores: 4 para as peças e 1 para o posto de sondagem;
- 3 caminhões leves: 1 para o posto radio, 1 para o material de direcção de tiro e 1 para o material telephonico;
- 10 caminhões pesados: 6 para as munições, 1 para o armamento e munição (mosquetões, metralhadoras anti-aéreas), 1 officina, 1 para viveres e material de estacionamento e 1 para bagagem e estacionamento;
- 3 reboques: 1 para o carro cosinha, 1 para o grupo electrogeno do posto radio e 1 do posto de escuta pelo som;
- 2 — viaturas ligeiras: 1 auto de turismo e 1 moto com carro lateral.

A bateria articula-se em:

- grupo do commando;
- bateria de tiro;
- T.C. ou serviços geraes.

Os *postos de escuta* são organicos nas baterias e, estabelecidos nas proximidades das posições de tiro, pelo menos a 200 metros de uma bateria atirando á noite, constituem as antenas do dispositivo de informação, permanentemente ligados por telephone ao posto de commando da bateria.

A *observação do ar*, organisada em todas as unidades para vêr tudo o que se passa no céo, não exige a constituição de unidades especiaes.

Na artilharia anti-aérea porém é normal organizar-se *barragens de vigilância* ligando, segundo determinadas direções provaveis de penetração da aviação inimiga, diversos *postos de vigilância* dispostos de numerosos apparelhos de optica e de medida.

Estes *postos*, constituidos geralmente por elementos retirados dos proprios efectivos das unidades, ou são dotados de meios rapidos de transmissão (telephone e radio), ou utilizam os meios das unidades mais proximas, transmitindo não só as *mensagens de alerta* como tambem todas as informações ao *centro de informações* e aos *agrupamentos de defesa e de caça*.

A acção de uma bateria agindo isoladamente se reduz em:

- assegurar pelo fogo a proteção de um ponto de passagem obrigatoria para as tropas terrestres;
- assinalar, por meio do arrebentamento de seus tiros, a aproximação de um avião inimigo, cuja presença na zona de trabalho do avião amigo poderá transformar-se numa ameaça e, por conseguinte, num embaraço no cumprimento de sua missão.

O emprego da artilharia anti-aérea é geralmente reservado ao Exercito, porém o Commandante de um Exercito pôde passar á disposição de uma divisão (de I. ou C.) um grupo inteiro, ou ainda excepcionalmente uma ou duas baterias. A descentralização do grupo tendo lugar de preferencia em periodos de movimento, quando as ligações e transmissões se tornam precarias, deve-se todavia evitá-la, porque a bateria não podendo defender mais do que um *ponto do terreno*, a proteção a ser realizada por um conjunto menor do que tres baterias, ou um grupo, em uma zona em que deve operar uma divisão, será sempre muito deficiente.

Além disso, a acção da aviação inimiga não se achando presa á regras rígidas de vôo, manobrando como melhor lhe conviér no momento, afim de abordar seus objectivos nas condições que lhe parecerem mais favoraveis, exige que a artilharia anti-aérea tome disposições largamente articuladas, cobrindo assim extensas *zonas do terreno*.

Impõe-se portanto um *desdobramento* da artilharia anti-aérea, que não poderá jamais ser obtido unicamente por uma bateria.

O grupo, constituído normalmente por três baterias, é pois a *unidade de emprego*.

A composição de um *Gr./75 A.A.A.* é a seguinte:

- 17 officiaes;
- 600 cargentos e praças;
- 600 sargentos e praças;
- 12 reboques;
- 60 caminhões pesados;
- 12 viaturas ligeiras: 6 auto de turismo e 6 moto com carro lateral.

O grupo se articula em:

- Secção extra: pessoal do commando e serviços geraes;
- grupo de tiro: baterias de tiro;
- T.C. e serviços geraes;
- T.E. (3 secções).

A velocidade horaria do grupo em coluna de estrada é em média de 12 kms.,

podendo contar-se com uma etapa dia-ria de 80 kms..

Para que um grupo possa ser em-pregado em uma zona diferente daquelle em que vinha anteriormente agindo, é preciso contar-se sempre com um pra-zo nunca inferior a 24 horas, sua en-trada em bateria é porém muito rapida — 1 hora e 30 minutos.

Cada grupo dispõe organicamente dos seguintes *meios de transmissão*:

- *postos radios emissores-receptores*, per-mitindo a organisação de uma rête interna destinada a ligar entre si o grupo e as baterias;
- de um *posto radio emissor receptor*, fazendo parte da rête do exercito;
- de um *material telephonico* (appa-relhos, quadros, cabos) que permite or-ganizar a sua propria rête telepho-nica e ligar-se a rête geral de defesa.

Sempre que as circunstancias per-mitirem, circuitos especializados da rête telephonica geral serão postos á dispo-sição da artilharia anti-aérea, pelo Ser-viço das Transmissões do Exercito.

As informações fornecidas pela A.A.A. pode ser:

- *instantaneas*; em caso de incursão inimiga importante;
- *periodicas*: sobre a atividade inimiga nas duas horas que precedem o fim da jornada (rótas utilizadas, estatis-ticas e o modo de proceder da aviação inimiga).

Biblioteca de A DEFESA NACIONAL

A' venda

Regulamentos de Continencias

(2.ª edição)

Preço 1\$500

Secção de Veterinaria

O serviço veterinario em campanha

Pelo Major Vet.º Severo Barbosa

Chefe da 1a. Secção da D. S. V. Ex.

Agora que nos horizontes militares têm surgido elementos de grande destaque e verdadeiramente possuidos de um dynamismo constructor para com as cousas que dizem respeito ao nosso Exercito, lebramo-nos de traçar aqui algumas linhas, que a nosso ver vêm a propósito, agora que S. Excia. o actual Ministro da Guerra, com visão superior vem impulsionando o apparelho militar.

O Serviço Veterinario do Exercito acha-se ainda em uma phase embryenaria, e como o momento se nos depara util, diremos algo para a organização do nosso serviço em campanha.

Para padrão tomaremos o S. V. do Exercito Britanico, por se nos afigurar o melhor apparelhado.

A direcção geral desse serviço no Exercito britanico esteve sempre entregue a um General de Brigada Veterinario, official esse que servia addido ao G.Q.G., e sob as suas ordens estiveram sempre os veterinarios delegados (Coroneis), encarregados do S.V. de cada Exercito e sob as ordens de quem ainda se achavam os assistentes — Tenente Coronel ou Major, que por sua vez ficavam á testa do S.V. de cada Divisão.

Um veterinario faz o serviço de cada brigada, e nas outras unidades, com excepção do trem de equipagem, que não tem veterinario, esse serviço é feito pelos veterinarios da Artilharia. Em cada bateria de artilharia ou em cada unidade menor, existe para auxiliar o official veterinario um sargento enfermeiro-veterinario.

Este sub-official faz um estagio de tres a seis mezes em um hospital, operando sob a responsabilidade do Chefe do Serviço (tem uma carteira cirurgica e uma cantina com medicamentos).

Os auxiliares para esse serviço são fornecidos pela unidade, na proporção de um homem para tres cavallos.

As attribuições do veterinario Chefe do Serviço no Exercito Britanico, são as mesmas da do Exercito Francez: tratamento dos animais doentes, higiene geral; vigilancia e inspecção dos generos, das carnes e dar ainda conselhos em linguagem ao alcance das praças, para a conservação dos animaes. Uma divisão do Exercito Britanico é composta de 4.500 a 6.000 cavallos.

Valendo-me ainda de algumas annotações do meu saudoso mestre Dr. Muniz de Aragão, aqui vai o pessoal veterinario do Exercito Britanico.

«O Director A.D.V.S. (Director Geral).

4 vets. chefes (Ten. Cels. Vets.) (1 por Brigada de Artilharia).

1 vet. chefe do Serviço de Abastecimento (Major) (trem de equipamento).

1 vet. Major-Encarregado da Secção movel.

Secção movel — Esta formação divisionaria, não tem equivalente no Exercito Francez, e comprehende, no ponto de vista do pessoal, o seguinte:

1 cap. vet.-Chefe da unidade.

1 sargento ajudante.

2 sgts. vets.

3 cabos de esquadra.

21 homens (soldados).

O official veterinario é o chefe da unidade, tem toda a responsabilidade, tanto no ponto de vista technico como no administrativo e disciplinar.

Esta Secção, isto é, a Secção movel tem a funcção seguinte: 1.º centralizar todos os animaes da Divisão, portadores de lesão grave ou molestias quaisquer;

2.º — dirigir esses animaes feridos ou doentes para um hospital veterinario;

3.º — tratar dos animaes que não podem ser evauciados, mas dos quaes se espera uma melhora para se poder fazel-o;

4.º — organizar um posto de soccorro (posto avançado durante os periodos de grande offensiva, e estes postos acham-se localizados logo atrás das baterias de artilharia junto da collocação classica dos escalões na formação do combate; é dirigido por um sargento veterinario, tendo a sua disposição seis homens;

5.º — A secção movel occupa-se tambem dos cavalos dispensados por uma unidade em um estacionamento qualquer; numa palavra ella tem o encargo de reunir os animaes extraviados ou abandonados por qualquer outro motivo.

Cada secção movel, tem um carro para transporte de quatro animaes feridos, e, quando um destes é gravemente acommettido em uma unidade, o veterinario chefe do serviço o dirige para a respectiva secção movel, na qual é incluido depois de um recibo passado ao chefe do Serviço da unidade de onde procedeu.

O veterinario chefe do serviço, pres-
ta informações semanaes á A.D.V.S. (Di-
rector Geral).

O cavallo ferido no campo de batalha, é recolhido ao posto de soccorro, onde recebe os primeiros curativos; se o ferimento é ligeiro, volta á unidade; se é grave, o veterinario chefe do serviço é avisado e vem vê-lo, e estabelece a sua sorte: sacrificio, evauciação para a secção movel, ou tratamento na propria unidade.

O serviço veterinario tem a seguinte disposição. a Secção Movel tem pessoal habilitado para cuidar de quinhentos cavallos no maximo, e, ao attingir esse numero, ou mesmo antes, o veterinario julgando opportuno dirige esses animais para um hospital apropriado, sendo a evauciação feita por estrada de ferro

(oito animaes por carro), tendo um homem para cuidar desses animaes.

A Secção Movel, fica installada em geral, perto de um ponto terminal numa estrada de ferro; pode ficar num acan-
tonamento visinho do Estado Maior Di-
visionario ou mesmo nelle.

Esta formaçao presta serviços ines-
timaveis, por seu posto avançado; com
sua viatura-ambulancia, pode transpor-
tar os animaes gravemente feridos, sim-
plificando assim muito o serviço de eva-
cuação, notadamente para as unidades
muito moveis, como a Infantaria.

Hospitaes: — Os animaes vindos da
secção movel, são recebidos em um hos-
pital, onde são separados de accôrdo
com as molestias ou estados de que são
portadores e enviados ao H.T..

Hospital de Tratamento: — Este hos-
pital está sob a direcção absoluta do
veterinario director, a quem cabe inteira
responsabilidade, sob todos os pontos de
vista.

O major director tem amplos pode-
res sobre tudo o que concerne ao pon-
to de vista technico e administrativo (ins-
tallação, construcções, adaptação e dis-
ciplina).

O hospital forma uma unidade inde-
pendente, do qual o veterinario é o chefe.

Esta unidade faz parte do quadro do
corpo de veterinarios.

O hospital é dividido em uma série
de secções, sendo cada uma dirigida por
um veterinario chefe de serviço de man-
queiras, cirurgico, sarma, debilitados, es-
tropiados, etc..

Todo animal curado, permanece de-
terminado tempo, que varia de uma a
duas semanas, em uma secção onde se
procede a *toilette*, ficando ainda em ob-
servação e, finalizando o prazo, é reen-
viado ao Deposito de Remonta.

Os medicamentos serão pedidos pelo
chefe do serviço á A.D.V.S., que centra-

Sugestões

«As suggestões devem chegar á nossa redacção até o dia 15 de cada mez com a assignatura do seu auctor, a qual poderá não ser publicada se assim nos fôr pedido».

(Nota importante do n.º 149/50 de 1926).

Pelo Cap. Irapuan Xavier Leal

1.ª — Necessidade de especialização.

É do conhecimento geral do Exercito que a instrucção dos quadros e da tropa, o preparam para a guerra é fortemente prejudicado com o desperdicio de tempos consagrados á burocracia da caserna. Pode-se dizer que os nossos quadros e a tropa só aprendem 30% daquillo que lhe obrigam os regulamentos, instruções e livros profissionaes. Cerca de 2/3 do tempo dedicado á caserna são consumidos em attender a uma série de papeis, avisos, conferencias de material, conselhos administrativos, commissões de rancho, tabellas de fardamento, etc.. Em consequencia disso ha uma agitação constante com resultado pouco compensador.

Dahi resulta a necessidade:

a) — De se estabelecer uma separação maior entre administração e instrucção, ampliando-se o quadro especializado para tomar a seu encargo a parte burocratica da caserna.

É imprescindivel que o Cmt. de Corpo, Sub-Cmt., Cmts. de sub-unidade e subalternos cuidem em primeira urgencia da instrucção e disciplina dos quadros e da tropa. A sua acção administrativa deve exercer-se unicamente por inter-

medio e em harmonia com o Fiscal Administrativo, officiaes contadores, aprovisionador, almoxarife e sub-tenente almoxarife das sub-unidades.

b) — Dos fiscaes administrativos não serem tirados do quadro de combatentes. Está claro que um Major ou Capitão que passe dois annos, por exemplo, como fiscal administrativo, quando voltar á função de commando estará burocratizado, sem a aptidão necessaria.

c) — Dos officiaes combatentes não fazerem parte de commissões de rancho nem de Conselhos de Administração.

— Occorre muitas vezes Cmts. de companhia e de pelotão deixarem uma sessão de instrucção para assistirem concurrencia do rancho, entrada e pesagem de generos, etc..

É commum officiaes instructores serem constrangidos pelas circumstancias, a certificarem, na qualidade de membros do Conselho Administrativo, entradas de material para o Almoxarifado, a que não puderam assistir por deveres de instrucção.

Observação: — Em quanto não se chegar a uma solução a esse respeito, de muito pouco servirá o Curso da Escola de Armas e mesmo o de Estado Maior,

liza e requisita da base todos os objetos pedidos.

Em virtude das considerações aqui aduzidas, concluimos da necessidade da organisação do S.V. em campanha, servindo-nos de modelo a organisação do S.V. do Exercito Britanico, do qual nos ocupamos linhas acima, e nos parece

ser essa a melhor orientação daquelles que lêem e observam de perto o magno problema, com experiencias através de nosso «hinterland».

E, como é sabido que, todo o bom militar deve ter uma dose de previdencia, ahi ficam essas linhas á guisa de: — um brado de alerta!

porquanto o oficial na tropa não terá oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos, a não ser que esteja disposto a desprezar as obrigações administrativas, o que não é commum, porque implica em responsabilidade pecuniaria. É um eterno círculo vicioso.

— O assumpto comporta desdobramento.

2.º) — Praças empregadas.

O serviço na Casa das Ordens, Secretaria, Almoxarifado e Contadoria dos Corpos deve ser assegurado, segundo o R. I. S. G., pelo sargento ajudante, sargentos archivistas, sargentos e cabos do material bellico, sargentos e cabos contadores, cujas atribuições estão previstas naquelle mesmo Regulamento. Na pratica, na vida diaria, porém, em todos os corpos a necessidade do serviço obriga os Cmts. e Sub-Cmts. de Corpos, sob pressão de injuncções diversas, e por ser o numero dessas praças insuficiente, a lançar mão de outras para emprego, do que resulta evidente prejuizo para a instrucção, além de um conflicto permanente com os Cmts. de sub-unidades. Resulta desse facto que praças com funções determinadas no Grupo de Com-

bate são tiradas para emprego nas Casas das Ordens, Almoxarifado, etc.. As praças assim empregadas vão tomando o caracter de funcionario publico — burocratisam-se — esquecem a instrucção, faltam ás revistas, chegam tarde ao quartel, etc.. O serviço por sua vez não pôde paralizar.

Considerese ainda não estarem previstas nos effectivos, praças (Sargentos, Cabos e Soldados) datilographos, nem cabos e soldados chauffeurs; entretanto, ha necessidade desses — consequencia — empregos de outras com funções previstas nos Grupos de Combate, Secç. e Pelotões de Commando e Cias. Extras.

Solução: — Ampliar os effectivos quanto aos sargentos e cabos contadores, material bellico e archivistas — criação da especialidade de datilographo (sgt., cabos e soldados); criação nas unidades, (inclusive as sub-unidades destacadas) de um certo numero de soldados chauffeurs.

— Para se firmar a razão desse aumento basta pedir-se a cada Corpo de tropa uma suggestão nesse sentido para os quadros de effectivos do anno proximo; o mesmo quanto as praças datilographas e motoristas.

Maneabilidade das Secções de Metralhadoras

Pelo 1º Ten. Moziul Lima

Ha um importante ramo da Instrucção Technica que, nem sempre, é cuidado com o carinho que deveria nos nossos corpos de tropa. Refiro-me a Maneabilidade.

Nas Companhias de Metralhadoras, então, essa parte é tratada, de maneira geral, apenas superficialmente.

Tendo, ha muito, feito esse reparo, durante a minha permanencia em uma sub-unidade de Metralhadoras fiz todo o esforço para encontrar as origens dessa falha e, depois de cuidadoso estudo, con-

segui uma série de observações que, por julgal-as interessantes, passo a expor:

Diz o nosso R.E.E.U. Mtr. P. (N.º 10), hoje exgotado, no seu Cap. III Tit. III, quando trata da Escola da Sec.: «Exercícios de Maneabilidade». «Todos os exercícios de maneabilidade são executados de acordo com o R.E.C.I. 1.ª Parte (Escola do Grupo). O pessoal conserva a arma a tiracolo».

A pratica, no entanto, demonstra a necessidade de um enorme trabalho de

adaptação para que a instrucção de maneabilidade possa ser dada ás Sec. Mtr. tomando por base o texto do R.E.C.I. que se refere á Maneabilidade do Grupo.

De facto, as diferenças existentes entre o Grupo e a Secção; quer na organização, quer no material, quer nas missões que lhes possam ser atribuidas; são de tal ordem que, como passarei a demonstrar, melhor seria o Reg. N.º 10, em sua nova edição, trazer o Capítulo correspondente á Maneabilidade da Sec. de uma maneira clara e completa, como o faz a edição actual para as partes de Combate e Ordem Unida.

A maneabilidade da Sec., embora tenha suas semelhanças com a do Grupo, pela importancia que deve tomar na instrucção das sub-unidades de Mtr., exige o seu capítulo no R.E.E.U.Mtr.P. (N.º 10)

A instrucção do metralhador tem que arcar com uma larga percentagem de Instrucção Technica, pelas proprias condições de emprego da arma; e, nessa parte da instrucção, ao lado do armamento, marcha parallela a Maneabilidade, que tornará no homem actos reflexos aquelles «movimentos mais communs no combate» de que nos fala o R.E.C.I. 1.ª Parte.

O serviço da peça é, incontestavelmente, muitissimo mais difficult e pesado que o do F.M.

E esta comparação, que põe dum lado os sete kilos e pouco do F.M. e do outro os 48 kilos da Mtr.P., está gritando aos olhos de todo o mundo a necessidade premente de uma cuidadosa instrucção de maneabilidade nas Cias. Mtr.

Não é só no serviço propriamente da peça que a maneabilidade da Sec. revela toda a complexidade de suas exigencias. Os lanços com os cargueiros, as progressões com o material descarregado, as entradas em posição, são outros tantos «movimentos mais communs no combate», que exigem um treinamento apura-

do para que os homens possam executá-los, com rapidez e perfeição, sob as suas pesadas cargas.

É bem verdade que esses movimentos, no combate, não serão feitos, normalmente, tão proximo do inimigo quanto os dos Grupos em 1.º escalão; mas cumpre observar, por um lado que os meios de observação dia a dia se aperfeiçoam e por outro que o nosso Reg. N.º 10 em seu N.º 197 (Cap. II — 2.ª Parte) diz: «em taes casos só o tiro pelos intervallos so torna possivel, o que implica a instalação das Sec. a uma distancia bastante proxima do 1.º escalão».

Cumpre dar á maneabilidade da Sec. Mtr. o lugar que lhe é devido, sem nenhum favor, entre outros ramos da instrucção da Infanteria.

Esperando que tal aconteça quando da publicação da nova edição do nosso R.E.E.U.Mtr.P., não quero terminar este trabalho sem formular algumas sugestões que representam o resultado dum grande numero de experiencias, que fiz nesse sentido.

A meu ver o capitulo do Reg. que trate da Maneabilidade da Sec. Mtr., deve abordar pelo menos os seguintes pontos:

Maneabilidade com o material carregado

FORMAÇÕES:

Por peças successivas

Por peças juxtapostas

Secção em linha

Abrir e cerrar distancias (intervallos) entre as peças.

MOVIMENTOS — MUDANÇAS DE FRENTE:

Deslocamentos sem cadencia

Deslocamentos com os muares ao trote

Lanços de muar

Lanços de peça

Lanços de toda a Sec.

Frente para (tal) ponto.

Formação dos Sargentos

Recente aviso ministerial, a propósito da situação dos primeiros e segundos cabos, estabeleceu que a formação dos terceiros sargentos será obrigatoriamente feita nos corpos de tropa.

É o caso de perguntar-se si essa medida, que representa um regresso a usos antigos, será conveniente?

Até 1928 a formação dos sargentos era feita nos corpos, pelos pelotões de candidatos a sargentos, em todas as armas e mais na Escola de Sargentos de Infantaria, para a infantaria.

O Regulamento de Exercícios e Combate de Infantaria, tendo em vista a carencia de recursos, em pessoal e material, com que lutavam os corpos de tropa, centralizou a formação dos sargentos da activa naquella Escola. Para os sargentos da reserva, elle, no sentido de obter melhores resultados, centralizou a formação em cada região nos corpos melhor dotados de recursos. Mas, prevendo a limitada capacidade da Escola, permite a promoção para a activa dos sargentos formados no Curso de

Candidatos a Sargentos da tropa. Aliás é essa a doutrina do R. I. S. G.

O plano de ensino actualmente em vigor foi mais longe ampliando a idéa e systematisando a formação dos sargentos de todas armas nas respectivas Escolas de Armas.

Não vemos razão para voltar atras, antes de realizar o que foi meditado e decidido. Contra o processo adoptado não pesa ainda o argumento da experiência. Ao contrario, foi esse argumento o principal apoio da medida tão bem enquadrada na organização actual do ensino.

De um lado, insistimos, persiste a carencia dos recursos nos corpos, recursos de pessoal instructor, recursos de tempo, recursos de material e principalmente deficiencia do recrutamento de candidatos, restritos ao aleio de minguado contingente, onde são raros os elementos verdadeiramente aproveitaveis como graduados e sargentos. A menos que se queira apenas fazer cabides de divisas.

Maneabilidade com o material descarregado

FORMAÇÕES:

Por peças successivas

Por peças juxtapostas

Abrir e cerrar distancias (intervallos) entre as peças.

MOVIMENTOS:

Descarregar para transportar

Desmontar para transportar

Sem cadencia

Por lanços (*)

Em marcha rastejante

Material desmontado
A braço

(*) — Os movimentos por lanço na carreira só poderão ser executados muito excepcionalmente em vista da carga que os homens levam.

MECANISMO PARA EXECUÇÃO DE FOGOS:

Preparar para o tiro

Preparar a posição

Em posição

Execução de fógos

Execução de remuniciamento.

Eis os pontos que julgo de imperiosa necessidade sejam tratados na nova edição do R.E.E.U.Mtr.P. na parte referente á Maneabilidade da Sec.

Em artigo posterior espero ter oportunidade de dizer aos leitores de «A Defesa Nacional» como, com a minha Sec., aborda alguns delles.

É preciso legislar para a realidade. Bem sabemos que alguns camaradas nos contestarão com exemplos de corpos quasi modelares e onde era possível a formação dos sargentos. Mas elles reconhecerão que esses corpos são exceção.

Não ha só isso. Ha ainda o argumento da pratica. É a produção da E. S. I. que só teve contra si a sua pequena capacidade — 1.300 sargentos em 13 annos. Quem poderá negar a ação vitalizante dessa Escola na instrucção da tropa e das sociedades de tiro? Pena é que o numero de sargentos produzidos tenha sido tão pequeno que dá a impressão para muitos de que elles não chegaram á tropa. Elles todos foram á tropa, para o estagio obrigado de 2 annos e lá muito produziram. Não ha Capitão de infantaria que negue encomios aos valiosos elementos que receberam da saudosa E. S. I. E si não satisfez a todos foi porque não lhe deram maior capacidade.

Além disso é preciso ver a ação da Escola de Sargentos na manutenção da instrucção das Sociedades de Tiro. Ha ahi notável ação dos obscuros sargentos do Q. I., abandonados muitas vezes a si mesmos e aos quaes se deve, em grande parte, o não ter morrido completamente esse sistema de formar reservas.

Ha ainda outro beneficio, que poucos conhecem; é quasi 40% dos sargentos formados pela E. S. I., graças ás bases que lá adquiriram, galgaram o officialato, com vantagem de possuirem profundo espirito militar.

Ha finalmente outra vantagem importante — o emprego dos sargentos da E. S. I. como commandantes de pelotão em campanha. Tendo sido apreciavel a sua actuação nessa função em todas as campanhas internas e principalmente na de 1932, onde, devido á carencia de quadros, a mor parte dos recem-egressos da Escola tiveram a seu cargo o commando do pelotão.

É uma experiecia de 15 annos que não deve ser posta de lado.

* * *

Convém não esquecer que para nós a formação do sargento da activa deve vizar objectivo mais longínquo. É preciso aproveitar os esforços e, nessa formação, preparar a constituição dos officiaes subalternos de reserva. Tal é o objectivo da formação dos sargentos nas Escolas de Armas, onde mediante a concentração de recursos e uma selecção de melhores candidatos, é possível estabelecer as bases para a constituição da reserva de quadros.

Convém que sejamos coerentes e mantemos a continuidade das soluções. Convém que se conserve a formação dos Sargentos nas Escolas de Armas como normal, só o permitindo na tropa quando a capa ilade dessas não suprir as necessidades. Convém que os cursos de sargentos tenham grandes effectivos, sem idéa de economia, não só pelos beneficios que elles irão levar á instrucção da tropa, á instrucção das sociedades de tiro como pela garantia da formação de um quadro de reserva solido. Convém não destruir esses nucleos de trabalho, de fé e de disciplina, dos novos Cursos de Sargentos e da velha Escola, que atravessou as perturbadas quadras dos ultimos doze annos, mantendo o ambiente de trabalho e de disciplina, completamente alheia ás perturbações reinantes. Convém manter o sistema ainda como meio de uniformização dos processos de instrucção e como meio de fortalecer a cohesão de todo o Exercito. Elle garantirá os melhores resultados, pela força mesma da centralização dos meios, mais fartos e mais bafejados pelo apoio official.

Si elle é defficiente em quantidade, aumentemos-lhe a producção, dando ás Escolas maior capacidade.

É certo que futuramente, quando os meios forem fartos, precisaremos ter varios cursos de sargentos, mas por enquanto, só a centralização nos garantirá exito seguro.

MINISTÉRIO DA GUERRA

CONFEDERAÇÃO COLOMBOFILA BRASILEIRA

CREADA
PELO DECRETO
N. 22.894
DE 6 DE JULHO DE 1933

REGULAMENTADA
PELO DECRETO
N. 23.905 DE 22 DE
FEVEREIRO DE 1934



BOLETIM

OFICIAL

ANO I

SETEMBRO - 1934

N. 6

*Acta da decima Sessão de Directoria
da Confederação Colombophila
Brasileira.*

As dezeseis horas do dia dois de agosto de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua séde a Directoria da Confederação Colombofila Brasileira, composta dos Snrs.: Major Arthur Joaquim Pamphiro, actual Director do S. Tel. do Exercito e Presidente da C. C. B.; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente civil; Cap. Luiz de Figueiredo Lobo, 1.º Secretario; Braulio Ribeiro de Macedo Soares, 1.º Thesoureiro; Dr. Leonidio Ribeiro, 2.º Thesoureiro, representado pelo Snr. Vice-Presidente civil. Faltaram os Snrs.: Major Fernando Nascimento Fernandes Tavora, Director da E. de Transmissões e Vice-Presidente militar da C. C. B., e Dr. Antonio Gomes de Mattos, 2.º Secretario. Estando presente a maioria dos membros a Directoria passou a deliberar. Aberta a Sessão pelo Snr. Presidente, o Snr. 1.º Secretario lê a acta da Sessão

anterior que é aprovada, em seguida lê o expediente que conestou de grande numero de officios enviados á Confederação, e das copias das respostas que ficaram archivadas na Secretaria. O Snr. Vice-Presidente civil, em breves palavras resume o muito que fez pela Confederação Colombofila Brasileira, o Ten. Cel. Amaro Soares Bittencourt, quando Director do Serviço Telegraphico do Exercito e Presidente da C. C. B., propondo consignar em acta um voto de louvor em separado, como enviar um officio de agradecimentos áo digno ex-Presidente, o que é aprovado por unanimidade. Ainda o Snr. Vice-Presidente civil demonstra os serviços prestados pelo Ten. Cel. Nestor Rogrigues Silva, ex-Director da Escola de Transmissões e Vice-Presidente militar da C. C. B., propondo consignar em acta os agradecimentos de toda Directoria, como enviar um officio neste sentido ao digno ex-Vice-Presidente militar, o que é aprovado por unanimidade. Póde o Snr. Vice-Presidente civil, constar desta acta a aprovação

dos balancetes de março, maio e junho do corrente anno, aprovados em sessão realizada á dezenove de julho ultimo, sendo aprovado. Foi lido um officio da Sociedade Colombofila Pin-dense, homenageando o Snr. Vice-Presidente civil, como um officio da Sociedade Colombofila Cruzeiro do Sul, conferindo ao Snr. Vice-Presidente civil, o titulo de Presidente de honra da mesma entidade. O Snr. Vice-Presidente civil apresenta os impressos dos varios modelos constantes do Regulamento da C. C. B., que foram aprovados. Ficou resolvido que no preço de todo material vendido ou cedido pelo C. C. B., ás entidades filiadas seja feito um auggmento de 20 %. Ficou resolvido igualmente officiar ao Snr. Dr. Eduardo Duvivier, Presidente da Sociedade Brasileira de Avicultura, no sentido de comparecer á séde da C. C. B., afim de tratar de interesses da Secção Colombofila da S. B. A.. Foram aprovados os pagamentos das contas enviadas por Marques Araujo & Cia., uma no valor de 1.287\$500, correspondente á segunda prestação do fornecimento de sessenta volumes, constantes da acta da 3.^a Sessão de Directoria; outra no ovalor de 3.805\$000, correspondente ao fornecimento do material constante das actas das 7.^a e 8.^a Sessões de Directoria. Foi apresentado pelo Snr. 1.^o Thesoureiro o Balancete do mez de julho findo. Visando o estímulo e orientação da Colombofila, foi concedido á S. B. A. (Secção Colombofila), que o caminhão da C. C. B., aos sabbados, conduza as embalagens vazias da rua Barão de Itapegipe, 155,

á sua séde na Praça 15 de novembro. Foi apresentado pelo Snr. Vice-Presidente civil, o resultado dos trabalhos das commissões encarregadas de fixar as instruções, a serem baixadas pela Directoria da C. C. B., para serem observadas nos concursos e exposições officiaes e particulares, que foi aprobado, devendo ser enviado ás entidades filiadas, afim de no prazo maximo de 30 dias, enviarem suas suggestões, para aprovação definitiva. E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão da qual, eu, 1.^o Secretario, Cap. Luiz de Figueiredo Lobo, lavrei a presente acta que vai assignada por mim, juntamente com todos os membros presentes.

Rio de Janeiro, 16 de agosto, 934.

(aa) *Luiz de Figueiredo Lobo.*

Arthur Joaquim Pamphiro.

Dr. Roberto de Freitas Lima.

Braulio Ribeiro de Macedo Soares.

—
Acta da decima primeira Sessão de Directoria da Confederação Colombofila Brasileira.

As dezeseis horas do dia dezeseis de agosto de mil novecentos e trinta e quatro, reuniu-se em sua séde a Directoria da C. C. B., composta dos Snrs.: Major Arthur Joaquim Pamphiro, Presidente; Major Fernando do Nascimento, Fernandes Tavora, Vice-Presidente militar; Dr. Roberto de Freitas Lima, Vice-Presidente civil; Capitão Luiz de

Figueiredo Lobo, 1.º Secretario; Brau-lio Ribeiro de Macedo Soares, 1.º The-soureiro! Dr. Antonio Gomes de Mat-tos, 2.º Secretario; Dr. Leonidio Ri-beiro, 2.º Thesoureiro, representado pelo Snr. Vice-Presidente civil; Dr. Benjamin Rangel, vogal sobre concur-sos. Estando presente a maioria dos membros, a Directoria passou a deli-berar. Aberta a sessão pelo Snr. Pre-sidente, o Snr. 1.º Secretario lê a acta da sessão anterior que é approvada, em seguida lê o expediente, que con-stou de grande numero de officios en-viados á C. C. B., como das copias dos respostas que ficaram archivadas na Secretaria. O Snr. Vice-Presidente ci-vil, lê um officio da Sociedade Colombofila Luso-Brasileira, apresentan-do os documentos exigidos pelo Regu-lamento, pedindo filiação definitiva, como approvação d eseu mappa de treinamento e concursos (ramal de São Paulo) e Regulamento, o que é appro-vado, depois do exame dos referidos documentos, aguardando no entanto, o resultado das consultas feitas ao Club Colombofilo Carioca e Sociedade Bra-sileira de Avicultura, quanto a alguns Directores e associados da entidade em questão, cujos pombaes já se acham relacionados pelas S. B. A. e C. C. C. Ficando apôs as consultas citadas, a Sociedade Colombofila Luso-Brasileira filiada definitivamente á C. C. B., sob o numero 7 (sete), e seus pombaes com o indicativo G., seguido dos alga-rismos pela ordem. O Snr. Vice-Presi-dente civil, lê um officio da Sociedade Colombofila Brasil, no qual se acham annexadas as copias dos officios troca-

dos entre esta entidade, a Fabrica de cartuchos e munições S. A., e a Viação Aerea São Paulo, (Vasp.), no sentido de ampla divulgação de protecção e propaganda dos pombos correios; ten-do a entidade em questão conseguido satisfatoriamente o fim colimado, pro-poz o Snr. Vice-Presidente civil, que fosse enviado um officio de agradeci-miento á S. C. B., como fosse providen-ciado a remessa de mais 100 mil folhe-tos de propaganda e protecção para a mesma o que é approvado por unani-midade. O Snr. Presidente em breves palavras poz os demais membros da Directoria ao corrente da Conferencia havida com o Dr. Eduardo Duvivier, Presidente da Sociedade Brasileira de Avicultura, a qual esteve presente o Snr. Vice-Presidente civil, proondo, dados os resultados obtidos, dar por terminadas as irregularidades havidas por parte da Secção Colombofila da S. B. A., e pedindo que se archivasse a documentação a respeito, o que é ap-provado por unanimidade. Ficou re-solvido, enviar a todas as entidades filiadas, copias das instruções sobre exposições e concursos, afim de rece-berem sugesões antes da approvação em definitivo, dando para tal ás mes-mas entidades, o prazo de 30 dias. Ficou igualmente resolvido, enviar para as entidades filiadas de São Pau-lo, um certo numero de modelo 10 (requisições), afim de executarem seus treinamentos no ramal da E. F. C. B., para a disputa de um dos premios offerecidos pela Republica Argentina, em outubro proximo.

E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual eu, 1.º Secretario, Capitão Luiz de Figueiredo Lobo, lavrei a presente acta que vae assignada por mim, juntamente com todos os membros presentes.

Rio de Janeiro, 6 de Setembro, 1934.

(aa) *Luiz de Figueiredo Lobo.*

Arthur Joaquim Pamphiro.

Fernando do Nascimento Fernandes Tavora.

Dr. Roberto de Freitas Lima.

Braulio Ribeiro de Macedo Soares.

Dr. Antonio Gomes de Mattos.

Dr. Benjamin Rangel.

Treinamentos no Ramal de Minas | Raiz da Serra
Petropolis
Pedro do Rio
Juiz de Fóra
Sítio
Lafayette:

Treinamentos realizados por intermédio da C. B. C.

Entidade: - Clube Colombofilo Carioca, filiado sob o n. 1.

Treinamentos no Ramal de S. Paulo | Cachoeira
Pinda
Caçapava
Mogi
São Paulo.

Treinamentos no Ramal de Minas | Carandai
Lafayette
Burnier
Itabirito
Belo Horizonte.

Entidade: - Secção Colombofila da Sociedade Brasileira de Avicultura, filiada sob o n. 3.

Treinamentos no Ramal de S. Paulo | Belém
Barra Pirai
Barra Mansa
Rezende
Cruzeiro
Pinda
Caçapava.

Material a venda na sede da C. C. B.

<i>Anilhas de aluminio para o ano de 1934</i>		
.....	(Mil)	150\$000
<i>Anilhas de borracha para concursos</i>		
.....	(500)	35\$000
<i>Livros: Atas, Borrador, Caixa, Diario, Copiador, Entradas e saidas de materiais</i>	(Total) 309\$000
<i>Impresso modelo n. 1</i>	(10 folhas) 1\$000
<i>Impresso modelo n. 2</i>	(10 folhas) 1\$000
<i>Impresso modelo n. 7</i>	(10 folhas) 1\$000
<i>Impresso modelo n. 8</i>	(10 folhas) 1\$000
<i>Impresso modelo n. 9</i>	(10 folhas) 1\$000
<i>Impresso modelo n. 15</i>	(10 folhas) 2\$500
<i>Impresso modelo n. 17</i>	(10 folhas) 1\$500
<i>Cadernetas modelo n. 4</i>	(Uma) 4\$500
<i>Assinatura da "A Defesa Nacional", orgão oficial</i>	(ano) 18\$000
<i>Manual Colombofilo Brasileiro</i>	...	(um) 8\$000
<i>Os pombos correios e a defesa Nacional</i>	(um) 3\$000
		(Mais \$800 pelo correio).
<i>Regulamento da Confederação Colombofila Brasileira</i>	(Um) 1\$000